

Daquilo que não sabemos que sabíamos

Daquilo que não sabemos que sabíamos

Ateliê

(edições) M [barcode] S

de

sabemos

criação



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CULTURA

Daquilo que não sabemos que sabíamos

oares
der
e (Apolo)
reze
erque
cisco

Cigana)
iilo
ida
Paula
zes
es
s
tre
nta

eto
do
eira
alves
ho
an
ura
iro
lo
nyack

Daquilo que não sabemos que sabíamos

uquili

ressa

Ai
Ana Ceci
Ana Ra
Chaplin Cear
Batman
Camila All
Clá
Criz
Da
Davi F
Du
E
Miran
Flávia A
Gustavo
Hélio M
Iana S
Jeff S
Jorge S
Junio
M. D
Mari
Marí
Nágila
Plan
Rena
Sabr
S
Taís M
Tea M
zwanga ac

o que não é
sabíamos

Dados e informações sobre o

5053

FORNITURA - CE

Ativa

de

crédito

2 M (edições)

(apto)
Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta

2023

Daquilo que não sabemos que sabíamos

FORTALEZA - CE

Ateliê

de

criação

(edições) M  S

(Orgs.)

Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta

Sumário

7. Daquilo que não sabemos que sabíamos **10.** Aquilo que sempre soube e tudo que seguirá entre o mistério, o sonho e a vida / Iana Soares **14.** Abertura de Processo **16.** Gustavo de Paula **22.** Nágila Gonçalves **28.** zwanga adjoa nyack **34.** Sabrina Moura **40.** Tea Marcelo **46.** Lívio **52.** Duda **58.** Camila Albuquerque **64.** Danz **70.** Chaplin Cearense (Apolo) **76.** Jeff Santos **82.** Plantomorfo **88.** Sid **94.** Taís Monteiro **100.** Marília Oliveira **106.** Criznada **112.** Erika Miranda (Cigana) **118.** Pesquisa Curatorial / Felipe Camilo + Clébson Francisco + David Felício + Jorge Silvestre + Flávia Almeida + M. Dias Preto + Maria Macêdo **130.** Nutrindo o apocalipse do mundo de quem nos mata / Aires **136.** Da utopia materializar os sonhos (ou sobre as pequenas revoluções)/ Renata Froan **140.** Não digam que fui rebotinho: uma curadoria indisciplinar a partir de (e para) Carolina M. de Jesus/ Hélio Menezes **142.** Laboratório dos projetos impossíveis/ Ana Raylander **146.** O início, o meio e muitos fins / Batman Zarazeve **150.** Nunca é um ponto final / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta **154.** Registros da abertura de processo **174.** O novo MIS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A864 Ateliê de criação daquilo que não sabemos
que sabíamos / Organizadores: Ana Cecília Soares,
Júnior Pimenta.

180p.: il., color.

ISBN: 978-65-980056-0-3

1. Artes visuais. 2. Arte e tecnologia. 3. Criação na arte. 4. Formação em artes. I. Soares, Ana Cecília (org.). II. Pimenta, Júnior (org.). III. Museu da Imagem e do Som do Ceará Chico Albuquerque. IV. Título.

700.105

Índices para catálogo sistemático

1. Artes 700

2. Arte e tecnologia 700.105

Sumário

7. Daquilo que não sabemos que sabíamos	10. Aquilo que sempre
sober e tudo que se seguirá entre o mistério, o sonho e a vida / Jana Soares	14. Abertura de Processo
16. Gustavo de Paula	22. Nárcia Gonçalves
28. zwaga adias ovack	34. Sabrina Moura
40. Tea Marcelo	46. Lívio
52. Duda	58. Camila Albuquerque
64. Danz	70. Charlie Cearense (Apelo)
76. Jeff Santos	82. Plantomorfo
88. Sid	94. Taís Monteiro
100. Marília Oliveira	106. Crizpada
112. Erika Miranda (Cigana)	120. Pesquisa Curatorial / Felipe Camilo + Clébson Francisco + David Felício + Jorge Silvestre + Elávia Almeida + M. Dias Prado + Maria Macêdo
132. Nutrido e apocalipse do mundo de quem nos mata / Aires	138. Da utopia materializar os sonhos (ou sobre as pequenas revoluções) / Bonata Ernan
142. Não digam que fui rebotalho, uma curadora indisciplinar a partir de (e para) / Carolina M. de Jesus / Hélio Menezes	144. Laboratório dos projetos impossíveis / Ana Baylander
148. O início, o meio e muitos fins / Batman Zarazeva	152. Nunca é um ponto final / Ana Cecília Soares e Lúcio Pimenta
156. Registros da abertura de processo	174. O povo MIS

Daquilo que não sabemos que sabíamos

De outubro de 2022 a fevereiro de 2023, o Ateliê de Criação “Daquilo que Não Sabemos que Sabíamos” do Museu da Imagem e do Som Chico Albuquerque reuniu artistas que, selecionadas por meio do Edital OCUPA MIS, desenvolveram pesquisas de criação nas Artes Visuais e investigaram as relações entre arte, tecnologia e questões urgentes na contemporaneidade. O título do ateliê é inspirado na conferência “Línguas que não sabemos que sabíamos”, de Mia Couto. O escritor apresenta uma mulher que, já sabendo que estava perto da morte, pediu ao companheiro que lhe contasse histórias em uma língua desconhecida. Os dois passam a experimentar momentos de dúvida, espanto e descoberta. Inventam uma nova linguagem que cria ecos com memórias que nem sabiam que tinham. Mia Couto traz a dimensão do “caos seminal” no processo de criação artística. “Todos nós aspiramos regressar a essa condição em que estivemos tão fora de um idioma que todas as línguas eram nossas. Dito de outro modo, todos nós somos impossíveis tradutores de sonhos”, escreve.

O Ateliê de Criação foi um espaço de investigação e intercâmbio de experiências. Com ênfase na transdisciplinaridade, buscou aproximar, diluir e questionar as fronteiras e as barreiras existentes entre linguagens artísticas e outros campos do conhecimento, incentivando o hibridismo e as experimentações. O Ateliê contou

com a mediação dos artistas e pesquisadores Ana Raylander Martis dos Anjos, Batman Zavareze, Hélio Menezes, Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta, além do intercâmbio com a equipe do MIS.

Na mostra de abertura de processos, nos dias 24 e 25 de fevereiro de 2023, ocorreu a apresentação de 17 pesquisas de criação e 1 pesquisa curatorial, ocupando diversos espaços e telas do Museu da Imagem e do Som do Ceará.

Esta publicação, por sua vez, constitui-se como uma extensão do Ateliê, apresentando ao público em geral, uma parte da rica imersão vivenciada pelo grupo de artistas. Por isso, não foi pensada como um catálogo, mas como um livro, pautado em um recorte muito específico: o processo de criação dos artistas. Aqui, é possível entrar em contato com algumas das nuances e elucubrações atizadas ao longo do percurso, não, necessariamente, visíveis nos trabalhos exibidos na mostra de abertura de processos. Cada qual buscou selecionar aspectos pertinentes de suas poéticas que lhes conduziram ao chamado “resultado final” (pelo menos até o momento), porque como sabemos a criação de uma obra é algo que está sempre por fazer, um corpo orgânico nunca satisfeito e sempre voraz por experiência. Nesse sentido, o livro é uma porta de entrada ao mundo peculiar desses artistas, e, antes que se feche para abrir outras mais, entremos...



Artistas, professores e parte da equipe do MIS durante abertura de processo



Sumário

7. Daquilo que não sabemos que sabíamos	10. Aquilo que sempre
soube e tudo que seguirá entre o mistério, o sonho e a vida / Iana Soares	
14. Abertura de Processo	16. Gustavo de Paula
22. Nárcia Gonçalves	28. zwaga adica nyack
34. Sabrina Moura	
40. Tea Marcelo	46. Lívio
52. Duda	58. Camila Albuquerque
64. Danz	70. Chaplin Cearense (Apelo)
76. Jeff Santos	82. Plantomorfo
88. Sid	94. Taís Monteiro
100. Marília Oliveira	106. Crizpada
112. Erika Miranda (Cigana)	120. Pesquisa Curatorial / Felipe Camilo + Clébson Francisco + David Felício + Jorge Silvestre + Elávia Almeida + M. Dias Preto + Maria Macêdo
132. Nutrido e apocalipse do mundo de quem nos mata / Aires	
138. Da utopia materializar os sonhos (ou sobre as pequenas revoluções) / Bonata Ercan	142. Não digam que fui rebotalho, uma curadoria indisciplinar a partir de (e para) Carolina M. de Jesus / Hélio Menezes
144. Laboratório das ideias impossíveis / Ana Baylander	148. O início, o meio e muitos fins / Batman Zarazeva
152. Nunca é um ponto final / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta	156. Registros da abertura de processo
174. O povo MIS	

Aquilo que sempre soube e tudo que seguirá entre o mistério, o sonho e a vida

Iana Soares

Jornalista, fotógrafa e educadora. É coordenadora de Educação e Formação do Museu da Imagem e do Som do Ceará. Tem mestrado em Criação Artística Contemporânea pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Barcelona. Como Guimarães Rosa, ela quase que nada não sabe, mas desconfia de muita coisa.

10

Uma criatura vermelha desliza entre os monólitos. Outras chegam pelo mar. Duzentos aviões aguardam o momento do voo. Preta Simoa encara quem a observa, enquanto segura o fôlego para o retrato. Uma bandeira é fincada: Território Bantu. O azul toma conta do meu juízo, pedra sobre pedra. Saboreio o passado em um doce cor-de-rosa. Luzes piscam e revelam o que ainda não sei. Uma baleia dorme sob meus pés. Aprendo a sonhar com o sol e com as máquinas. Ruína, rastro, imaginação e quilombo. É tudo realidade, eu vi.

Desde que o Museu da Imagem e do Som do Ceará lançou o Ateliê de Criação Daquilo que não sabemos que sabíamos, como parte do primeiro Edital OCUPA MIS, tenho experimentado sonhar em outras cabeças e fazer caber, no corpo e nos dias, os devaneios e as utopias de uma multidão. Se por um lado uma chamada pública para a participação de um processo de formação coletivo aponta os limites de uma experiência, ao propor um tempo, um lugar e uma entrega, por outro, a coexistência de tantos desejos opera transformações a cada passo. Na caminhada, alargamos as estradas, os corações e as políticas públicas.

Fecho os olhos. Volto à mesa comprida onde estivemos tantas vezes de outubro de 2022 a fevereiro de 2023, sob a terra, dentro do mundo. Dentro de um museu que existe há 43 anos e que, há um ano, nasceu de um jeito novo. Nasceu para nascer muitas vezes mais, como nasce agora, nestas páginas que guardam o instante em que escolhemos estar juntas. Um museu que se propõe a ser um ateliê de criação aprende com a coragem de quem faz da pesquisa em artes um lugar de invenção da vida. É corajoso e vivo, também, pois se ergue concretamente maleável e poroso aos mundos que existem dentro e fora de si.

Neste texto que chega no suposto fim de um percurso, quero comemorar o entre, o meio, a mediação, o processo, o encontro. Celebro o que nos escapa e nem sempre está nas narrativas gloriosas, no catálogo, no texto da

parede. Aquilo que ilumina discretamente a memória e o futuro. A vulnerabilidade daquelas que arriscam dar nome, forma e afeto ao que ainda desconhecem e que, por intuição e trabalho, é revelado. Honro o conflito, o impasse, o fluxo, a permanência na travessia. A voz e a escuta. A pausa, o silêncio, o medo, a dúvida. Alegro-me com o erro, a mudança na rota, o movimento. Chegamos até aqui e em muitos lugares.

Deixo, na página, a certeza de que já não sou quem era. Estou atenta e investigo tudo que se moveu em mim e em nós, que somos trabalhadores, artistas, mediadores, curadores, educadores e, como disse Mia Couto em sua conferência “Línguas que não sabemos que sabíamos”, impossíveis tradutores de sonhos. Alegro-me com a comunidade que criamos e com tudo que questionamos, inventamos e aprendemos.

Desejo que as descobertas e as criações deste Ateliê possam reorganizar os absurdos do mundo, de maneira efêmera e eterna, com sutileza e força, para que as existências sejam cada vez mais abundantes e diversas. Desejo que possamos viver os sonhos em vida, muitas vezes. Desejo que a liberdade, a justiça social, a garantia de direitos e a saúde façam parte das estruturas das artes, do trabalho e dos museus, cotidianamente.

Sempre soube que esta experiência entrecruzaria com beleza muitos tempos, histórias e territórios. Este Ateliê é, desde o início, acervo e patrimônio e, antes do fim, já anuncia que outras pessoas e pesquisas virão. Tudo é mistério, mas novos sonhos já estão em curso e, em breve, ocuparão a sala imersiva, os corredores, a praça, as telas, as páginas e as nossas vidas.

Sabemos.

Iana Soares, durante oficina da artista Ana Raylander Martís dos Anjos

foto: Deivyson Teixeira





Sumário

7. Daquilo que não sabemos que sabemos...	10. Aquilo que sempre
soube e tudo que se seguirá entre o mistério, o sonho e a vida / Jana	
Soares	14. Abertura de Processo
	16. Gustavo de Paula
	22. Nágila Gonçalves
	28. zwanga adjoa nyack
	34. Sabrina Moura
	40. Tea Marcelo
	46. Lívio
	52. Duda
	58. Camila Albuquerque
	64. Danz
	70. Chaplin Cearense (Apolo)
	76. Jeff Santos
	82. Plantomorfo
	88. Sid
	94. Taís Monteiro
	100. Marília Oliveira
	106. Criznada
	112. Erika Miranda (Cigana)
	120. Pesquisa
Curatorial / Feline Camilo + Clébson Francisco + David Felício +	
Jorge Silvestre + Flávia Almeida + M. Dias Preto + Maria Macêdo	
132. Nutrido o apocalipse do mundo de quem nos mata / Aires	
138. Da utopia materializar os sonhos (ou sobre as pequenas	
revoluções) / Renata Froan	
142. Não digam que fui rebotinho: uma	
curadoria indisciplinar a partir de (e para) Carolina M. de Jesus /	
Hélio Menezes	
144. Laboratório dos projetos impossíveis / Ana	
Bavlander	
148. O início, o meio e muitos fins / Batman Zarazeva	
152. Nunca é um ponto final / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta	
156. Registros da abertura de processo	
174. O novo MIS	

Abertura de Processo

O Ateliê de Criação “Daquilo que Não Sabemos que Sabíamos” reuniu, durante 4 meses, um grupo de artistas com pesquisas poéticas, envolvendo temáticas que perpassam as relações entre arte, tecnologia e questões urgentes na contemporaneidade. A seguir, apresentamos parte dos processos de criação gerado, dentre outros aspectos, pelos encontros e intercâmbio de conhecimentos proporcionados pela experiência do Ateliê.

Abertura de processo

Gustavo de Paula

Nárcia Gonçalves

Zwanga Adina Nyack

Sabrina Moura

Tea Marcelo

Lívio

Duda

Camila Albuquerque

Danz

Chaplin Cearense (Apolo)

Jeff Santos

Plantamorpha

Sid

Taís Monteiro

Marília Oliveira

Criznada

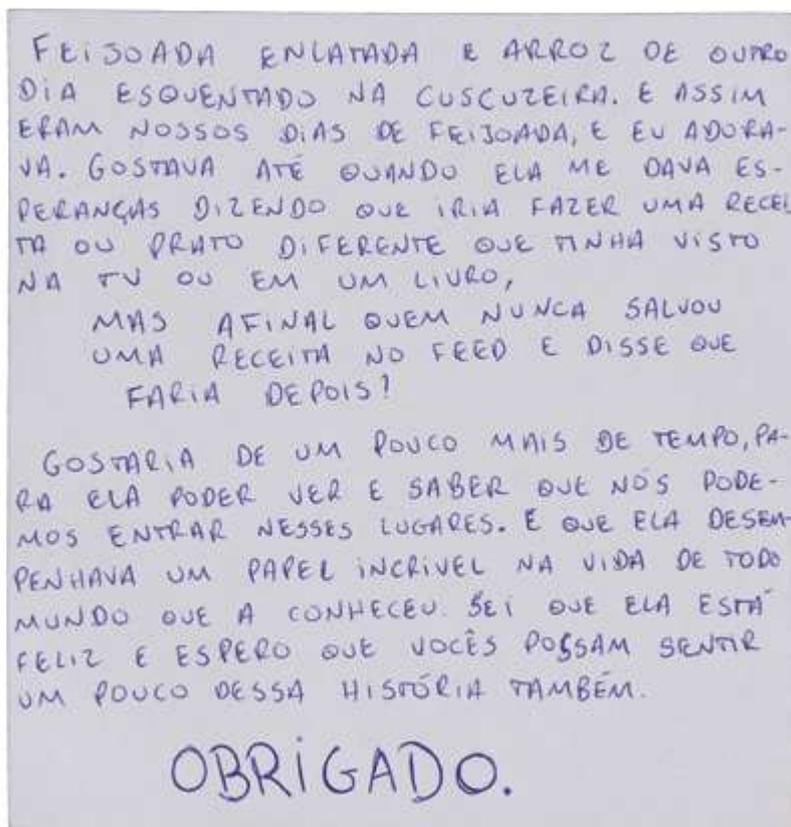
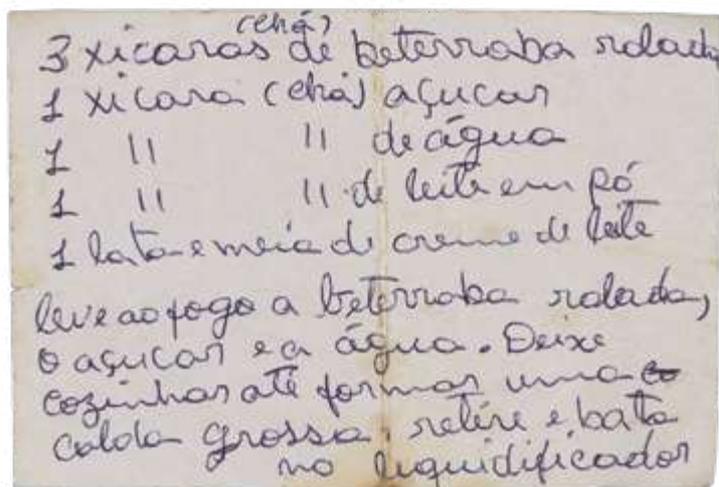
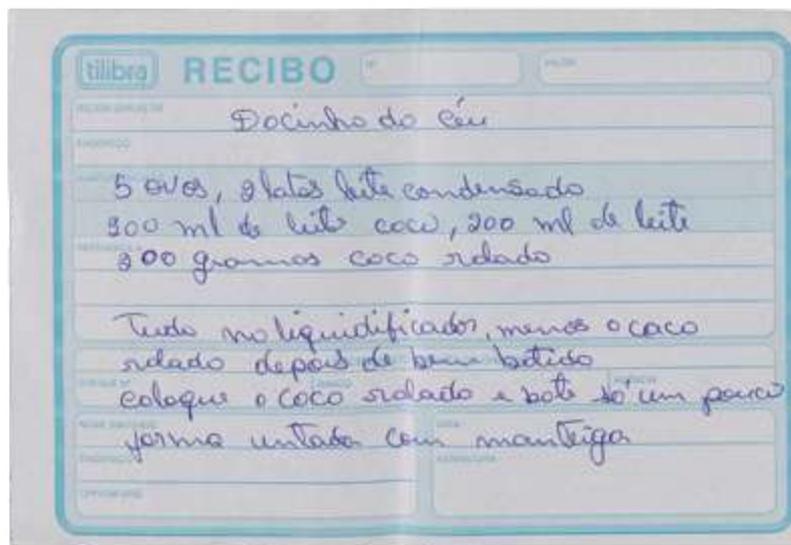
Erika Miranda (Cigana)



Artista jovem que iniciou sua jornada com essa obra ancestral instalativa, a qual reuniu os cadernos de receita de sua avó, entre escritos e recortes, tentando resgatar memórias coletivas das pessoas que o acompanharam em sua infância ou em outras fases de sua vida, sobretudo, a avó, figura essencial em sua formação como ser humano.



O trabalho reúne os cadernos de receitas da avó do autor, os quais são compostos por escritas, recortes e colagens, e que ele apresenta juntamente com as histórias que envolve sua própria jornada neste processo, mesclando ancestralidade e atualidade, pois traz debates a respeito da representação não só de sua avó como de muitas outras, por saber dos estigmas que essas personagens enfrentaram e enfrentam.





BOLLO MILHO

2 xícaras e meia de
flocos de milho
2 colheres creme leite
2 colheres sopa açúcar
3 colher (copo) fermento

forma untado com
margarina - forno 150 graus

Minha Mãe era uma pessoa maravilhosa
Se eu pudesse voltar no tempo faria tudo
diferente que penso que não posso voltar atrás
Sinto falta de conversa com a jinhora
Sinto falta das nossas conversas dos seus
conelhos
Sinto falta dos finais de ano quando nos
je reunia e vamos todos pro centro fazer
aquela festa nas lojas KKKKK
Sinto falta do seu banguê que a jinhora
sempre fazia todos os fins de ano.
Ah minha Mãe não tenho palavras para
te descrever pois a jinhora foi e sempre
para tudo fora mim e espero que um dia
podamos nos encontrar

Minha mãe, Era muito legal
boa gente, gostava de costuras pintar
tecido. Se não gostava de fazer as coisas
de casa. ex: comida, arrumar casa,
lavar roupas, o café dela era horrível.
a comida até não me se fala.
Se eu sei o que sei sobre cuidar de uma
casa, não foi com ele que eu aprendi
boa esposa cuidadora com meu
pai, cuidava bem dos netos,
a ~~briga~~ lembrança que
eu tenho e guardo até hoje, e um
rabisco no papel, quando completei
37 anos ele me escreveu:
Parabéns ~~de~~ Você era uma florzinha
que agora desabrochou, e enfeitou
meu jardim.

ESTE TRABALHO É, ANTES DE TUDO, SOBRE AGRADECIMENTO. NÃO DE PESSOAS, PRA PESSOAS, MAS PARA UMA PESSOA ESPECIAL DONA MARIA

MAS UMA, ENTRE MUITAS MARIAS DESTA PAÍS E QUE POSSUEM TANTAS HISTÓRIAS A SEREM CONTADAS, É SOBRE MINHA MARIA FIEMO DE PAULA. ELA ME INCENTIVOU, DE TODAS AS FORMAS QUE PODE, EM FAZER EU ESTUDAR E SER UM BOM ALUNO, MESMO ELA SENDO FEIA SÓ ATÉ A QUINTA SÉRIE.

É UMA FORMA DE MOSTRAR PARA ELA QUE O SEU NETO, QUE FICAVA TÃO ANSIOSO PARA AS VISITAS AOS MUSEUS, ESTÁ NOVAMENTE UM, ANSIOSO COMO NUNCA, MAS AGORA PODE ESTAR CONTANDO UM POUCO DA HISTÓRIA DELA

É UMA FORMA DE AGRADECER AS COMIDAS QUE ELA PREPARAVA, MESMO EU SABENDO QUE MUITAS VEZES ELA ESTAVA SEM SACO NENHUM PARA FAZER, E SÓ O QUE ELA GOSTAVA DE FAZER ERA COMPARAR UMA FEIJOADA ENLUTADA.





Abertura de processo

Gustavo de Paula

Nágila Gonçalves

zwanna adina uspek

Sabrina Moura

Tea Marcelo

Lúcio

Duda

Camila Albuquerque

Danz

Charlin Cearense (Anolo)

Jeff Santos

Plantamorpha

Sid

Taís Monteiro

Marília Oliveira

Criznada

Erika Miranda (Cigana)

Graduanda em Licenciatura de Artes Visuais no IFCE, fotógrafa, arte-educadora e produtora cultural. É também artista-pesquisadora na área da imagem no ensino da arte, criadora da “Imaginário Visual”, um espaço de experimentação e criação em pintura e cianotipia.



foto: Nágila Gonçalves



foto: Nágila Gonçalves, Leo Silva e Luciana Silveira

Casa corpo em memória Anhamum

Os processos de construção criativa desenvolvida durante o ateliê de criação partem da elaboração de conciliamento entre memória individual e memória coletiva, levando em conta metodologias de análise teórica, autobiografia em registros fotográficos de álbuns de família, registros de objetos afetivos, experimentações fotográficas e investigação a partir da questão: “o que é a memória?”. Respondo que a memória me ocasiona pela convivência e solidão com a cidade, a forma como registro imageticamente os movimentos ou, simplesmente, os esqueço no tempo. Assim como recorro, a memória fotográfica do design de um portão velho escorado na casa de minha infância, ou como construir de forma imaginária a narrativa visual de como fora a infância de minha avó nos Inhamuns, a partir dos seus relatos verbais. Algumas memórias foram apagadas de forma intencional, mas, todas elas foram a criação de passados, daí a importância da imaginação no processo de observação de todas essas memórias individuais, mas, que também, são memórias coletivas. Marias, Cleides, Antonias, Fátimas, Nildas, Ritas e Vângelas, todas filhas dos Inhamuns.









Abertura de processo

Gustavo de Paula

Nárcila Gonçalves

zwangá adjoa nyach

Sabrina Moura

Tea Marcelo

Lúcio

Duda

Camila Albuquerque

Danz

Charlin Cearense (Anolo)

Jeff Santos

Plantamorobo

Sid

Taís Monteiro

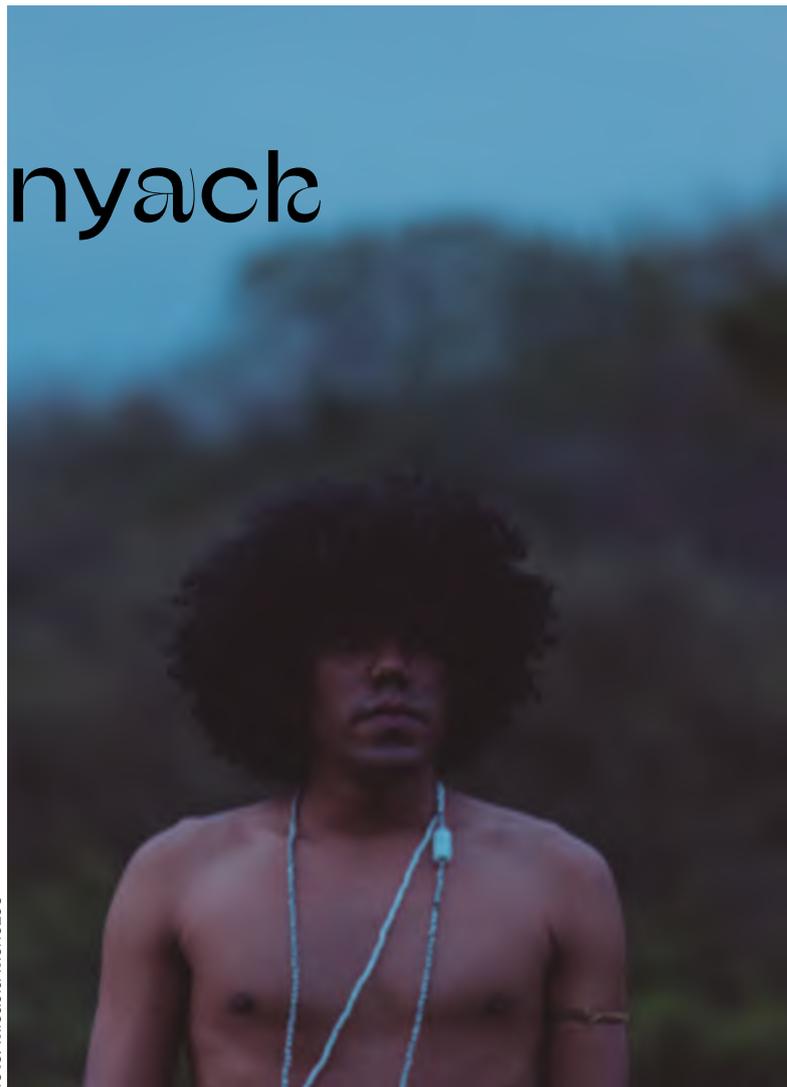
Marília Oliveira

Criznada

Erika Miranda (Cigana)

marakanauense, antropóloga, professora e artista multilinguagem com ênfase na performance-ritualística, aparição, artes visuais e escrita. Trabalha com a valorização de sua ancestralidade afrikana e indígena, esta última sendo retomada a partir da ave marakanã.

foto: Micaela Menezes



Assentamento.

Sou cria do Acaracuzinho, bairro presente na Área de Desenvolvimento Local V, localizado no município de Maracanaú. Sempre senti na minha corpa a estranheza que minha presença causava nos espaços. Geralmente vinha acompanhada da sensação de nunca ver corpos pretos/as/es iguais ao meu na história local, narrada e apresentada para nós no único livro didático existente na cidade, datado dos anos 1990, e distribuído nas escolas públicas municipais. Essa estranheza se transformou em uma angústia constante, pois não me via na história oficial da cidade, mas sim nos outros corpos que ocupavam o cotidiano do território.

Os meses se passaram e eu não estava conseguindo materializar minhas produções no ateliê. Entendi que estava sendo consumida pelas demandas do “Neoliberalismo” (como tanto me falam Lucas Dilacerda e Aline Albuquerque) e que isso estava me impedindo de seguir criando arte, vida e também de me conectar com meus ancestrais. Ora, não fiz nada durante um tempo, porque meus trabalhos são a junção de arte, vida e espiritualidade (afrikana e nativa). Entendi que tinha que fazer diferente para voltar a fazer o mesmo. E, assim, o fiz. Percebi que não estava mais a fim de pegar minha bicicleta e sair percorrendo pelo município de Maracanaú com um bandeira. Eu queria mesmo era experimentar a bandeira. Dançar com ela, sentir o vento e também ficar inerte com a ausência do mesmo. Entendi que a bandeira fazia parte do meu corpo. Este corpo que tenho apontado como um

corpo–documento, que comprova minha existência física, cultural, política e também coletiva. Um corpo–documento que atesta a presença negra a partir de si próprio em um município onde 70% da população se autodeclara negra (preta e parda), mas que não há nenhum documento oficial (eles dizem) que fale sobre a gente, sobre a nossa participação na construção da cidade. Não existimos na história deles.

Passei, assim, a experimentar os elementos que queria utilizar para a ação. Como faria a bandeira? Qual tecido? Qual tipo de tinta? Seria ela manual? Ou poderia ser impressa a partir de uma digitalização? Coloquei meu corpo pra jogo artístico. Usei algodão cru, desenhei neste tecido, odiei o resultado. Fiz um mapa da cidade na bandeira, mas depois percebi que não ficaria muito inteligível e que não haveria diálogo, talvez só um impacto (vazio e momentâneo). E tudo bem ser assim, só eu que não queria isso mesmo. Quero ir além, mais afundo. Peguei a primeira versão da bandeira, colei num cabo de vassoura, corri para o terreno baldio do lado da minha casa no Canindezinho (bairro que faz fronteira entre Maracanaú e Fortaleza), e comecei a balançar a bandeira para sentir seus movimentos, para ver se me agradava. Percebi que estava me tornando uma só. A bandeira como extensão de mim. Como um gesto de anúncio, para além da própria afirmação. Nesse momento, comecei a recitar a poema que encerra este texto “eu pertença aqui (?)”. Tudo se encaixou.

A ancestralidade me disse que disse em sonho que esse gesto era um

gesto de assentamento. Eu deveria pôr as bandeiras na própria Maracanaú. Assentar, para as comunidades negro-africanas, significa fortalecer o laço espiritual. Uma conexão direta com o ancestral daquele lugar. Uma espécie de reconhecimento, respeito e (auto)cuidado. Demonstração de zelo pela terra escolhida. A bandeira branca hasteada com uma vara de bambu é a forma de comunicação que os ancestrais encontraram, no período de perseguição explícita e em massa das suas religiosidades, de que no lugar onde fosse possível ver a bandeira sendo tocada pelo vento, de que ali era um lugar de manifestação cultural e religiosa negro-africana, consequentemente, também política.

Neste trabalho, assentar tem esse sentido, próprio das matrizes africanas, mas também, assume um outro caráter: assentar enquanto um ato afirmativo da existência da coletividade negra em Maracanaú. Não à toa, fiz questão de assentar as bandeiras em lugares onde há uma predominância de pessoas negras e indígenas, ou onde tiveram uma contribuição significativa dessas comunidades:

Canindezinho. Acaracuzinho. Praça da Estação. Reserva Indígena Pitaguary.

Lugares estes que foram apagados pela história oficial da cidade. Pouco ou quase nada se fala deles e tampouco de quem os construiu e ainda os habitam. Mais uma faceta do famigerado genocídio da população negro-africana. Se em outros trabalhos, minha entrada no pluriverso artístico-ritualístico, “Mianzi” e “Tulusula”, produzidos entre 2021 e 2022, respecti-

vamente, com colaboração de Léo Silva, e “Retorno”, também de 2022, eu venho realizando uma série de sacudimentos na historiografia desta cidade, para que as narrativas anticoloniais pretas e nativas ganhem força e espaço na cidade, este que apresento neste momento é o segundo passo: afirmação, enraizamento, nutrição e comunicação. Pela via da terra. Como me ensinou Tateto Kaviungo.

Também mergulhei bastante no universo dos tipos de bambus que eu poderia utilizar. Até que cheguei a conclusão de que o melhor tipo, para o meu caso, era o bambu Cana da Índia, por ser mais fino e ter um diâmetro que permite fixar bem no chão, ao passo que se movimentava com o mais leve dos ventos.

A ancestralidade me contou o que queria comer e o que queria ouvir, ao mesmo tempo que me ensinou o que eu deveria fazer para o assentamento acontecer de forma real e respeitosa para aqueles que vieram antes e para as que estão por vir. A comunicação estava a todo vapor.

Tateto Njila. Tateto Nkosi. Tateto Kavungo. Tateto Nlembá.
Encruzilhada. Caminhos. Terra. Sabedoria. Padê. Pipoca. Milho branco. Pembele Mukixi.

No momento de realização da ação performática-ritualística, da instalação das bandeiras nos quatros cantos mencionados acima, pude perceber as diversas formas com que a população



local interagiu com a ação. Independente do lugar, com menor ou maior presença de transeuntes, as pessoas paravam alguns segundos para ver o que estava acontecendo. Dava para perceber o quanto elas se esforçaram para ler a frase escrita na bandeira nos momentos em que não havia muito vento. Quando o vento aparecia e elas liam a frase de imediato a expressão em seus rostos também eram variadas. Alguns demonstravam estranhamento e confusão, por não saber exatamente o que significava o termo “bantu”. Houve um senhor, na Praça da Estação, que ficou observando todos os movimentos que eu e Léó Silva, que fez o registro Audiovisual e fotográfico das ações, estávamos fazendo. Senti sua energia direcionada para a gente assim que chegamos. Rodamos a praça inteira procurando o melhor lugar para realizar a intervenção, conversamos com alguns trabalhadores que estavam na obra do monumento onde ficava a estátua de São José, padroeiro da cidade, e que me autorizou a subir na estrutura para que eu tirasse uma fotografia lá de cima balançando a bandeira. Este senhor, que até se levantou de onde estava para ver o que eu estava fazendo lá em cima, assim que eu desci e escolhemos o lugar, veio até mim e o Léó, e perguntou o sentido do termo “bantu”. Ele nem conseguia pronunciar a palavra. Prontamente o respondi, dizendo que o termo fazia alusão aos grupos étnicos-políticos-culturais africanos que foram os primeiros a chegar no Brasil e também os responsáveis pela formação e desenvolvimento da sociedade cearense e maracanauense. Em seguida, o senhor balançou a cabeça como quem demonstra entendimento e saiu levando sua bicicleta.

Além desse senhor, outras pessoas também interagiram conosco de formas diferenciadas. Houve uma senhora que ficou do meu lado, observando tudo o que eu fazia. Ficou ali por um tempo e depois saiu sem dizer nada. Um casal jovem, também, passou por nós, e na medida em que faziam isso foram diminuindo o passo como demonstração de interesse e de quem queria ver mais, mas não podia parar por um instante.

Apesar dessas interações e de tantas outras, gostaria de retomar ao senhor e ao seu estado de interesse e confusão simultâneos. Para mim, a sua pergunta e fala são reflexos de toda a violência que este município operou contra as comunidades negras aqui presentes. Não só o município como o próprio país. Tenho dito por aí que o que acontece no âmbito nacional se mimetiza no âmbito municipal. O mesmo percentual populacional e as mesmas tentativas de aniquilação da mesma. Não nos contaram que existíamos. Que haviam mais dos nossos, que possuímos uma história e que fomos responsáveis pela verdadeira construção desses lugares.

E quando somos encarados com esta outra versão sentimos estranheza, pois ela nos desloca. Nos apresenta outras palavras, outras direções e sentidos. E isso nos paralisa ao passo que rapidamente nos fortalece. Eu saí daquela ação mais fortalecida e crente que o diálogo estava acontecendo. A comunicação foi feita e o entendimento provocado. Para quais direções a bandeira apontou? Quantas pessoas se intrigaram? Após 7 dias elas permaneceram nos mesmos lugares? Quantos mais foram firmados e reconhecidos juntamente/a partir da bandeira?

eu pertença aqui (?)

eu pertença aqui
habitando por entre Santo Sático, Acaracuzinho, Coqueiral,
Piratininga e Alto da Picada
eu pertença aos contornos não geográficos desse lugar
a sola do meu pé
ao tocar nesse solo vermelho
intercalado de feixes de piche
instalados pela industrialização desenfreada
tocando nesse solo
o meu corpo reconhece esse lugar
sente a energia do sangue negro, indígena derramados neste
chão
em nome da industrialização
da minha boca não precisa sair nada
o meu corpo reconhece esse lugar
ele sabe como quer ocupar esse lugar
corre por entre minhas veias
memórias de coisas que não vivi
mas que reenceno quando começo a ouvir
o vento tocando as folhas
o som do metrô chegando na próxima estação
o canto distante e profundo das maracanãs
o zumbido da bomba hidrelétrica do açude Santo Antônio do
Pitaguary
nesses instantes
meu corpo me lembra
eu pertença aqui
aqui
que é hoje
amanhã
e ontem
que sou eu
minhas sobrinhas
meus ancestrais
a procura dos meus
reencontro-os no eu
isto não é psicanalítico
é epigenético
trauma coletivo
que se reatualiza em mim
eu pertença aqui (?)

Abertura de processo

Gustavo de Paula

Nárcila Gonçalves

zwanga adina nyack

Sabrina Moura

Tea Marcelo

Lúcio

Duda

Camila Albuquerque

Danz

Charlin Cearense (Anolo)

Jeff Santos

Plantomorfo

Sid

Taís Monteiro

Marília Oliveira

Criznada

Erika Miranda (Cigana)

Fotógrafa e professora. Desenvolve processos experimentais de fotografia analógica, tais como, a cianotipia, a fitotipia, antotipia, lumem print, dentre outras técnicas. O seu trabalho está ligado às suas memórias afetivas e ancestralidade.

Há uma maré cheia em mim, revolta. (Ano de 1881)



Projeto: Mar de Simoa
Artista: Sabrina Moura
Técnica: Cianotipia
Ano: 2023

Sobre o projeto Mar de Simoa: este é um trabalho de pesquisa biográfica pela fotografia experimental em movimento heurístico sobre as mulheres negras em contexto de escravidão no Brasil, com destaque para o Ceará, em ato de reconstituição histórica e política em narrativa contra hegemônica do processo de escravização de sujeitas e sujeitos vindxs de África para o Ceará. A tematização geradora é mobilizada pela biografia-imagem de Preta tia Simoa, mulher negra atuante na mobilização comunitária que deu origem a “Greve dos Jangadeiros” de janeiro de 1881, quando se decretou o fim do embarque de escravizados negros através do porto de Fortaleza, definindo os rumos para a abolição da escravidão no estado do Ceará, que se efetivaria três anos mais tarde em todo o território.

Jangadas ao mar, despojo de pele negra. (Tempos de escravidão)



Arrecifes de luta comunitária. (Greve dos Jangadeiros)



Dragões forjados, reconto. (Uma história mal contada)



Terra da Luz Liberto. (Libertação dos escravizados no Ceará)



Eu, Preta Simoa. (Biografia social)

Abertura de processo

Gustavo de Paula

Nárcia Gonçalves

Zwanna Adina Nyack

Sabrina Moura

Tea Marcelo

Lúcio

Duda

Camila Albuquerque

Danz

Chaplin Cearense (Anolo)

Jeff Santos

Plantamorpha

Sid

Taís Monteiro

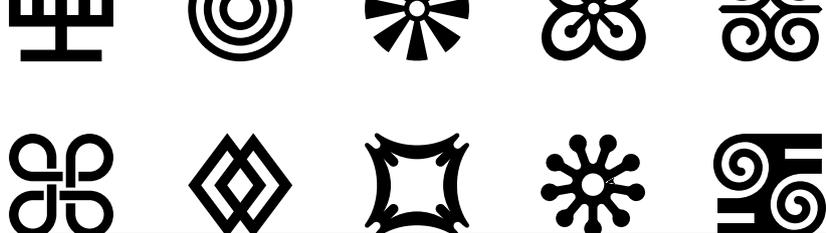
Marília Oliveira

Criznada

Erika Miranda (Cigana)

Escrevente-sobrevivente, hoje, retirante na capital, é professore de língua e literaturas brasileiras, poeta, cineclubista, fazedore de arte com forte identidade criativa e produtor cultural. Cê me ouce cantar por aí?

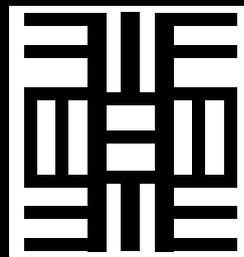
40



FALAR-PENSAR PRETUGUÊS

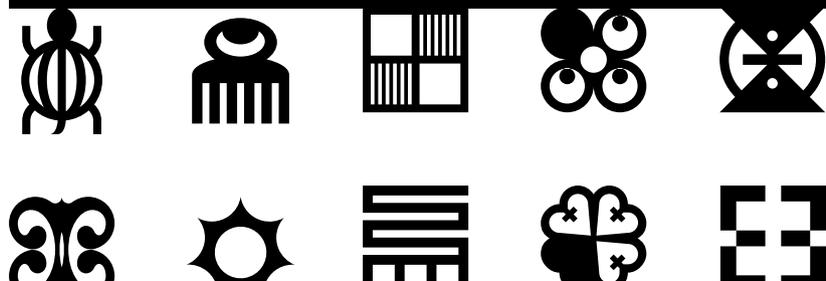
MOVIMENTOS E PRESENÇAS
NEGRO-BRASILIANAS NO SIARÁ

por Tea Marcelo



“aquele que não sabe pode aprender”

NEA ONMIN NO SUA A, OHU



O labirinto que atravessei pra estar aqui vive é parte do sonho de meus ancestrais que fabularam e lutaram por um mundo onde nós, pessoas de cor, pudéssemos existir; um mundo onde nossas histórias fossem contadas com orgulho, com amor e pertencimento. **Eu sou o sonho dos meus ancestrais** e aqui – nesse projeto em andamento – estou viva, e ainda escrevendo junto a “mis hemanes” esse mundo sonhado outrora por mis antepassades. Falar-pensar pretuguês, antes de tudo, é a prova daquela e daquele africano que trouxe na língua-cultura de seu povo, sua marca pra essas terras brasileiras. Nas cosmologias amefricanas, há a inclusão dos elementos excluídos pela branquitude colonizadora, tal qual nas giras de Umbanda, onde o **‘povo da rua’**, os **‘pretos velhos’**, os **‘caboclos’**, **‘ciganas’** e **‘pombas giras’** baixam pra ensinar, proteger, acolher, cuidar e guiar.

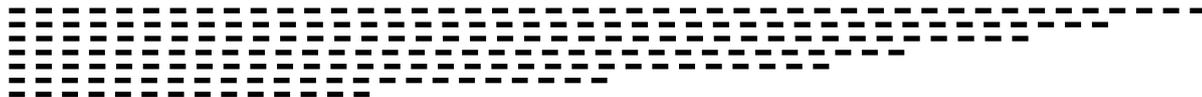
Estar no Museu da Imagem e do Som do Ceará, como num projeto impossível, é a oportunidade de construir narrativas – ou **falar-pensar** – a partir do ponto de vista de pessoas negras brasileiras, em especial de pessoas negro-cearenses. Os museus assumem importante papel na interpretação da cultura; e com tal característica, são ferramentas institucionais que legitimam saberes e preservam memórias e presenças – desmemória e ausências também – e aquilo que, muitas vezes, é oferecido pra gente, pessoas negro-brasileiras, ainda não é suficiente.

“Cumé que a gente fica aqui no Siará? Quando é que eu vou ouvir os meus cantá?”

É certo ou errado falar assim?

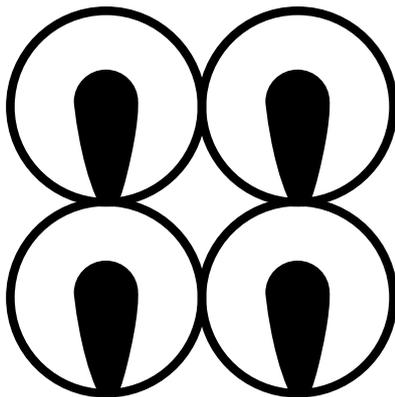
Como diria Conceição: “Eles combinaram de nos matar e a gente combinamos de não morrer!” E estamos vivos quando falamos e resgatamos nossas memórias ladino-amefricanas; quando, da vida negra pulsante nas tradições do cotidiano, promovemos as tecnologias ancestrais de sobrevivência, pra não esquecer ou deixar ser esquecido o que já sabemos, o que já é nosso. É preciso sankofar! Tornar verbo, por em ação.

Realizar o projeto **‘falar-pensar pretuguês: movimentos e presenças negro-brasileiras no Siará’** é botar em prática um projeto dito, muitas vezes, como impossível pra pessoas como eu; falar-pensar pretuguês é criar novos mundos e perspectivas pra nosso povo, é criar a oportunidade de romper com descrições hierarquizadas que a colonialidade impôs aos africanes e a diáspora africana, assim como Lélia já apontava. É um projeto conceitual que não somente discute as urgências do mundo, mas também age ativamente pra mudanças sociais a caminho de um mundo melhor. Em uma explosão criadora que contrasta com a história e o sujeito branco, masculino, cisheteronormativo, proprietário, cristão, sem deficiência e de origem norte-atlântica que sempre teve espaço nos museus.



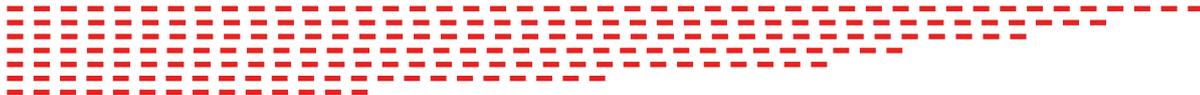
POR QUE NÃO “FALAR-PENSAR PRETUGUÊS”?
EU FALO PRETUGUÊS! VOCÊ FALA PRETUGUÊS!
TODO MUNDO, AQUI, FALA PRETUGUÊS!

daqui de dentro, depois dessa travessia, estou mais segura que posso e devo estar aqui com vocês. E sei: se eu não contar minha história, ninguém contará? Se eu não cantar minha história, quem cantará? E as mesmas portas que se fecham, faremos abrir! **Exu abrirá.** Fazar arte, ver arte e contextualizará arte, num olhar prolongado.



“o que eu ouço, eu mantenho – eu entendo”

MATE MASIE



A utilização dos ditos populares é uma das tantas maneiras de manifestar a oralidade e isso possui um valor muito significativo pra os povos africanos e seus descendentes, pois embora conheçamos e utilizemos diversas formas de escrita, enalteçamos o poder da palavra dita, como forma de garantir e preservar ensinamentos. Assim, a oralidade está ligada à arte de falar, mas também à capacidade de escutar. Como no adinkra “mate masie”: dois pares de olhos bem abertos e os ouvidos a considerar o que outra pessoa diz: **o que eu ouço, eu mantenho – eu entendo.**

Então, tô falando de aprender, compreender, assimilar mentalmente, mas também tô falando de captar, confiscar e capturar nas estruturas hierárquicas o adaptar-se no poder da palavra, na invenção da técnica e poética. Me entende? Você consegue me ouvir cantar por aí? Dizem que o Ceará não conhece o Ceará, eu

discordo, falei até com mainha. Ela discorda também. “Cante lá que eu canto cá”, diria Patativa. Cê discorda co’a gente? Se avexe não, fique mais um cadinho que por aqui são outros 500.

E fazer-pensar um projeto que traga em suas bases a língua, história e discursos de uma população que sempre foi deixada à margem da sociedade brasileira já é um desafio por si só; pensar-fazer esse projeto pra ser exibido dois andares abaixo, no subsolo de um museu situado no metro² mais caro da capital, no nordeste brasileiro, sul global, é, mais uma vez, uma experiência contraditória que estou/estamos e precisamos estar dispostes a empreender. E lá pelos anos de 2022, lembraremos que as pessoas ainda se interessam por coisas que nunca fizeram. Umas tentando ir a Marte, outras lutando por Fome Zero. E todes farão, igual mia mãe que sempre diz: “aquele que não sabe pode aprender saber”.

– Aquele que nunca fez, pode aprender fazer!

– E o que eu faço?

– Sonhe!

Mas quem de fato pode fazer? Me pergunto enquanto venho aqui. Nessas letras, imagem e som. Porque, pra mim, foi mais de hora pra chegar até aqui, vim de ônibus e o coração pensando no pão que hoje não tem, hoje não tem. **NÃO TEMOS VAGAS!** Sou retirante, eu vim de longe daqui, pr'essa quimera Brasil e quando vi já estava a caminho do mar. É mais de hora pra chegar até aqui. Do lado de fora tem o sol. Cê consegue ver? E eu vim sorrindo de batom vermelho. "Seu destino está a 49 paradas", diz a voz robotizada. E ainda é meado das 14. Eu chego às seis ou dezesseis? Dizem que seis. É de beber esse cafézin? Ó o mei! Arrodeia aqui um tiquim! Bora, vem você também comigo!

Espero que a experiência imersiva no "falar-pensar português" amplie nosso interesse, como pessoas cearenses, pelo fascinante universo da língua e cultura negro-brasiliana. A compreensão dos mecanismos da língua aprimora nossas possibilidades de reflexão e expressão no mundo. Nos ajuda a explorar nosso potencial criativo e a construir recursos pra transformar aquilo que está no plano da imaginação em obra concreta que reúne, desde já, é movida por um grande desejo de reparar alguns maus feitos na

história e educação brasileira, libertando mundos aprisionados sob a língua portuguesa. Vocês me entendem até aqui? A língua como instrumento de poder, de dominação. Motivo de exclusão e de morte. E por aqui é 1400. **Sempre foi assim?**

E te digo: embarcar nessa jornada, jangada possibilitada pelo MIS-CE, no ateliê de criação, foi a oportunidade de aprofundar e ancorar, ainda mais, minha pesquisa no falar-pensar português; me fazendo construir soluções técnicas e discursivas pra que o projeto se concretize e reverbere as nossas negras palavras de cor, nas brancas paredes do Museu da Imagem e do Som do Ceará. O ateliê é este espaço de aprendizagem e de trocas artísticas que soma muito a meu processo criativo e profissional.

Falar-pensar em português, em especial, escrever em português seria essa forma de mostrar o que se foi ocultado, aquilo que ficou submerso em movimentos e presenças negro-brasilianas. Mas quem pode realmente mostrar tudo isso? A gente pode mostrar tudo isso!? Pensei ser impossível. É impossível!? Sim, eu vou mostrar tudo a vocês, num exercício experimental de liberdade.

Eu vou tá lá. Cê vem?! Eu levo o bolo e o cafezin e me pergunto: eu sonharei? me avexarei? aviarei?

Na correria e nessa troca entre arte e artesanato, comunidade e museu, interior e capital, iniciantes e veteranos, compreendo esse museu como objeto cultural, produzido a partir de certas condições históricas, em relação dialógica com outros, outres; e penso-o como ferramenta de inclusão social, tendo papel importante na educação visual e formação da consciência crítica. Pensar-falar pretuguês também é tornar explícitos mecanismos implícitos de estruturação e interpretação das figuras de pensamento e imagem de controle sobre nossas corpos negras.

Você me ouce cantar por aí? Daqui de baixo, ainda me interesse por coisas que nunca fiz, mesmo que já o façamos há tanto tempo. E já aprendi: não tem papé, junta com outres. Com uma ruma de gente, estou mais segura do que posso e vim fazer aqui. O que eu ouço, eu mantenho - eu entendo. Mas quem de fato pode fazer? Quem de fato pode entender? Porque pra mim, foi mais de hora pra chegar até aqui, e eu pensando no pão que hoje não tem. Se avexe, não! Se avexe, não! **Oxossi proveral!** Mas se eu não te contar, quem contará de eu pra tu? Se eu não cantar essa história, quem cantará que fostes tu o opressor?



[...] Tomara q'eu exploda
E volte p'ra lá
Tomara q'eu exploda
E volte p'ra lá [...]

capture o QR Code e acesse a imersão sonora falar-pensar pretuguês: movimentos e presenças negro-brasilianas no Sítará

É 9 horas, já vou embora. Junto co'a tropa de um e um, num zum zum que abre as porta, no 77 não vou sozin. Mas achei ótima essa história, dessa leitura da "preservação como garantia do acesso" pra Dona Maria e o Seu João.

Antes de ir, vou fazer arte. Eu vou ver arte e na metade vou me hidratar. Contextualizo essa minh'arte, fique a vontade pra me escutar! Eu vou olhar e re-olhar, aqui, num olhar bem prolongado. Chegando em casa, já são 23h, eu abro as porta e ponho-me a pensar: **quais ancestraldades estão de fora e quais que o Museu permite entrar? Quais ferramentas da nossa história serei vetada de utilizar?** Você discorda ou você concorda? Aqui, só não pode tentar calar! Você me entende? Você me ouce cantar por aí?

Abertura de processo

Gustavo de Paula

Néscia Gonçalves

Zwanga Adiga Nyack

Sabrina Moura

Tea Marcelo

Lívio

Duda

Camila Albuquerque

Danz

Chaplin Cearense (Anelo)

Jeff Santos

Plantomeroho

Sid

Taís Monteiro

Marília Oliveira

Crizpada

Erika Miranda (Cigana)

Agrônomo urbano que passou à artista sertanejo, mexe um “bucado” com palavra e corpo, principalmente em performance, vídeo e fotografia. Tem pesquisado branquitude e masculinidade hegemônica.

O que pode o corpo branco de um homem cinto?

O que deve o corpo branco de um homem cinto?

Quanto pode o corpo branco de um homem cinto?

Quanto deve o corpo branco de um homem cinto?

O corpo branco de um homem cinto pode o quê?

Do corpo branco de um homem cinto cabe o quê?

~~O que tem~~ Qual a faculdade do corpo branco de um homem cinto?

Crato–CE, 05 de janeiro de 2023.

Oi, espero te encontrar bem,

Tenho uma mania, sabe, mas não como um tique ou algo físico, é mais como uma mania mental, tenho ela desde muito tempo, não consigo precisar, mas acho que desde quando comecei a pensar de forma consciente. Vez em quando me pego pensando sobre os nomes das coisas, como porque cachorro é cachorro ou porque livro é livro e não instante? Esses pensamentos vem e vão na mesma sutileza e imprevisibilidade. Tava pensando nisso hoje de madrugada, enquanto olhava as ruas calmas que circundam o apartamento que moro, enquanto tomado pelo silêncio da noite pensava sobre o que ia te falar.

Acho que essa mania me fez sempre uma pessoa curiosa, talvez por ela, ou pelo menos também por ela, eu tenha essa outra mania de me meter em tanta coisa, de querer saber fazer ou pelo menos entender tanta coisa, que me fez entrar no handebol, fazer projeto de ciências sobre a utilização da fibra do caju para a produção de papel, ir pra agronomia e deixar de odiar o MST como a Globo havia me ensinado, me meter com movimento estudantil e política mesmo que essa tinha sido a única coisa que minha mãe tinha de fato pedido para eu não fazer na universidade, ter começado a escrever cordel inspirado nos livretos que pegava de meu irmão e sua “Sociedade dos Cordelistas Mauditos” (aqui me lembro de outra mania, de colecionar coisas), ter cogitado uma banda de reggae com uns amigos, conhecer tanta gente e me apaixonar por suas novidades.

Sei lá, poderia falar tantas coisas que a curiosidade foi me levando, mas não ficarei aqui tomando todo o teu dia (ou noite, não sei quando lerás essa carta) só falando das coisas que a curiosidade me fez fazer.

Todavia, ela me trouxe para a arte, coisa que não me entendo mais vivendo sem ela. Conheci Su, que me apresentou a xilogravura, que me encantou com seus autorretratos, que me abriu um mundo. Talvez sem ela eu não teria conhecido a arte de ação, não teria experimentado os videopoemas, ou criado os poemas–objeto–intervenção que me renderam a ereção da palavra no MAC. Talvez eu não tivesse ampliado da poesia para outros suportes, técnicas e linguagens. Vai saber né!

Ah, antes que eu esqueça, é importante festejarmos esse 2023, viva a volta do MinC, que nunca mais precisemos lutar pelo óbvio, só assim sobra tempo para falarmos do que ainda não foi falado ou pensado ou problematizado.

A cabeça já pipocando aqui sobre os projetos que quero tocar junto a Fatozero nesse próximo período. Além do Sindicato da Performance que tem se fortalecido quero fortalecer o braço de produção de livros, até porque foram o livro, a leitura e a poesia que abriram as portas para essa minha vida de artista, tava até querendo reeditar o meu Poemas Embriagados e reimprimir o Gravura, substantivo feminino de soupixo, mas só depois de trazer uns títulos novos para o catálogo. Cenas para os próximos capítulos, mas te adianto, quero trabalhar com livro de artista que será um desafio fudido e com os quadrinistas da região. Depois te falo do meu desejo de produzir um podcast, mas deixarei esse

desejo para outra carta, para não matar o mistério e ativar a tua curiosidade.

Tenho estado bem empenhado na minha questão, mas, ainda, com dificuldades de colocar os projetos que surgem dela pra jogo. Ou porque são muito complexas as ideias e por isso muito caras ou nem são ideias complexas outras vezes, mas ainda assim caras. Só pra tu ter uma dimensão do que tô falando. Tenho um projeto que envolve construir uma caixa de vidro que seja forte o suficiente para que eu fique me debatendo dentro dela. Como fazer isso? Com qual tempo no meio de tantos projetos e tendo três trabalhos pra poder sustentar meu desejo de fazer e ser tantas coisas? (sem falar que a preço, literalmente, de hoje não consigo nem sobreviver, quanto mais viver bem só do meu trabalho de arte)

São tantas questões, angústias, dúvidas. Ainda bem que tenho sempre com quem conversar sobre esses meus projetos, pelo menos dou vida a eles na contação que faço deles para Su ou para amigos. Quiçá, amanhã sai do papel e da boca e toma vida.

Inclusive, quero ver se esse ano utilizo mais a coluna no Brasil de Fato Ceará para falar sobre essas questões de branquitude e masculinidade hegemônica, ampliar um pouco a reflexão e me forçando a pensá-la de forma mais nítida, dado que o objetivo da coluna é dialogar com o povo no geral. O que tu achas? Será se cabe falar num jornal sobre essas questões? Eu penso que é um espaço importante para falar sobre isso também, mas claro seguirei falando de arte e cultura no geral, para mim tá tudo num mesmo pacote.

E tu, o que tem feito? Quais ferramentas tem escolhidos para nosso sonho de revolução? Espero que ainda siga como eu, apaixonado e acreditando que mudar o mundo é possível. Olha o que fizemos nessa virada de ano, trouxemos de volta a esperança e o sorriso, mas tem tanta coisa ainda por trazer para nossos dias, por isso não podemos esmorecer. Cada um no seu fazer cotidiano tem muito a contribuir para o mundo novo, que só vai existir de fato quando pudermos ver lampejos dele no aqui e agora. Temos que ensaiar tanta coisa antes do lançamento propriamente dito.

Enfim, tenho tanta coisa pra te contar, mas hoje tá meio corrido aqui, não consigo falar muito mais, mas, em breve te mando outra carta e conto mais sobre o que tenho feito e desejado.

Fica bem, um beijo, se cuida, bebe água e ame!

Lívio.

Para o que é capaz o corpo branco
de um homem cis?

O que vale...

Do que se vale...

Quanto vale o corpo branco
de um homem cis?

O que condiciona o corpo
branco de um homem cis?

Qual a condição do corpo branco
de um homem cis?

O que expõe o corpo branco
de um homem cis?

O que oculta o corpo branco
de um homem cis?

O que tranquiliza o corpo
branco de um homem cis?

O que força o corpo branco de
um homem cis?

~~O que força~~

O que autoriza o corpo bran-
co de um homem cis?

O que dá moral ao corpo bran-
co de um homem cis?

Que oportunidades tem o
corpo branco de um
homem cis?

Qual o domínio do corpo
branco de um homem cis?

Abertura de processo

Gustavo de Paula

Nárcia Gonçalves

Zwanna adina nyack

Sabrina Moura

Tea Marcelo

Lívio

Duda

Camila Albuquerque

Danz

Charlin Cearense (Apolo)

Jeff Santos

Plantomorfo

Sid

Taís Monteiro

Marília Oliveira

Criznada

Erika Miranda (Cigana)

Artista solar, publicitário e comunicólogo de formação pela UFC. Realiza pequenos trabalhos em artes visuais para cultivar lugares possíveis de vida e aprender a voar, pássaro que é. Aprimorou o pensamento musical que possui com Itamar Assumpção. Situa sua pesquisa entre a palavra e a cura, toca piano e pandeiro.



1. E o projeto, o que pensa?

Passai por entre dois edifícios mais altos. Inconfundíveis, embora estivessem precocemente velhos. A vista sob esse ângulo guarda o privilégio do entre, da brecha, da fresta, do tempo que amadureceu. Voar mais rápido que o som pode ter suas benéficas.

Pequenos gestos significativos de amor podem embutir enlutada forma de vida. Já o projeto, não. Ele deve se lançar ao impossível, romper a quarta e a quinta paredes às terças e sextas e andar em busca do sol como quem toma um cintilante cogumelo em um dia de domingo. Sendo ele movimento, o ato de projetar é também uma forma de reluzir aquilo que invariavelmente não nasceu pra ser estático – ou ainda sequer nasceu. Lembremos de nós como cidadãos do cosmos, uma vital forma de conhecer a vida. É para aí onde o projeto deve apontar.

O lugar do impossível não é, por sua vez, um lendário pote de ouro, nem muito menos o chá da tarde posto pelo chapeleiro de Carroll à Alice, em sua obra, embora seja preciso, e muito, fabular nesta vida. O que se torna então preci-necessário é fabular com comprometimento afetivo, epistemológico e ético. São essas forças/vetores que irão reger o voo físico de um pássaro ou avião no universo cartográfico a se desvelar. Ao perceber melhor as coisas que existem ao nosso redor, como existem e como resistem, podemos talvez estabelecer novas leis astrofísicas para uma constelação de ideias que ainda não estreou no céu – ou até mesmo, cultivar novos céus. Verde, vermelho, amarelo, azul, branco, anil, roxo, lilás, rosa. Mas, se o arco-íris é o céu, o som

é o sentido e o meio é a mensagem, quem é o impossível?

Itamar Assumpção, renasceu na Penha, criou o Beleléu, sustentou uma rizada absurdamente forte e incômoda e até hoje assombra os medalhões dourados a brilhar no peito da música popular brasileira, mesmo vinte anos após sua morte. Criou duas filhas, cultivou muitos amores e inúmeras orquídeas. “Cansei de ouvir abobrinhas, vou consultar escarolas”, foi assim que o conheci.

De volta ao projeto, sabemos então para onde ele aponta, o que ele deseja e onde ele está vivo. É preciso experimentar a rota, viver o clima aprontado, projetar a situação no estado sincero da realização e, portanto, materializá-lo. Dentro e fora. De forma coletiva, entendendo onde os demais trabalhos se afetam e se deixam afetar. Entendendo também os afetos entre trabalhadores artistas, as relações (de pessoas, espaços e memórias) e o futuro, como lugar de pretensão de novas formas de vida. Criar mundos, é o que fazem novos projetos.

ana, raylander – projeto, corpo, voa, remodelar, luto, pequenos, trabalhos, falar, boca, cheia, dar, nome, coisas, “lip sync”, vida, real, dublar, desconsideração, conhecimento, problema, epistemológico, menor, bala, rediscutido, mestiçagem, riso, ângelo, traçar, laço, tríade, tônus, força, minúcia, sinceridade, criar, caso, nem, dentro, fora, solidão, dois, minutos, amanhã, adaptar-se, epistemicídio, combatê-lo, rio, matou, noite, pássaro, aguarda, mortos voltarem, avião, atingem, palavra, materialidade, desviar, rota, choque, minha, johnatan, andrade, departamento, ética, culpabilidade,

cozinhar, gesto, energético, energético, receber, artes, restaurante, restaurar, o que é, artista, impossíveis, esboço, visão, particular, futuro, comunicar, descomunicar, excomunicar, infinitos, mime, realidade, organizar, evento, sonhando, novas, ideias, perdem, longo, tempo, olhado, pra mim, passa, mais, rápido, debaixo, d'água, pesquisar, dramaturgia, codificada, quando, resultado, inverso, augusto, anjos, obrigado, lembrar, sonho, encontro, força, godoy.

2. Da planta baixa à planta alta.

Desci aquelas escadas como quem busca desesperadamente algo doce depois do almoço – ou como quem caça palavras –, embora a noite já estivesse feita. Naquele trecho de dois lances e meio me senti impávido como poucas vezes – mas só naqueles dois lances. Desci assim de lado, como que chegando atrasado, andasse mais adiante, diria Leminski via Itamar.

Materializar é preciso. Portanto, além de imprescindível é também parte do processo que envolve força, seja pelos esforços todos de transmutar, traduzir ou transduzir cada trecho de ideia para além da virtualidade do projeto, seja pelo empenho físico que se impõe ao pensar uma montagem. Pensar as relações do meu trabalho com os demais e imbrica-los juntos à mesma planta baixa do Museu da Imagem e do Som tem sido também um sensível exercício de xadrez coletivo, no sentido de encontrar em cada trabalho suas potencialidades e o seu lugar no mundo – e no MIS um lugar de passagem para cada trabalho, sendo e estando. É como desenhar com a mão de outro alguém.

Rememorando a questão de outro momento, escolhamos o lugar do impossível para arar todo e qualquer projeto chegado aqui. Como, então, cultivá-los? Que ferramentas e gestos devemos escolher para que cresçam e floresçam? Para rotas de campos e ventos inférteis é preciso, no entanto, lembrar de alguns gestos vitais, como o de dar nome às coisas, olhar para o céu, pisar suavemente na terra, sustentar a rizada, assobiar, tocar pandeiro, lembrar que há sempre algo a brilhar (embora fiquemos distraídos às vezes). Em coletivo rememoramos questões, apresentamos fracassos e construímos planos para executar cada trabalho. Do latim, o radical “planus” indica a visão privilegiada que se tem observando uma planície.

batman, zavareze – entregas, MIS, ateliê, publicação, mostra, pensar, realizar, vinte e sete, vinte e oito, janeiro, confraternização, oficina, escrita, projeto, três, quatro, imaginários, urbanos, transposição, trabalhos, TVs, vertical, painel, LED, externo, interno, fachada, alto-falantes, pátio, linguagens, palavras, audiovisual, aviões, como, vídeos, comunicação, telepática, visão, geral, coisas, espacialização, sonora, quem, ajudará, verba, quinta, sexta, turnê, verdade, uma, ilusão, óculos, itamar, roubo, frei, tito, drummond, lampião, museu, serra, talhada, elton, john, protótipo, incômodo, explosão, som, decantar, ruído, israel, kosovsky, rachel, rose, minute, “go”, paisagem, história, vez, baratas, paula, garcia, pendências, lista, tempo, duração, cronograma, dezembro, prototipagem, objetos, papel, mapeados, estrutura, Brasília, coletividade, soma, perdas, planejamento.

3. Jogo de apostas. Redobrada as forças, envolto no mistério das fichas que não caem, ainda que não me renda à incredulidade, percebo que tenho apostado muitas (destas) fichas na relação comigo mesmo, para que eu tenha o que oferecer ao redor que me toca. Laura tem dito que eu posso ser maior que 3,8 metros – as medidas do último trabalho que montei e que é um leteiro – fazendo pequenos trabalhos. Fui à Brasília pela terceira vez. Aquela escala de lá sempre me impressionou e sigo me transformando.

Foi escrevendo que aprendi a ler, me lembrei disso quando, lendo Carolina Maria de Jesus, me dei conta de que seu estilo era vital, embora classificado e reduzido muitas vezes por terceiros a conceitos erráticos como, por exemplo, “erros de grafia” (pois no Brasil e no mundo, assim como na França, país que primeiro lançou “O Diário de Bitita, o preconceito linguístico possui sinônimos dignos da mais alta gramática). Também, quando me recordo que só aprendi mesmo a tocar piano quando desaprendi a ler partitura, e aí eu tinha mais de 14 anos de idade, 3 de piano e todos de partitura. Esse conceito de (des)aprendizado, é o que permite que a palavra renasça sob diferentes formas ou que uma música possa ser interpretada também com alternativas diversas e não convencionais.

“Com quantos quilos de medos se faz uma tradição?” Questiona, indaga e, ao mesmo tempo, provoca Tom Zé, compositor de Irlará e do mundo. Bem, no caso da grafia não é o medo que lhe custa caro, mas a aposta na coragem de ser o que é – e Carolina, de fato e sem

nenhuma dúvida, foi – numa realidade ainda despreparada para o futuro e, sobretudo, para o presente – e viciada no passado, como um caça-níquel. Palavra não se mede em quilos, se vive em experiência. Medidas tem um museu, uma sala, uma mesa – a presente na sala multiuso do MIS, por exemplo, possui, pelos meus cálculos, mais de 100 metros de tradição. A quem serve a palavra na mesa? E os sinônimos apócrifos, o gato comeu? Cada palavra importa. Cada palavra conta. Cada palavra toca o solo sagrado do ser. Planisfério de projetos de consciência e de realizações afetivas, poéticas, sonoras. Mas então, por que teria e artista se distanciado de uma natureza tal, criando palavras e aprendendo a contar? A vida, a realidade se impõem, e se tornam preponderantes outras formas de apostar.

ana, cecília, júnior, pimenta, hélio, menezes – reticências, diferenças, entre, coisas, finalizadas, lugar, experimentação, pensar, especialmente, o que, pede, o trabalho, qual, melhor, suporte, precarização, resoluções, simples, não, ter, ateliê, texto, bondia, acatar, acontecimentos, artista, pedreiro, não, deixe, escola, atrapalhar, seus, estudos, cuquinha, adote, ivan, ricardo, alvarenga, carolina, maria, de Jesus, quarto, despejo, 1960, primeiro, lugar, mais, lido, vendido, disco, lançado, ensaio, fotográfico, zélia, gattai, fortuna, crítica, fartura, criativa, contraposição, peripatético, estilo, fragmentário, genealogia, simbólica, marcel, diogo, andré, Vargas, Jefferson, medeiros, thiago, ortiz, índice do juízo final, bonito, dignidade, sobreacumulação, ascender, excepcionalidade.

A cada texto
dedicado, nasce
uma estrela do
mar neste planeta
de sal.

4. Dedicção. Os textos são reflexões autorizadas pelo pensamento, numa trama que envolve momento, leituras, consciência e sinceridade. Outros trabalhos também se entrelaçam com o projeto aqui compartilhado (e no MIS executado) e de alguma forma se manifestam nos textos, sim. Os textos são dedicados, por conta da musicalidade, à minha mãe, que cultivou em mim um pensamento melódico inseparável; pela sua essência e jeito de ser, de ser texto, ao meu pai, leitor paciente; pelos erros que viram acertos, à Laura, que tem me dado o privilégio de sua leitura. À Itamar Assumpção, sempre vivo a inspirar outros artistas, poetas e batuqueiros.

A cada texto dedicado, nasce uma estrela do mar neste planeta de sal.

Dedicar – destinar, devotar, consagrar, dicar, dirigir, oferecer, sagrar, tributar, votar, prestar, reservar, cultivar, mergulhar, aplicar, dispensar, empregar, proporcionar, doar, ofertar, investir, concentrar, empenhar, entregar, ocupar, abraçar, aguçar, dar, cuidar, tratar, lidar, encaminhar, viver, zelar, embrenhar, engajar, servir, amar. Te escrever uma carta.

5. Sob a materialidade das coisas. Naquele dia, quando chegamos logo percebemos que estávamos partilhando algo coletivo. Algo feito por muitas mãos, a artefania do saber e fazer junto, de pensar coletivamente o lugar do afeto como a camada onde cada trabalho toca, afeta e contribui para o trabalho de outre – isso tudo ao passo em que também estamos dividindo e compartilhando trabalhos, processos e singularidades do fazer e criar artístico

de cada pesquisa que, àquele momento, encontrara no espaço MIS campo fértil para reflorescer. Reflorescer na terra é privilégio e militância da vida, gesto de resiliência potente do ser – pequenos que somos – frente à imensidão do universo.

São pequenos os trabalhos que faço, mas não é a “milimetria” que está em questão, obviamente. As operações estão em questão tanto quanto a materialidade das coisas pesquisadas e apresentadas. O que fazer com cada uma delas – as operações e as coisas – é muitas vezes a via de acesso para desbloquear novas fases de investigação da pesquisa – ou tangencial para acessar outros caminhos possíveis, uma vez que a reta nem sempre é o caminho mais curto entre dois pontos, que o espaço é curvo e que a reta também pode ser.

Seguindo com as operações e materiais escolhidos, o “espaço-tempo” de cada trabalho vai delineando também uma órbita de coisas que confluem e gravitam – não necessariamente em torno mas – em conjunção à pesquisa e ao trabalho desenvolvidos. Dessa forma, existem muitas forças a atravessar cada projeto de pesquisa e é preciso por certo e primeiro lidar com cada uma ou parte delas. Escolhi me debruçar sobre as forças de maré, que naquele momento pareciam atravessar minha existência com maior apelo.

O sol como energia luminosa vital, estrela mais próxima de nós, há de ter lugar cativo no imaginário humano por força da íntima relação com a vida que revela. Amarelo, alaranjado e rubro. Que som poderia ter algo dessa natureza?



foto: Queide o Óculoz de Ita? - Duda (2023)



foto: Desvio na Maré (2022-2023) - Duda

Poderíamos – e devemos – nos perguntar. Os pássaros como maiores semeadores do mundo terra, uma vez que são quem carrega sementes por maiores distâncias – além de serem por certo os donos das mais bonitas melodias que já ouvimos, embora as baleias também as façam muito bem. Os vetores concêntricos e as forças dissipadas indicam que a vida gira, roda e que tudo é relativo, mas também nos fazem pensar sobre o movimento da água (para onde apontam) – ali no centro físico da instalação, inclusive –, dos barcos e das marés, dentro e fora de nós.

Para onde desaguar, florescer e voar é onde neste momento o meu interesse insiste em permanecer e morar, fazer da vida um lugar singular frente a todo o sistema (solar), mas também colocar tudo que somos para girar como parte desse gigante

– e cósmico –

carrossel.

Abertura de processo

Gustavo de Paula

Nárcia Gonçalves

Zwanga adiga nyack

Sabrina Moura

Tea Marcelo

Lívio

Duda

Camila Albuquerque

Danz

Charlin Cearense (Anolo)

Jeff Santos

Plantomorfo

Sid

Taís Monteiro

Marília Oliveira

Criznada

Erika Miranda (Cigana)

Artista cearense, graduanda em Pintura pela UFRJ. Trabalha especialmente com pintura e cerâmica, onde aborda temáticas de corpos, brasilidades e sexualidades. Já participou de exposições e residências entre Fortaleza, Rio e São Paulo.

Quem Tem Medo do Trabalho Incompleto?

É muito difícil, na verdade muito fácil, pro artista produzir uma arte incompleta; basta entrar em seu espaço criativo e verá pilhas de ideias inacabadas, incompletas ou descartadas totalmente. Bate de frente com nosso perfeccionismo (obviamente não nossa procrastinação) a dureza que é pedir para a artista aqui concluir. Significa que você precisa entregar o seu melhor e isso é difícil quando o seu melhor não passa do aceitável que imaginamos.

Sigo sem ter lido uma das grandes referências bibliográficas para artistas, o “Gesto Inacabado”, da Cecilia Salles; alguém me disse que isso na verdade fazia parte do trabalho incompleto mesmo, nunca ler ele. Se é cansativo para pessoas normais consumir linguagens culturais distintas de locais, culturas e tempos diferentes, imagine para a artista: “como assim você não conhece o trabalho de fulano, que trabalha com o que você trabalha? Como assim você não tem um portfólio extenso? Cadê suas residências, exposições nesse currículo? Foca na produção! Mas não deixe de escrever sobre seu trabalho, é de extrema importância saber defender seus trabalhos. Descansa, mas não muito. Mas não pode esquecer de viver! É essencial viver para ter material para produzir”.

Se para 2023 vocês desejam muitas coisas, eu só peço paz. Minha cabeça de artista precisa é de sossego.

Engraçado que tive que defender um trabalho antes dele existir; ele será assim, terá assim tal sensibilidade, terminará daquele jeito; Assim nascem todos

nossos projetos na contemporaneidade, na cabeça racional para depois se materializar, depois de muita reflexão. Nesses momentos invejo os surrealistas, que só comiam muito queijo e muito vinho para terem pesadelos e criarem arte a partir dali.

Para esse projeto, em especial, sem título e sem forma, tinha só noção de lapsos de momentos que queria registrar: meu cotidiano sáfico, momentos íntimos de afeto. Primeiramente, quis produzir pinturas, mas, depois o trabalho e o espaço de exposição pediam algo mais dinâmico; a arte que você entrega às vezes se adequa ao espaço, não sabemos ainda se isso é uma coisa boa ou não. Decidi retornar a uma linguagem que não abordava desde minha adolescência, a animação. De forma tradicional, iria desenhar em folhas de sulfite, sobrepondo-as para criar uma arte sequencial. Só tinha esquecido o quão longo é o processo de animação, onde 1 segundo de exibição na tela pedem por 24 desenhos para a famosa ilusão de ótica do movimento. Mas, cá estou eu, 1/10 do trabalho feito, no mês de exposição. Ainda sem edição, áudio e montagem. Penso na artista também como um trabalhador, mas tem algo sobre o criar em que não adianta forçar a cabeça, sem matar o processo criativo. Talvez sempre haverá preconceito com artistas, por acharem que não trabalhamos, mas a verdade é que a artista não para nunca.

Esbarrei de novo em algo que limita e sempre limitará a artista, o tempo. Nunca haverá tempo suficiente, às vezes até demais. Inclusive para este texto, olha só! Se tem algo que barra e ao, mesmo tempo, motiva são as limitações. Não sou contra elas, mas também são formas de controle, elas contra mim. Quais os potenciais que teríamos sem as amarras dessa sociedade? Talvez pirássemos com a liberdade, ou, então, formássemos algo totalmente maior. Ou, até, talvez, não faríamos nada. Nunca acreditei que tudo já tenha sido feito, mas será que precisamos continuar? Continuamos, por necessidades existenciais, mas e se todo mundo só jogasse a toalha? Nem a artista aqui sabe onde ela quer chegar, ainda não sei aonde quero que a minha arte me leve. Só sei que não sou a única que gostaria de parar tudo, por um tempo e des-existir por breves instantes. Só quero criar minha arte sem ter que queimar minha cabeça pra isso, racionalizar tudo como se estivesse em uma sessão de terapia. Qual o significado da minha arte? Deduza você, deixe de ter preguiça. Isso é o que acontece quando os prazos chegam, eles te perseguem. Teria eu escrito algum texto com mais sentido tivesse eu mais tempo? Nunca saberemos. Algumas, pessoas podem pensar que a pressão pode ser uma aliada na criação, eu sou pessoas.



“Amarras”, Instalação. Gaiola, Cerâmica Esmaltada e corda, 2023





"Camille", 2022. Óleo sobre tela (60x60 cm)

Abertura de processo

Gustavo de Paula

Nárcila Gonçalves

Zwanga adina nyack

Sabrina Moura

Tea Marcelo

Lívio

Duda

Camila Albuquerque

Danz

Charlin Cearense (Anolo)

Jeff Santos

Plantomorfo

Sid

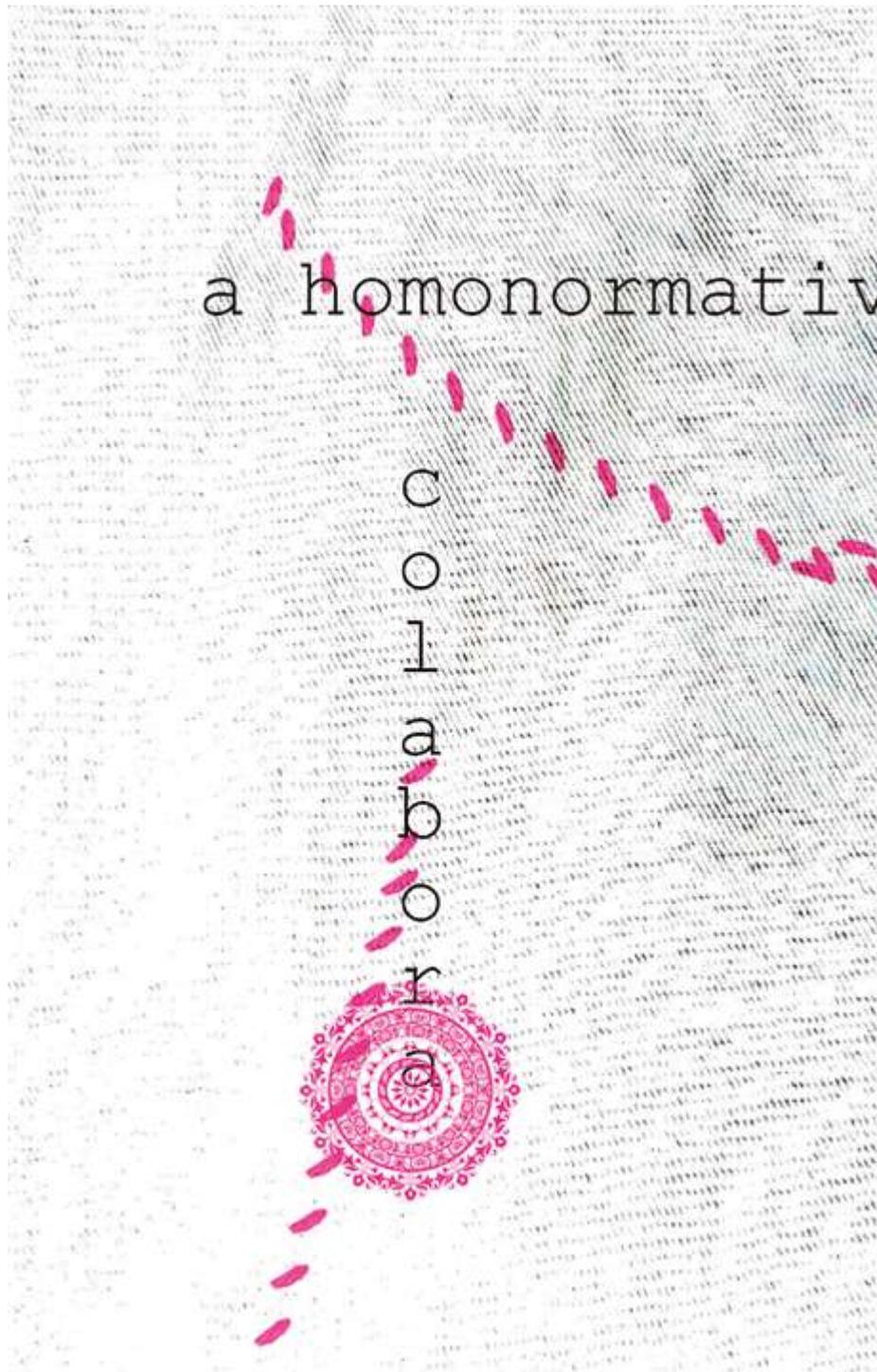
Taís Monteiro

Marília Oliveira

Criznada

Erika Miranda (Cigana)

Metades. Celta & Mediterrâneo & Persa. É na fronteira da água salgada, do deserto e das montanhas rochosas que se viu a ser artista. Graduando em Artes Visuais pelo IFCE e habilitado no curso The Power of Podcasting for Story Telling by UOW.





vidade

para a
privatização
de afetos?

[...] Eso ocurría afuera. Dentro de la celda, todo era distinto. No bien los guardias cerraron la puerta y pasaron candado, la araña se descolgó lentamente de su tela y el ratón se animó a salir de su agujero. Por primera vez se miraron sin odio, conscientes de su nueva y dramática situación. Avanzaron sin apuro y se encontraron a medio camino. Aparte de ellos dos, sólo quedaba el rayito de sol de las mañanas. De pronto les sobrevino a ambos el mismo impulso y terminaron abrazados, sabedores de que les esperaba un fin de abandono y nostalgia. (Benedetti, 2003, p. 74).

Decidi partilhar acerca do meu projeto inscrito para o **Ateliê de Criação Daquilo que não sabemos que sabíamos**, de modo não convencional. Por um texto escrito. Porque não estou sendo honesto comigo mesmo. Redijo. Não estou sendo honesto com meus sentimentos. Mas não é isso que todo Fi inferior faz?¹ (Fi, em termos da psicologia analítica, significa “Introvert Feeling”, traduzido para sentimento introvertido inferior). E não percebes? Novamente estou a usar teorias para argumentar sobre, mesmo quando este “sobre” sou eu mesmo. E não me espanto, pois isso é o que todo ENTJ faz e faria. Estive repensando como é difícil, para mim, pela oralidade falar com e pela emoção. Vejo e ouço os/as/es outros, outras e outres artistas na minha frente e ao meu lado nas suas falas afetivas e de si, e me sinto extremamente deslocado do meu eixo, suando frio, porque todas as ações ou pontuações que faço me parecem científicas demais, gélidas demais, concisas demais. “Se não descobrimos um jeito de envolver a emoção, não haverá a experiência de transformação”. Li isso recentemente, e pra não ser engolido pelo sentir muito e não transparecer nada é que escrevo. Antes de ser um artista visual, sou um artista da prosa. Mas nem tudo é máscara, apenas portas sem cadeados.



Carta aberta ao CISTema: nem HÉTero, nem gAy, se originou pela força do acaso, um certo dia um vídeo no YouTube apareceu como recomendação para ser assistido, não me recordo o título, mas era algo como “Homonormatividade e aplicativos de pegação gay”. Resolvi assistir ao vídeo, apesar de algumas críticas que fiz para o conteúdo apresentado, aquela palavra, aquele termo homonormatividade se fixou em algum ponto no final da cabeça, que não pretendia ir embora. E como toda tarefa de pesquisador envolve a busca excessiva, cavucar o mais profundo terreno e mesmo assim não se esgota o tópico. O projeto iniciou com um estudo a partir do que é a norma para entender que essa tem como encargo ajustar funcionamentos e limites, para ela mesmo denominar e fazer distinção a respeito de i) o que é regra e ii) o que não é regra. E para falar sobre a homonormatividade precisamos compreender o que é a heterossexualidade e a homossexualidade, portanto depreendi tempo para compreender historicamente essa divisão pelas nomenclaturas e atentar onde apareceria o termo engatilhado homonormatividade. Foi em Duggan (2002) que encontrei subsídios para compreensão dessa prática sexual do neoliberalismo. Ela escreve: [...] uma política que não contesta pressupostos e

instituições heteronormativas dominantes mas os defende e sustenta-os enquanto promete a possibilidade de um eleitorado gay desmobilizado e uma cultura gay privatizada e despolitizada ancorada na domesticidade e no consumo². Esse consumo inconsciente que não gera reflexões acerca do CISTema é um ciclo vicioso que (retro)alimenta o neoliberalismo e a heteronormatividade. Porém todo esse aprisionamento promovido pelas privatizações retém apenas na cultura e no consumo? Não vivemos uma privatização de afetos? A homonormatividade colabora para a privatização de afetos?!

1. A função inferior está totalmente associada à disposição inferior e embora seja aquela com a qual o Eu menos se identifique, justamente por ser mais inconsciente possui uma significativa autonomia sobre ele. (RAMOS, 2008, p. 144)
2. A it is a politics that does not contest dominant heteronormative assumptions and institutions but upholds and sustains them while promising the possibility of a demobilized gay constituency and a privatized, depoliticized gay culture anchored in domesticity and consumption. (DUGGAN, 2002, p. 179).

MANTRA DAS MINAS. MANTRA DAS NIÑAS. // E nos perguntamos agora, nós corp@s dissidentes não-cisgêneros, fomos educad@s, polidos tais como pedra bruta é, até se moldar a um automatismo, a reagir, a contrapor, a enfrentar e a lutar contra nossos algozes? Pensamos que não, que até o local comunicativo da fala é interrompido para quem não se encontra dentro do CISTema. E caímos em uma armadilha. Uma armadilha conosco mesmo.



Armadilha que caímos, em queda livre, dentro de uma armadura. Para proteção da violência? Sim. Mas talvez não nos proteja. Se desejamos localizar a palavra armadura, em sua etimologia, encontramos a força do(s)

nosso(s) verdugo(s): Do Latim armatura, “armadura” mesmo, de arma, “armas, material bélico em geral. (ARMADURA, 2022). No fim, nos transformamos em arma para nos defender. E penso que isso é se assemelhar com quem acende a fogueira. Não vejo outra saída, se não a arte, não como material bélico, mas uma guerra de ideias.



REFERÊNCIAS:

ARMADURA. Origem da Palavra, [S.l.]. Disponível em: <https://origemdapalavra.com.br/artigo/armadura/>. Acesso em: 07 nov. 2022.

BENEDETTI, Mario. El govornir de mi passado. Barcelona: Santillana Ediciones Generales, 2003.

DUGGAN, Lisa. The new homonormativity: the sexual politics of neoliberalism. In: CASTRONOVO, Russ; NELSON, Dana. Materialising Democracy: Towards a Revitalized Cultural Politics. Durham, NC: Duke University Press, 2002, p. 175 – 194.

RAMOS, Luís Marcelo Alves. Os tipos psicológicos na psicologia analítica de Carl Gustav Jung e o inventário de personalidade “Myers-Briggs Type Indicator (MBTI)”: contribuições para a psicologia educacional, organizacional e clínica. Etd – Educação Temática Digital, [S.L.], v. 6, n. 2, p. 137-180, 12 nov. 2008. Universidade Estadual de Campinas. <http://dx.doi.org/10.20396/etd.v6i2.779>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/779#:~:text=O%20texto%20apresenta%20os%20princ%C3%ADpios,da%20tipologia%20junguiana%2C%20e%20que>. Acesso em: 03 jan. 2023.

Abertura de processo

Gustavo de Paula

Nárcila Gonçalves

Zwanna adina nyack

Sabrina Moura

Tea Marcelo

Lívio

Duda

Camila Albuquerque

Danz

Chaplin Cearense (Apolo)

Jeff Santos

Plantamorpha

Sid

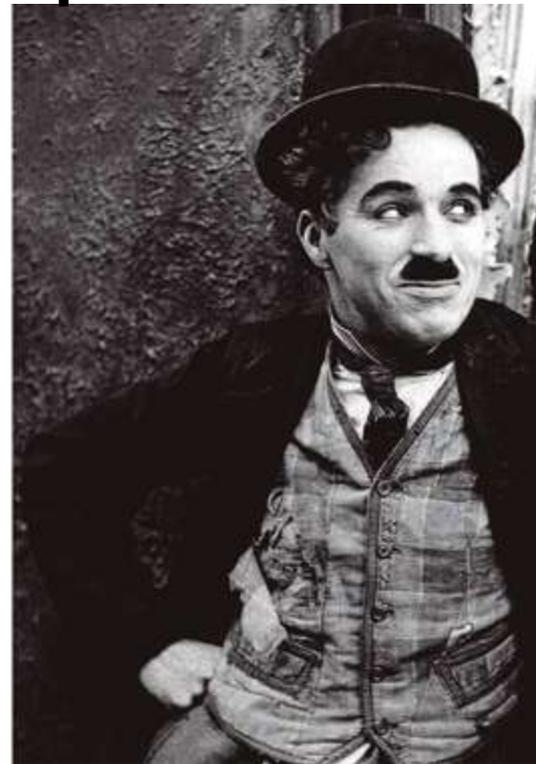
Taís Monteiro

Marília Oliveira

Criznada

Erika Miranda (Cigana)

Artista de rua, traz consigo uma trajetória do fazer artístico vinculado à periferia e lutas sociais, formado em Serviço Social e Pedagogia, é pai de 4 filhos e acredita no sorriso como força subjetiva transformadora de adversidades.



70



Percurso afetivo

O caminha afetivo que me aproxima da obra de Charles Chaplin surge ainda criança; deveria ter entre seis ou sete anos, exposto na parede do quarto do meu irmão mais velho, território quase que proibido aos irmãos caçulas, lá estava o quadro que guardo na memória até hoje. em preto e branco o “Vagabundo” me parecia imponente no alto da parede e mais carregava uma singularidade curiosidade, me perguntava por que será que ele coloca o quadro invertido de cabeça para baixo?

Todos que entravam no quarto do meu irmão percebiam aquele quadro de cabeça para baixo e perguntavam a ele por quê? Ele respondia sempre a mesma coisa, falava que era para o chapéu do Carlitos cair no chão, aquilo me soava mágico e habitava uma esfera lúdica e criativa de uma criança de sete anos. Essa memória e o delírio de como o chapéu vai cair marcaram minha infância.

Comum a muitos da minha geração, na adolescência as noites de domingo eram marcadas pelos sorrisos brotados na frente da TV ao assistir o Festival Charles Chaplin exibido pela Rede Globo. Me recordo da família desfrutar deste momento e da presença de meu pai, que durante a semana era andarilho pelo interior do Estado em busca do sustento dos seus cinco filhos.

Todas essas lembranças fazem despertar em mim o desejo de se reencontrar com Chaplin e sua obra, impulsionado por situações adversas, é assim que me reconheço como artista de rua, me aprofundo na pesquisa e me reconheço como Chaplin cearense.



O projeto participante do ateliê de criação (daquilo que não sabíamos que sabíamos) deriva da exposição “O incrível cinema de Chaplin”*, que nasce como fruto da minha pesquisa e atuação como artista de rua intérprete de Carlitos, nas ruas, semáforos e praças na cidade de Fortaleza-CE.

Faz 12 anos que vivo da arte de rua, compartilho sorrisos sob as vestes de Carlitos, antes conhecido com o garçom Apolo, hoje sou Apolo o Chaplin cearense*. Neste percurso tive a oportunidade de sentir o que a arte pode fazer na vida de uma pessoa (fez na minha), o poder subjetivo do sorriso. Carrego comigo um conjunto de reflexões e interesses de pesquisa que dizem respeito a minha formação e trajetória, desde muito jovem me reconheço como um militante político no campo libertário, o ciclo anarquista e punk foram meu berço acolhedor.

Hoje ocupo este espaço do MIS com o processo de criação: Superfície do cinema chapliniano – por Chaplin cearense, para mim é muito significativo por tudo que esse equipamento simboliza; sua história do passado e sua “história futura”, as possibilidades que tem de impactar vidas, projetar artistas e criar condições de percepções estéticas de perceber e transformar o mundo. Busco acessar esse espaço na esperança de dar visibilidade e fazer reverberar o trabalho que realizo.







ARTE DE RUA MUDA A CIDADE...

A rua é meu palco... quem não tem acesso ao Teatro faz das estrelas, postes e faróis a iluminação, buzinas, motores, aplausos e xingamentos sonoplastia de cenário a vida, a cidade e suas problemáticas. O público é todo mundo, meu palco é a rua.

O subemprego massacra o sujeito, tira dele todas as energias e condições de criar e refletir arte, de fabular condições estéticas de transformação deste mundo. Meu encontro com a arte me salvou, Arte Salva.

Abertura do processo

Gustavo de Paula

Nárcia Gonçalves

Zwanga adina nyack

Sabrina Moura

Tea Marcelo

Lívio

Duda

Camila Albuquerque

Danz

Charlin Cearense (Anelo)

Jeff Santos

Plantomorfo

Sid

Toís Monteiro

Martina Oliveira

Criznada

Erika Miranda (Cinopa)

RESPOSTA / ANSWER / RESPUESTA

COMO SERÁ O MUNDO PÓS
-PANDEMIA?

Do Ser-Tão de Madalena no Siará. Suas poéticas de encruzilhadas se atravessam y geram vários bugs na sociedade, atijando instabilidade no corpo, tempo y espaço. Feito ginga, giras epistemológicas, memórias em movimento a cada performance que realiza.

¿CÓMO SERÁ EL MUNDO
DESPUÉS DE LA PANDEMIA?

WHAT WILL THE POST-PAN-
DEMIC WORLD BE LIKE?

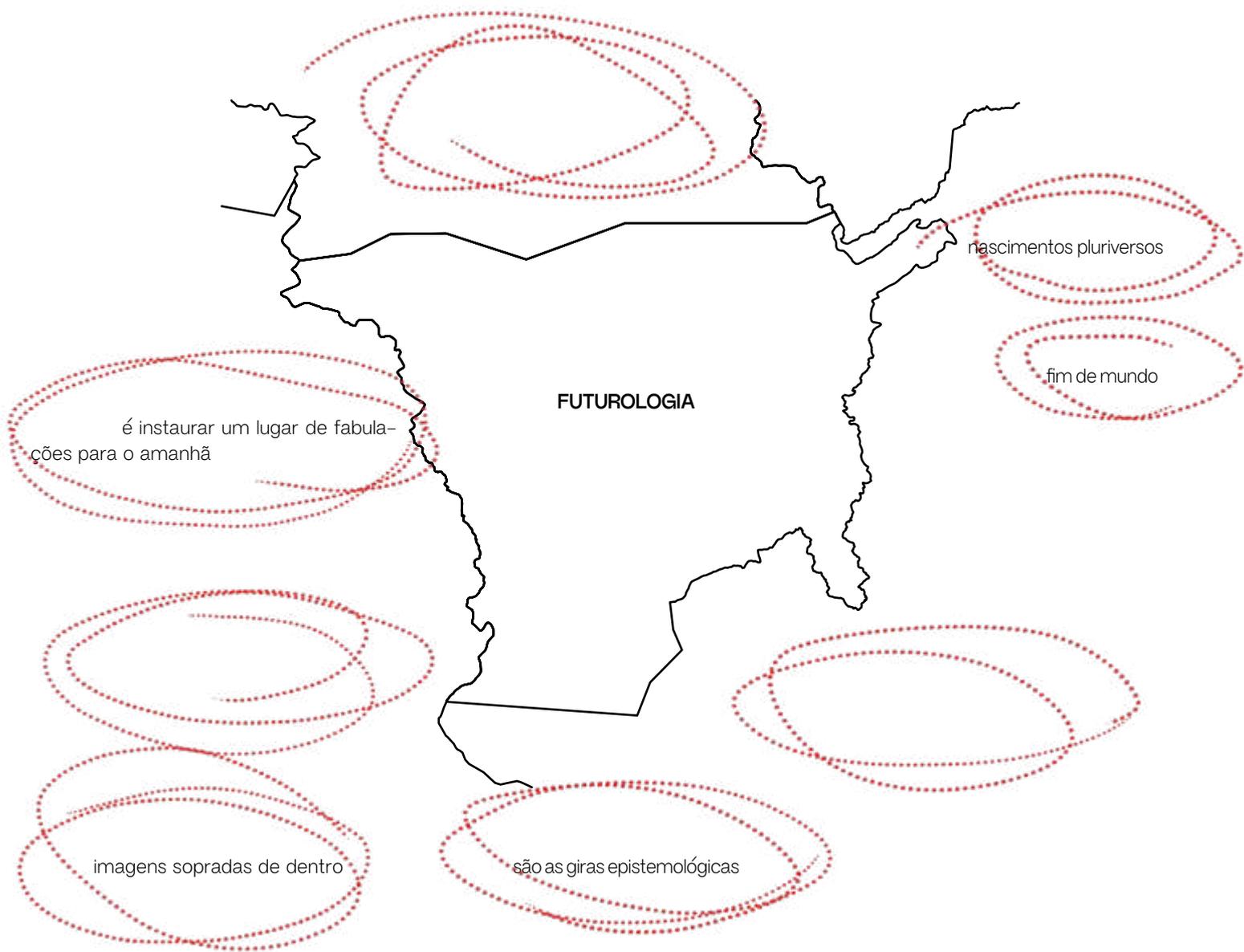


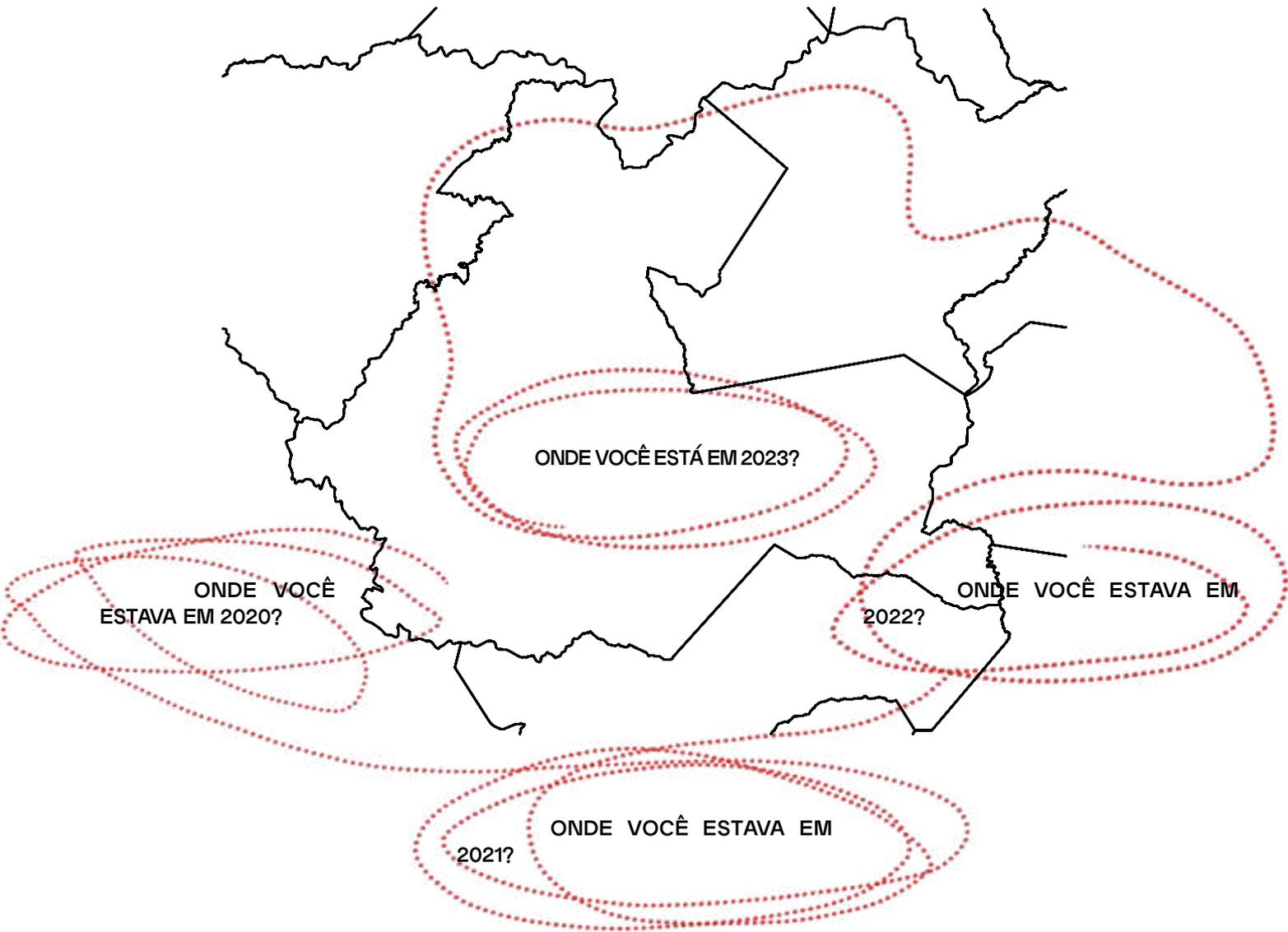
FUTUROLOGIA OU A POSSIBILIDADE DE FABULAR O AMANHÃ

pensar Futurologia é entender corpo (as nossas corpas) como lugar de arqueologia dos nossos saberes ancestrais; lugar de fecunda fluidez; lugar da própria impermanência da vida com suas poéticas e estéticas; lugar de grafias, que não apenas as grafias alfabéticas, ditãs letradas, mas lugar de assentamentos de oralituras¹, ou seja, de transmissões orais das nossas narrativas.

6GG2+H6

o propósito é manter e registrar as nossas escrevivências², além de preservar a cultura do nosso povo, criando ambientes perfeitos para as performances, pelas quais transitam saberes sobre nós, cuja fortaleza se faz presente na tecnologia do rito, esta como passagem para um tempo espiralar em que nossas corpas estejam e permaneçam vivas.





ONDE VOCÊ ESTÁ EM 2023?

ONDE VOCÊ ESTAVA EM 2020?

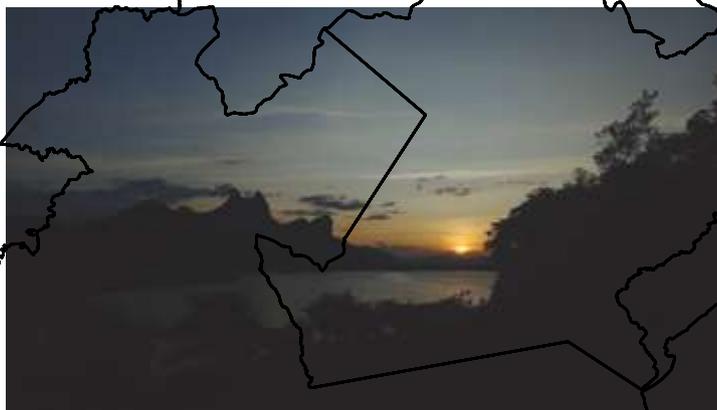
ONDE VOCÊ ESTAVA EM 2022?

ONDE VOCÊ ESTAVA EM 2021?

ROTA DE FUGA

SINALIZE UM LUGAR, UM
HABITAT, UM TR NSITO, UM INSTANTE,
UMA TEMPORALIDADE GEOPOÉTICA
ONDE VOCÊ POSSA EXISTIR

RESPIRAR



2W7H+PF

-SE-
BANHAR DE
ÁGUA DOCE

-SE-
IMAGEAR
O/NO FUTURO

E POR QUE IMPORTA DIZER TUDO ISSO AGORA?

Porque até ontem (2020, 2021, 2022) nossas corpos/corpes/corpos permanenciam em isolamento, compreendendo que corpo isolamento é uma frustração mundana, seja ela horizontal ou vertical, não faz diferença, sempre será um corpo renteado do social, recolhido para o matadouro invisível... numa tentativa de extermínio em massa (necropolítica, genocídio, só pra citar)... nessa pulsante pressão, rompida de vitalidade e conexão exterior... o “novo”, o tão falado “novo” ambiente permite o exercício do movimento atrofiado, adaptando-se aos limítrofes da arquitetura presente, concretos e superfícies duras vão estabelecendo um corpo bombeante, delimitado e descontinuado de crescimento, cujas fissuras já estavam ali, num atemporal desenvolvimento linear e vulnerável, numa tentativa paleontológica de escorrer vida por entre as brechas do rizoma gravitacional.

Porque a vida está se exaurindo, porque é o fim, o fim do mundo? Não sabemos ao certo, mas temos ideias para adiar o fim do mundo³ ou ensaios para depois do fim⁴ como atuais “novos possíveis”.

O mundo é desdobrável, se desdobra o tempo todo, pode até ser o momento grave para a civilização, pode ser que a civilização precise se re-ordenar, isso gere caos ou pelo menos pequenas situações de caos provisório, espero que não seja enorme (infelizmente já é), mas sem dúvida nenhuma, nós vamos ter que lidar com uma infinidade de transformações geradas por uma crise civilizatória, sem precedentes, ou a civilização passa a se relacionar com a natureza e com a vida de modo sustentável ou a própria natureza nos expulsará desse planeta.



fotos: Raul Plassman

REFERÊNCIAS:

¹Leda Maria Martins. PERFORMANCES DA ORALITURA: CORPO, LUGAR DA MEMÓRIA.

²Maria da Conceição Evaristo Brito. ESCRIVIVÊNCIAS.

³Ailton Krenak. IDEIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO.

⁴Carola Saavedra. ENSAIOS PARA DEPOIS DO FIM.

Abertura de processo

Gustavo de Paula

Nárcia Gonçalves

Zwanga adina nyack

Sabrina Moura

Tea Marcelo

Lívio

Duda

Camila Albuquerque

Danz

Charlin Cearense (Anolo)

Jeff Santos

Plantomorpho

Sid

Taís Monteiro

Marília Oliveira

Criznada

Erika Miranda (Cigana)

Artista visual multimídia, mestrando em artes pelo PPGArtes da UFC e graduado em Artes Visuais pela UFRB. O artista trabalha na interseção entre arte, ciência e pedagogia, explorando a repercussão histórica de conceitos como humanidade, natureza, espaço geográfico, vida e ecossistema.



figurar
fulgurar

como se uma anomalia
gravitacional
distorcesse as figuras.
como se uma estranha
força centrífuga tragasse
as coisas ao redor, em torno
de um centro
furioso e implacável...

...e fizesse tropeçar, titubear, nausear as coisas, tirá-las de sua imobilidade;
extraísse dos fenômenos sua inverdade, pondo a realidade
à prova do improvável e do insuportável:
o perigo da queda, o rodopio iminente.

como se essa força não momeada, remodelasse o contorno das figuras,
ou as dissolvesse por completo;
inundasse tudo de sombra
abalando o visível e o construto da linguagem.

falsear o visível

dissimular com luz

dissimular com sombra

Salão das aberrâncias busca sediar uma temporalidade distópica para falar de imagens cintilantes, no limiar impreciso do próprio visível.

quais as possibilidades de deformação das imagens, e do sentido político que elas implicam?

a proposta é ativar uma dimensão fabular onde o corpo possa acessar uma anatomia aberrante.

fazer fulgurar um portal dimensional, orifício astral.

Fulminante.

fazer um exercício indisciplinar de esvaziar-se com as imagens, acessar esse estado outro de espaço-tempo.

Nausear junto com essa cintilação luz sombra.

Dissolver o espaço.

Habitar a luz sombra, e dissimular com ela.

desenhar é:

distorcer
deformar
deturpar
desfigurar
contorcer
retorcer
distender
amassar
esticar
alargar
ampliar
prolongar
comprimir
reduzir
desarticular
desorganizar
desordenar
decompor
alterar
adulterar
falsear
mentir
enganar

recortar
contornar
copiar
colar
decalcar
transferir
sobrepor

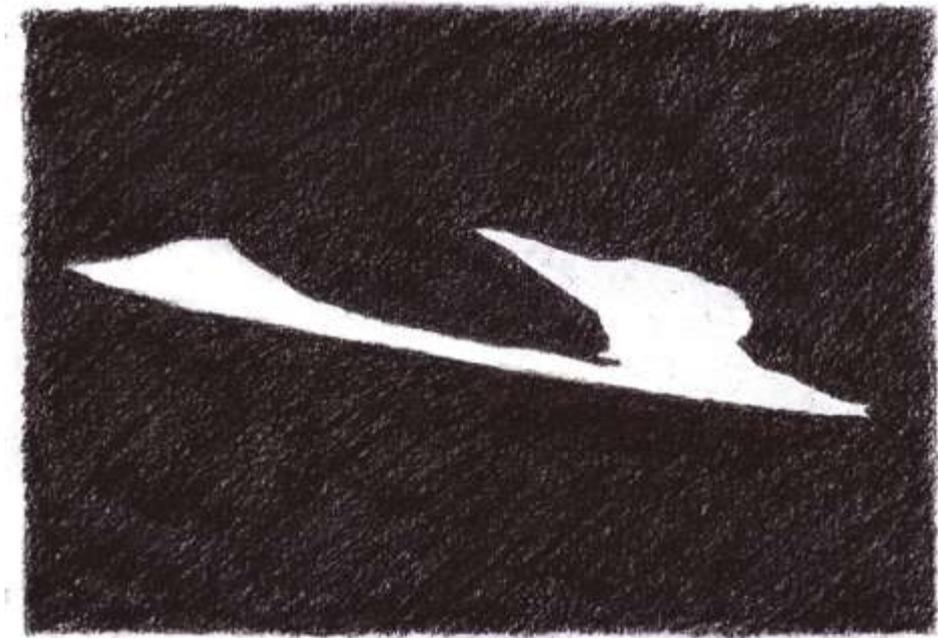
encobrir
reunir
juntar
misturar
velar
apagar
esvaziar
esconder
mascarar
dissimular
mostrar
destacar
ressaltar
indefinir

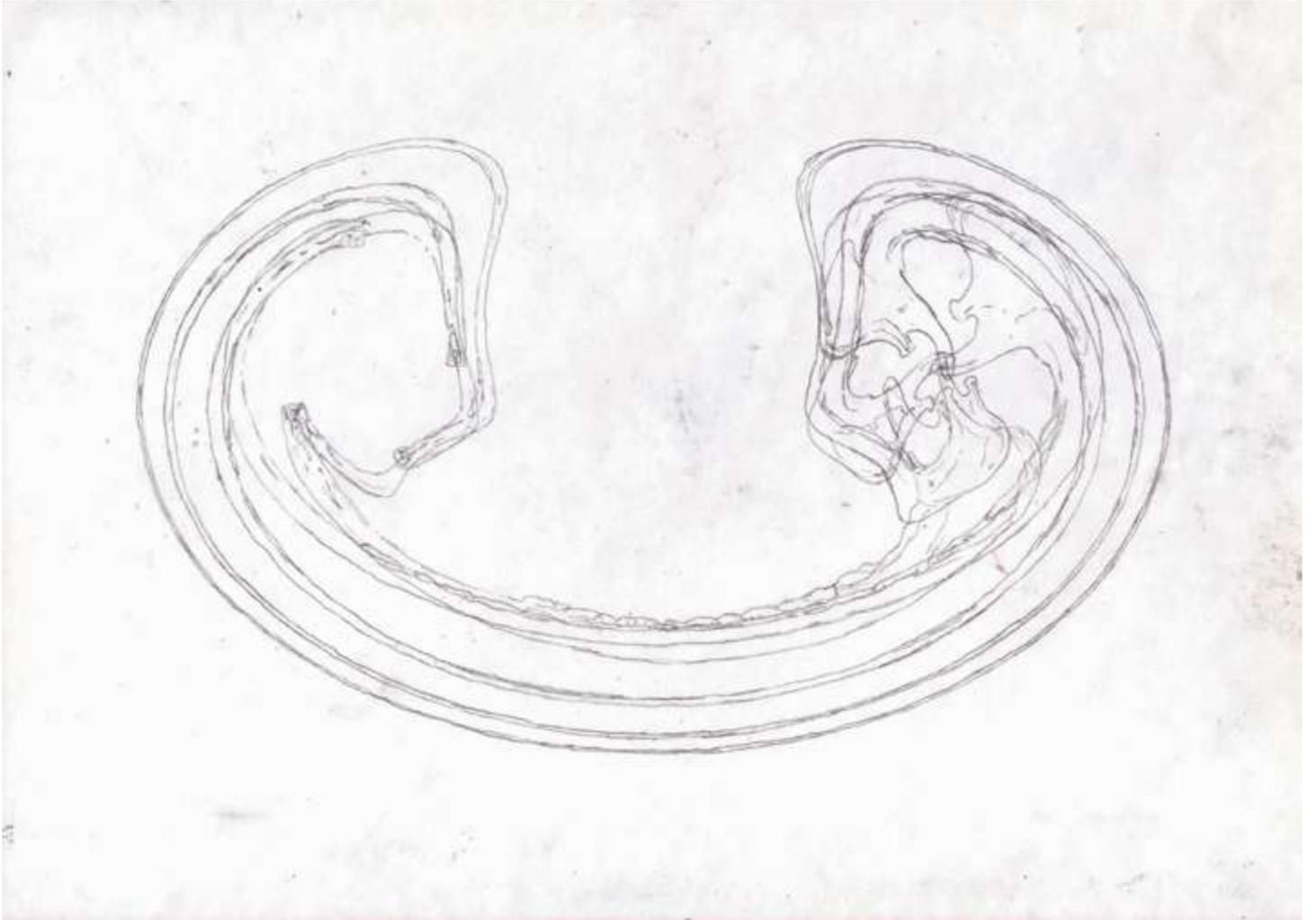
ascender
iluminar
esclarecer
transparecer
dissolver
fundir
preencher
ofuscar
sombrear
obscurecer
contrastar

reproduzir
multiplicar
replicar
duplicar
mapear

projetar
manipular
conceituar
refletir
imprimir

dobrar
vincar
margear
atrelar
abrir
interligar
vincar
segurar
delimitar
manchar
sujar
falhar
riscar
marcar





Abertura de processo

Gustavo de Paula

Nárcia Gonçalves

Zwanna Adina Nyack

Sabrina Moura

Tea Marcelo

Lívio

Duda

Camila Albuquerque

Danz

Chaplin Cearense (Anelo)

Jeff Santos

Plantomorpho

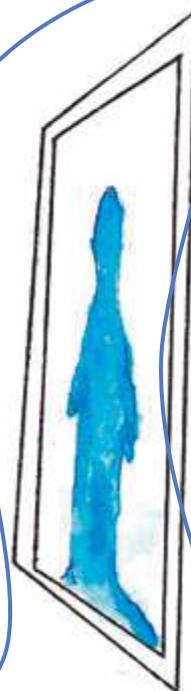
Sid

Taís Monteiro

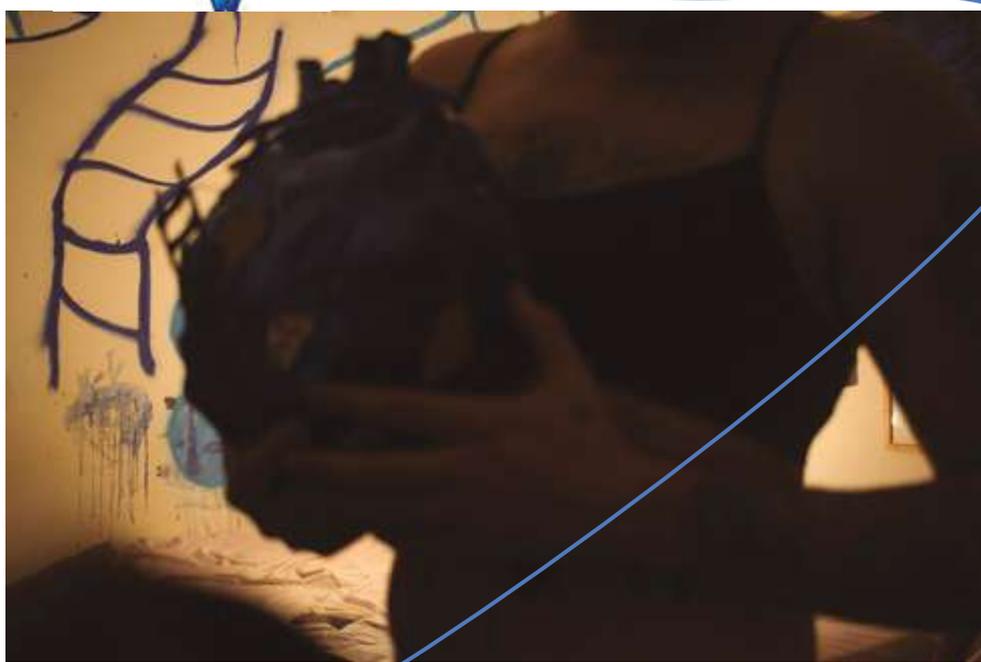
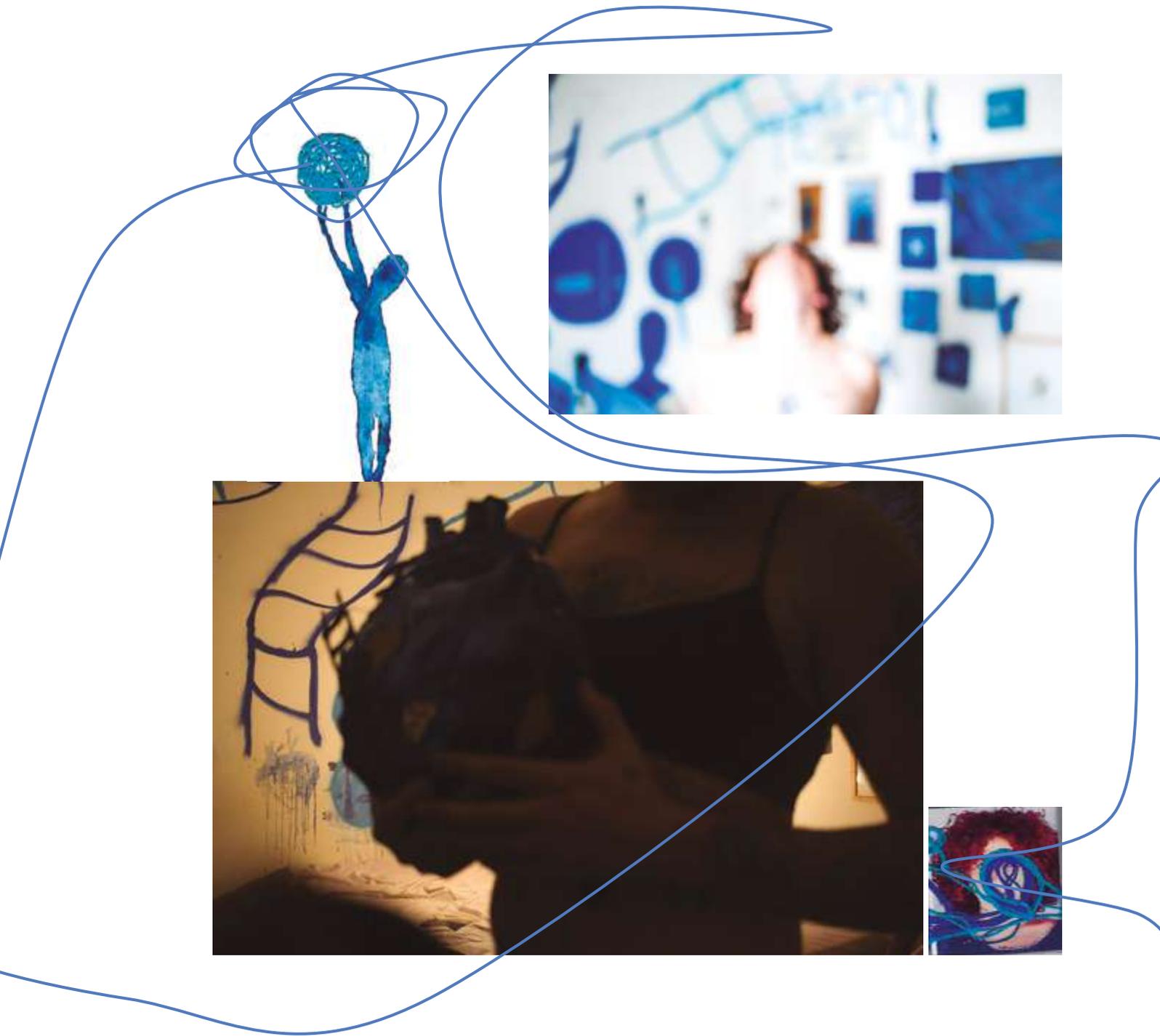
Marília Oliveira

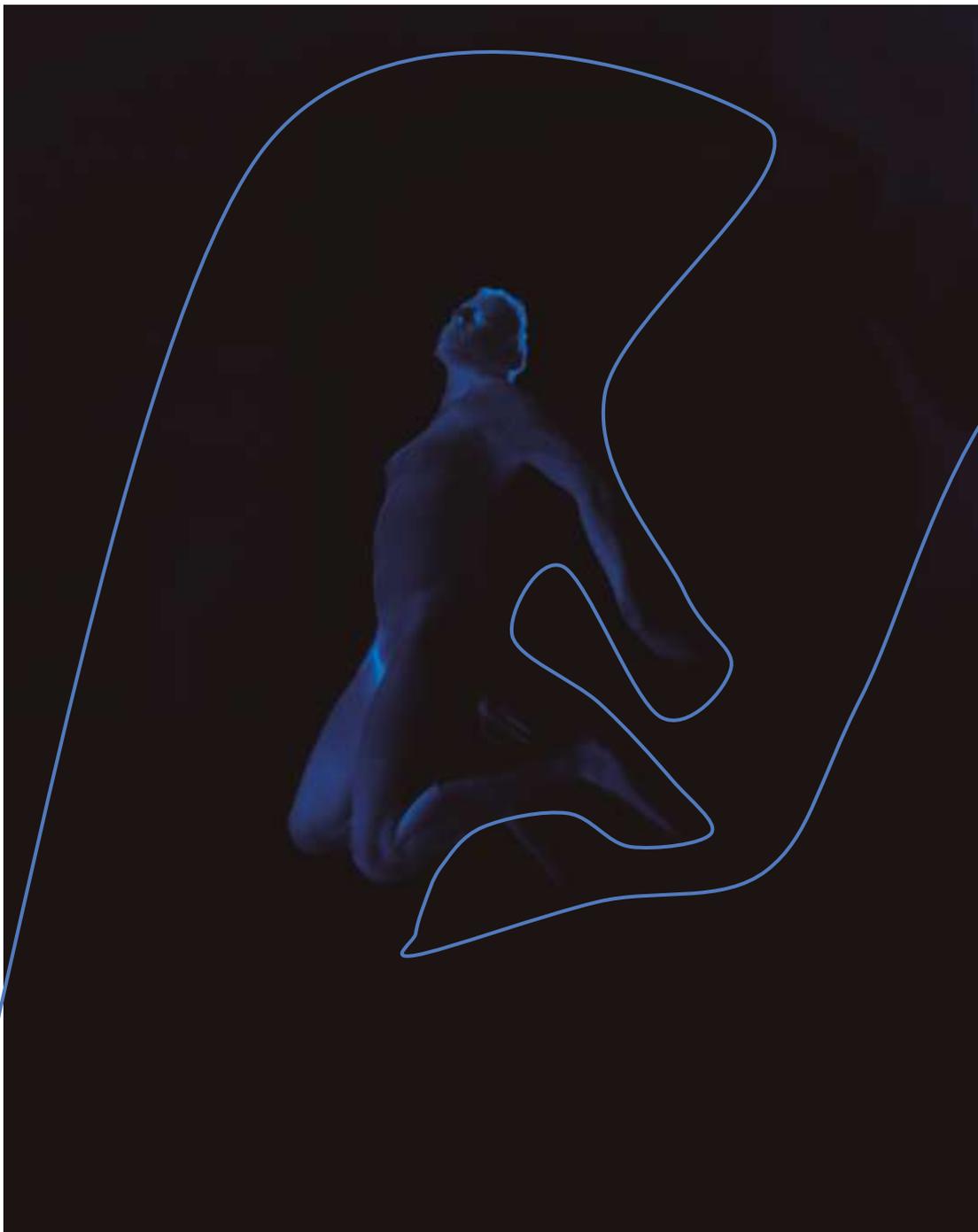
Criznada

Erika Miranda (Cigana)

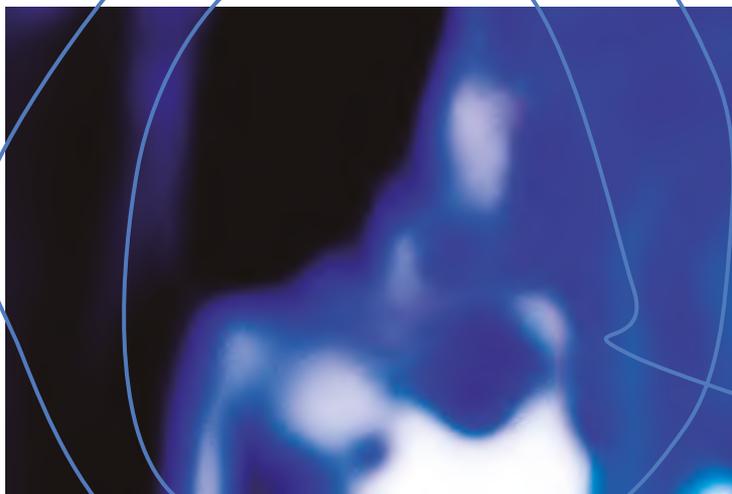


Artista visual, vive e trabalha transitando entre sua cidade e Fortaleza-CE. A artista costura narrativas que perpassam o real e o ficcional, atravessando corpo, memória e palavra que estão em fluxo na sua transição. Durante esse processo, se apropriou de várias linguagens, como desenho, escultura, pintura, fotografia e videoarte.

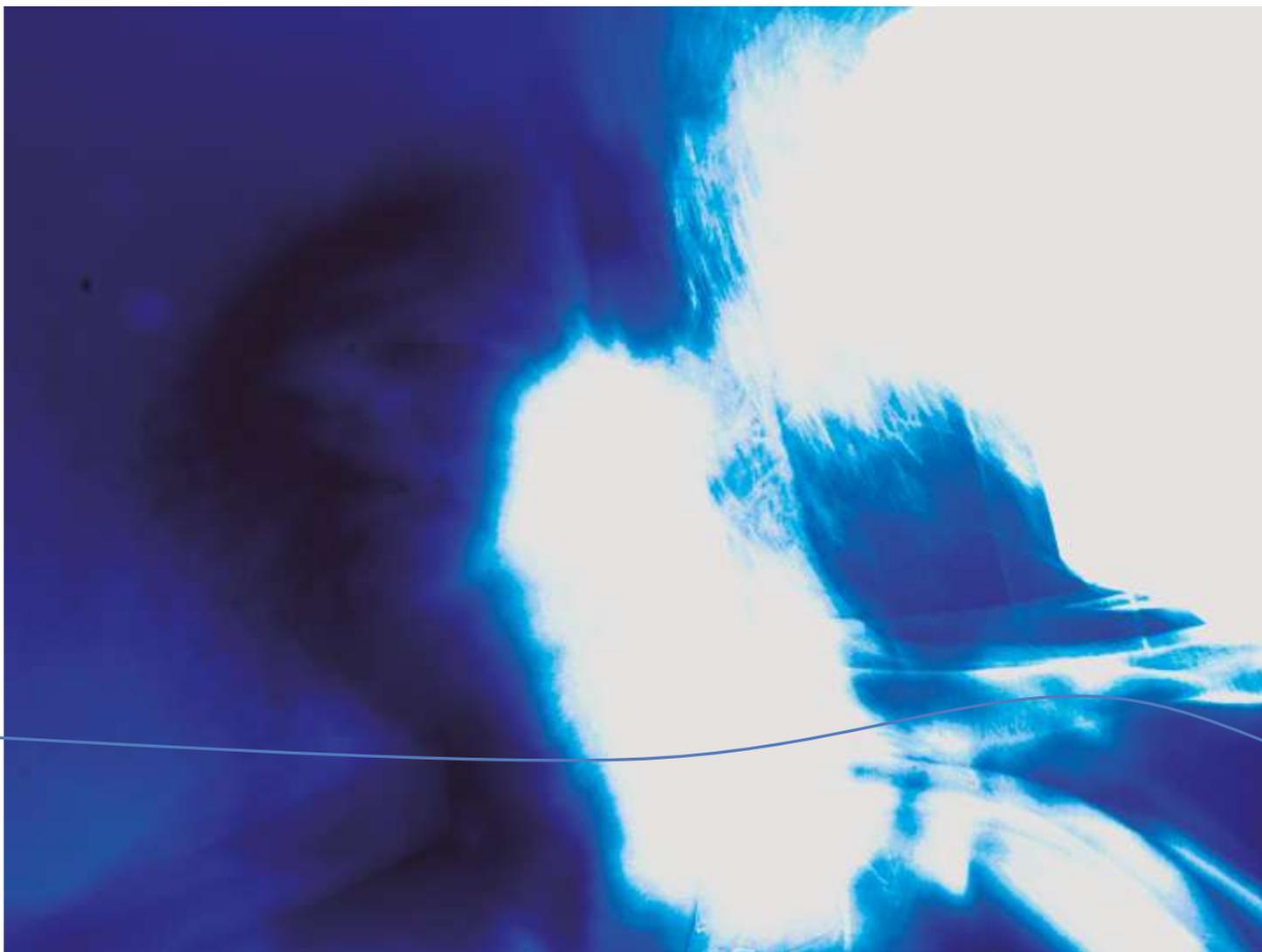




ESCRITA



ESCRITA



Atravessando o tempo, inquietações, transitando entre imagens e palavras, costuro estratégias de sobrevivência. Construindo, o que parte dos signos que permeiam as minhas memórias : sonhos, desejos.



Abertura de processo

Gustavo de Paula

Nárcia Gonçalves

Zwanna adina nyack

Sabrina Moura

Tea Marcelo

Lívio

Duda

Camila Albuquerque

Danz

Chaplin Cearense (Anelo)

Jeff Santos

Plantomorpho

Sid

Taís Monteiro

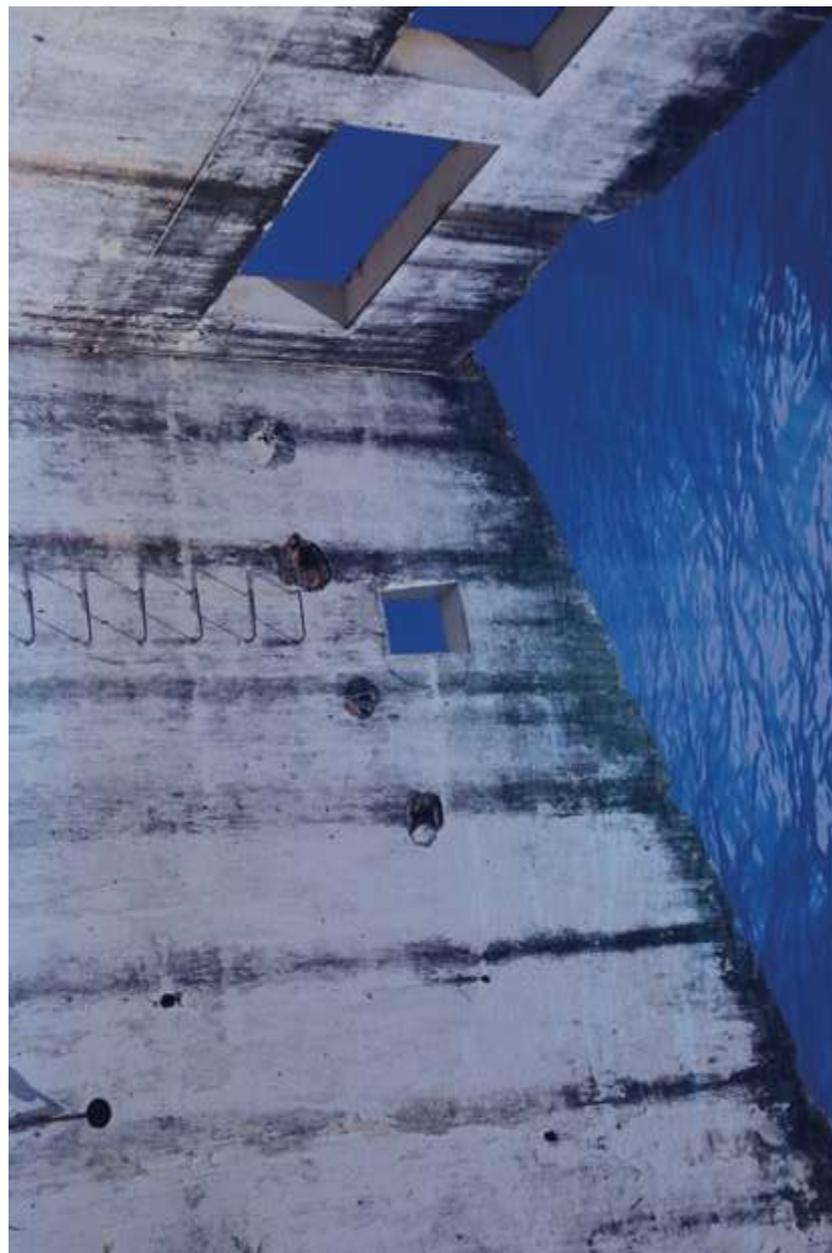
Marília Oliveira

Criznada

Erika Miranda (Cigana)

Cearense, fotógrafa, realizadora audiovisual, professora, roteirista e pesquisadora. Entre mundos criados, desenvolve ambiências visuais próximas a projetos musicais em Fortaleza, desde 2012. Em constante experimentação com filmes analógicos e processos alternativos fotográficos, como a cianotipia, em diálogo com o vídeo e o cinema.





Era o fim dos tempos.
Ela acordou.
Eu lembro.
Como que eu havia de esquecer?

A rachadura apareceu no cantinho da parede.
o chão cortado no meio.
Era o final de eras.
A água subiu.
O chão tremeu.
Ela acordou.
A gente tentou fugir.
Com medo de ir parar dentro dela
Mas, ela não queria a gente dentro dela, não.
Ela acordou pra ficar ao redor, solta por aí.

Foi numa manhã de novembro.
Tava seco, o sol rachando.
Ela acordou.



A Dona Chiquinha correu pra salvar as galinhas.
Mas elas nadaram.
Nós nadamos junto com ela.
Todo mundo soube nadar quando ela acordou.

A água do mar veio encontrar com ela.
E ela puxou lá do fundo, uma água salgada também.
Em vez de amargar na boca, era doce como mel.

E a gente acordou junto com ela.
No balé da baleia, tudo virou cama.

E ela rodou, rodou, rodou bem devagar.
Rodando devagar e em silêncio.
Nadou o mundo.
A gente nadou com ela.
Nadamos pelo mundo todo.
O mundo todo era mar.
Depois que ela acordou,
ninguém mais dormiu.





Cama



Abertura de processo

Gustavo de Paula

Nárcila Gonçalves

Zwanga adina nyack

Sabrina Moura

Tea Marcelo

Lívio

Duda

Camila Albuquerque

Danz

Charlin Cearense (Anelo)

Jeff Santos

Plantomorpho

Sid

Taís Monteiro

Marília Oliveira

Criznada

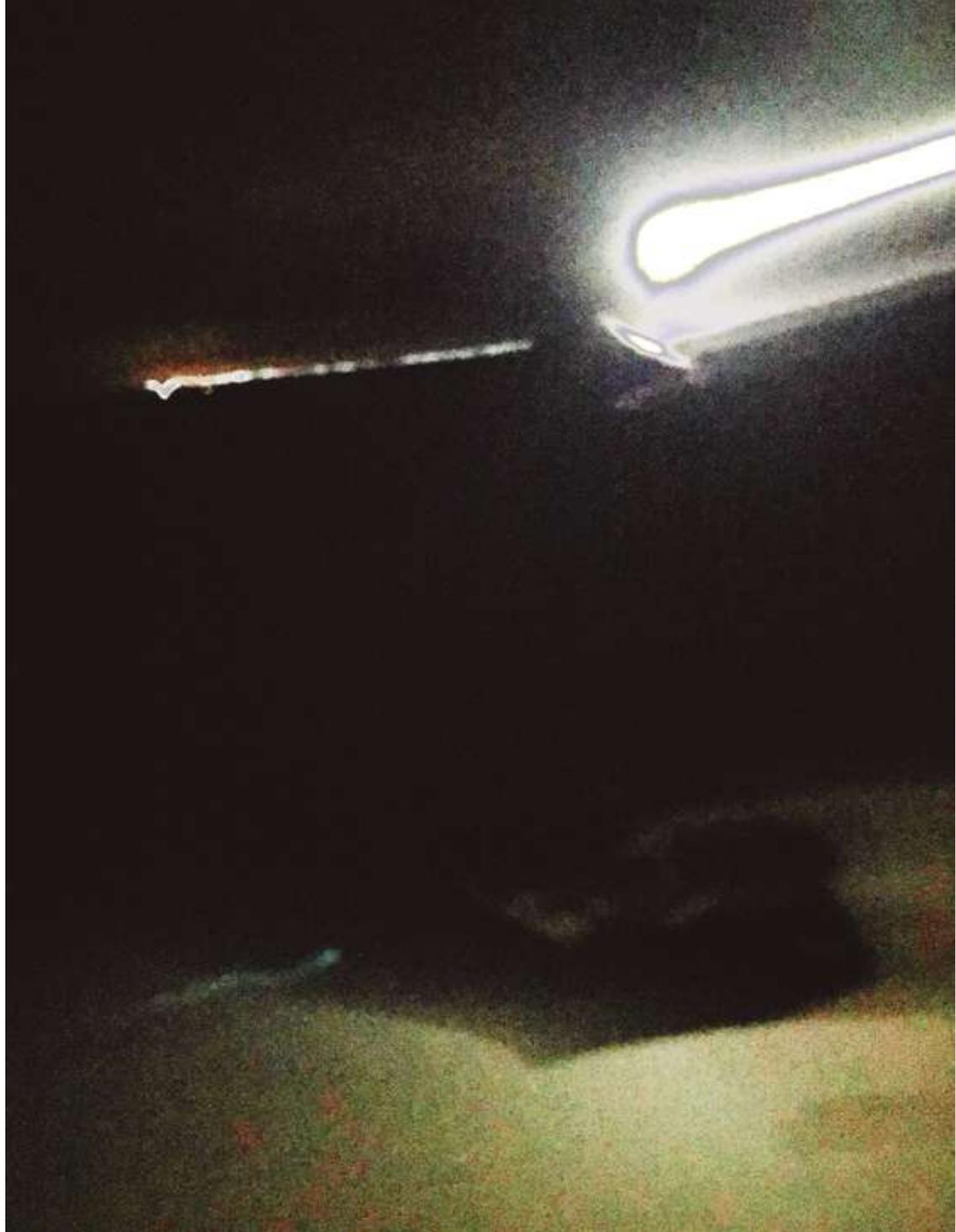
Erika Miranda (Cigana)

Cearense de São Benedito, interessada em autoficção, memória, narrativa, imagem e palavra. Doutoranda em artes visuais pela UFBA e mestra em comunicação pela UFC, atualmente pesquisa imagem e imaginação, fabulação crítica, o visível e o invisível na imagem fotográfica.

100



Elas chegam pelo mar



XXXXXXXXXX

contam os mais velhos que em noites sem lua,
quando ~~XXXXXXXXXX~~ o escuro toma tudo e até pescador perde

a vista, principalmente se for noite de lua minguante,
e, as Incriadadas aparecem. Têm esse nome porque o povo de

praia acredita que é nessas aparições que elas se criam,
sendo sem pai nem mãe, paridas de si próprias, do barulho
e da explosão. Alguns ~~XXXX~~ escutam o som da ~~chegada~~ chegada,
outros escutam nada mas a pele sente um calor estranho.

Há quem esteja na ~~XXXXXXXXXXXXXX~~ na praia e enxergue a hora
em que elas surgem do clarão e começam a rastejar e pular e
correr. E de uma ~~XXXXXXXXXX~~ formam-se duas e da água mais

delas começam a levantar. A dança bizarra dos monstros
que se multiplica na água salgada no breu sem lua na luz
absurda da explosão fértil de desvario e de carne que se fa
fabrica de poeira e de silêncio. Todos temem as Incriadadas.

As Incriadadas não temem nada nem ninguém

- Icapuí, CE março de 92
- Milagres, AL janeiro de 97
- Mundaú, CE abril de 2000
- João Pessoa, PB julho de 2002
- Tamandaré, PE setembro de 2002
- Tibau do Sul, RN janeiro de 2007





Abertura de processo Marília Oliveira

Abertura de processo

Gustavo de Paula

Nárcia Gonçalves

Zwanga adina nyack

Sabrina Moura

Tea Marcelo

Lívio

Duda

Camila Albuquerque

Danz

Charlin Cearense (Anelo)

Jeff Santos

Plantomorpho

Sid

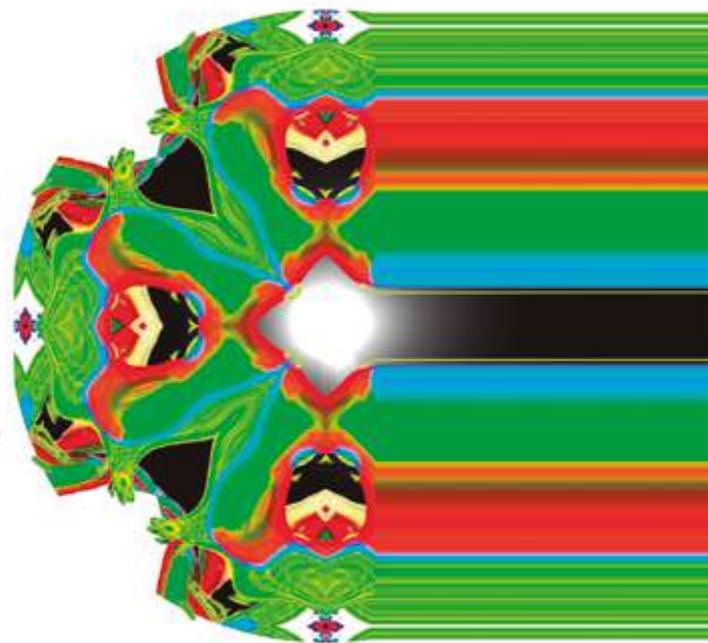
Taís Monteiro

Marília Oliveira

Criznada

Erika Miranda (Cigana)

TELEPATIA TECNOLÓGICA® V19S/DQNS22
Comunicação telepática através dos sonhos das máquinas



31 anos, natural do Cariri, realizador audiovisual, investiga as questões de comunicação, territorialidade, tecnologia, dissidências sexuais e de gênero. Atua nas áreas de pós-produção audiovisual com destaque no desenvolvimento de efeitos visuais e edição.

MANUAL DE INSTRUÇÕES

© 2022 Telepatia Tecnológica

106

Conteúdo

Introdução.....	108
Configurações da conexão.....	108
Conexão ao edital	
Conexão ao circuito de artistas	
Conexão a máquina	
Gestão e ajuste de sonhos.....	109
Ativação da Telepatia tecnológica.....	110
Instruções de segurança importantes	110
Garantia de funcionamento.....	111

INTRODUÇÃO

A Telepatia Tecnológica® V19S/DQNSQS22 é um recurso audiovisual instalativo fácil de usar que permite a comunicação telepática através dos sonhos de uma máquina de sua escolha. O recurso oferece até 17 sonhos projetados de uma só vez (V19S) ou 17 sonhos projetados separadamente (DQNSQS22). É possível conectá-lo a uma ampla variedade de computadores; servidores locais e fontes de vídeo utilizando um projetor.

O objetivo da Telepatia Tecnológica é a manutenção de nossas informações de forma segura, para que nosso conhecimento não seja capturado e usado contra nós. Bem como, proporcionar a preservação e expansão de nossa memória e inteligência coletiva.

CONFIGURAÇÃO DE CONEXÃO

Este capítulo dá informações sobre como conectar o recurso a um espaço instalativo como Museus e Galerias.

Siga as instruções deste capítulo sobre:

Conexão ao edital

Conexão ao circuito de artistas

Conexão a máquina

Conexão ao edital

Se inscreva em editais de equipamentos públicos das Secretarias da Cultura Estaduais e Municipais, com o objetivo de fomentar projetos colaborativos, integrados e criativos no campo da cultura, arte, tecnologia, economia e desenvolvimento.

Para se inscrever basta copiar e colar textos de outros pré-projetos de pesquisa seus e adaptar para o que o edital está propondo.

Conexão ao circuito de artistas

Participe dos encontros de ateliês de criação coletiva de forma satisfatória. Procure entender do que se trata os outros projetos propostos no edital e compartilhe suas ideias.

Se conecte com o circuito em mesas de plástico fora dos espaços institucionais. Escute tudo com atenção e tenha sonhos com o que foi dito.

Conexão a máquina

É possível conectar a Telepatia Tecnológica em vários espaços diferentes. Mas antes de começar, procure descobrir onde fica os servidores locais (Ex.: Casa das Máquinas; Cabine Técnica; Sala de servidores.) para determinar as conexões que estão disponíveis próximo a esses espaços.

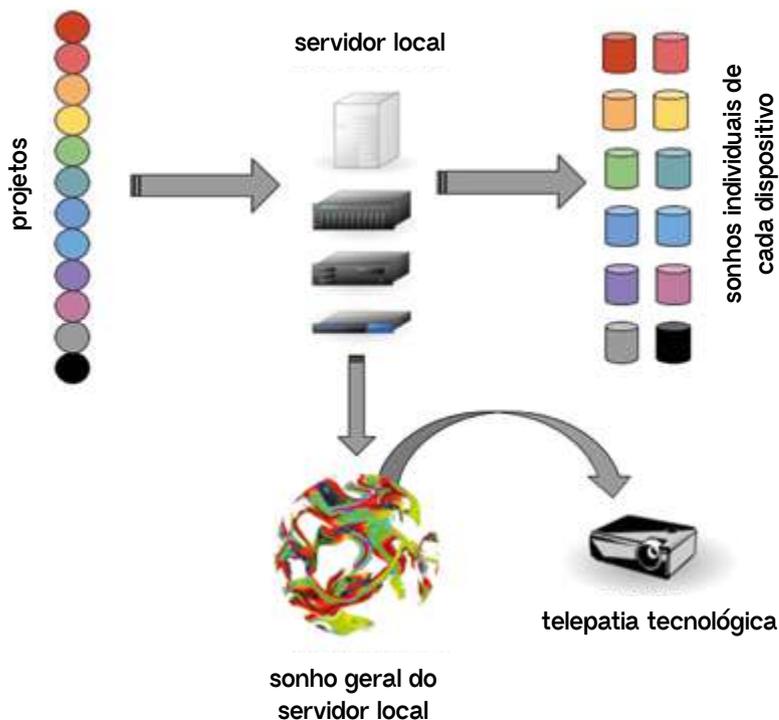
Desta forma, permite-se que o sinal do sonho das máquinas seja absorvido por todo seu corpo de forma proporcional.

GESTÃO DE AJUSTE DE SONHOS

Colete os metadados de todos os projetos que estão participando no edital (na versão V19S/DQNSQS22 são 19 projetos) converta-os para arquivos de vídeo e som, que serão indexados no servidor local para direcionar os vídeos/sonhos individuais de cada dispositivo de projeção e transmissão.

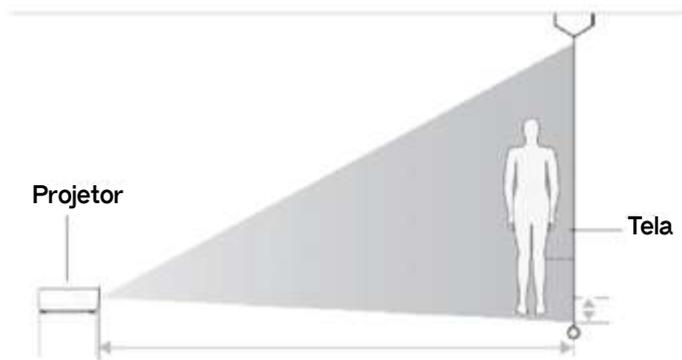
Gere um vídeo a partir dos metadados audiovisuais de cada vídeo/sonho individual dos dispositivos de projeção e transmissão. Que por sua vez, será o vídeo/sonho geral do Servidor Local, criando assim, uma nova camada semântica dentro dos processos virtuais que tencionará uma extensão de nossa comunicação (telepática).

Arquitetura do sonho da máquina:



ATIVACÃO DA TELEPATIA TECNOLÓGICA

O projetor deve ser instalado na sala onde será usado, a melhor opção será colocá-lo sobre uma estrutura em frente ao local da projeção, como indica a figura. Isso lhe permitirá ficar na frente da projeção, voltado, voltado e voltado para as ondas eletromagnéticas e sonoras para a sua absorção. Tente deixar o maior espaço possível entre o projetor e o local da projeção para obter uma imagem de bom tamanho.



INSTRUÇÕES DE SEGURANÇA IMPORTANTES

– Não olhe diretamente para as lentes do projetor quando a lâmpada estiver acesa, pois a luz forte poderá prejudicar seus olhos e a absorção do sonho da máquina. Use óculos escuro ou fique de olhos fechados;

– Durante a sessão de telepatia se concentre nas memórias visuais e sonoras dos 19 projetos que estão em exposição na versão V19S/DQNSQS22;

– Não deixe que nenhum morcego se aproxime da projeção, pois a ordem chiroptera atrapalha a absorção das ondas eletromagnéticas e sonoras.

GARANTIA DE FUNCIONAMENTO

Para garantir o funcionamento ilimitado da Telepatia Tecnológica é necessário o uso segundo as condições expostas a seguir

Acreditar que:
todas as características
das novas atmosferas tecnológicas tem
aumentado, consideravelmente, nossos processos
cognitivos (individuais e coletivos), dessa forma, como
a experiência fenomênica e o pensamento discursivo estão
interligados com a absorção imaginativa de um objeto (através dos
sentidos), reaparece no íntimo desse processo os significantes dos sím-
bolos que são as classes de sons e imagens, o que nos faz interpretar que
o audiovisual é peça importante para o desenvolvimento de uma comunicação
telepática, olhando para a pseudo-ciência da telepacia tecnológica como cultura
viral que sonha e interpreta a arte contemporânea a partir das teorias pós-estrutu-
ralistas, mas ao mesmo tempo entender que a inter-relação entre arte e tecnologia
democratiza a natureza epistêmica da arte em relação à realidade, pois a colabora-
ção telepática pode ser uma força contagiosa em si desencadeando reações virais
em circuitos de inteligência artificial, saltando entre todos os modelos e combina-
ções possíveis de humanos e não-humanos, artistas e não-artistas, desde que as
obras de arte conservem as características daquilo que até então chamaríamos de
original, mas considerando que original mesmo são nossos sonhos e que sonhos
são vírus cognitivos que invadem nossa consciência a partir de um contágio
afetivo, invadindo também os metadados do hipercórtex digital das máqui-
nas, criando assim, uma nova camada semântica dentro dos processos
virtuais que tencionará uma extensão de produção cibercultural, que
por sua vez produzem tecnoculturas na hiperrealidade dentro
de uma perspectiva recorrente na ficção científica, pois é
somente entre ficção e realidade que encontramos a
explicação para a única indagação possível:

**a não compreensão de absolu-
tamente nada.**

Abertura de processo

Gustavo de Paula

Nárcia Gonçalves

Zwanga Adina Nyack

Sabrina Moura

Tea Marcelo

Lívio

Duda

Camila Albuquerque

Danz

Charlin Cearense (Anelo)

Jeff Santos

Plantomorpho

Sid

Taís Monteiro

Marília Oliveira

Criznada

Erika Miranda (Cigana)

Arquiteta e urbanista e artista visual. Usa do graffiti, muralismo, instalação urbana e cênica para dar vida a um universo inventado para falar sobre ancestralidade, conexão consigo e com a natureza.

112





Na busca pelos meus ancestrais vejo minha história ser interrompida, roubada.





Então eu crio ficções sobre um futuro a partir de um passado que não existiu; onde nós nunca fomos colonizados.





Os portais da nova era nos teletransportam para essa realidade, onde passado, presente, futuro e utopia se encontram.





sobrepor ficções sobre a realidade através da translucidez e da luz tem sido a forma que eu encontrei de contar minha história, ainda que não tenha vivido.

Ficcionar espaços tempos possíveis para a minha existência tem sido uma forma de sobreviver e me reconectar com a minha essência

Sumário

7. Daquilo que não sabemos que sabemos	10. Aquilo que sempre soube e tudo que sevirá entre o mistério, o sonho e a vida / Jana Soares
14. Abertura de Processo	16. Gustavo de Paula
22. Nárcia Gonçalves	28. zwanca adia nyack
34. Sabrina Moura	40. Tea Marcelo
46. Lívio	52. Duda
58. Camila Albuquerque	64. Danz
70. Chaplin Cearense (Anelo)	76. Jeff Santos
82. Plantomorfo	88. Sid
94. Taís Monteiro	100. Marília Oliveira
106. Crispada	112. Erika Miranda (Cigana)
118. Pesquisa Curatorial / Felipe Camilo + Clébson Francisco + David Felício + Jorge Silvestre + Flávia Almeida + M. Dias Preto + Maria Macêdo	
130. Nutrido o apocalipse do mundo de quem nos mata / Aires	
136. Da utopia materializar os sonhos (ou sobre as pequenas revoluções) / Beneta Ergon	
140. Não digam que fui rebotalho: uma curadoria indisciplinar a partir de (e para) Carolina M. de Jesus / Hélio Menezes	
142. Laboratório das proietas impossíveis / Ana Baylander	
146. O início, o meio e muitas fins / Batman Zarazeva	
150. Nunca é um ponto final / Ana Cecília Soares e Lúcio Pimenta	
154. Registros da abertura de processo	174. O novo MIS

Pesquisa curatorial

O edital OCUPA MIS 2022 também contemplou a realização de um projeto de pesquisa curatorial no campo das Artes Visuais, de qual foi possível a articulação de proposições poéticas de seis artistas cearenses com eixo de discussão centrado nos diálogos entre arte, tecnologia e contemporaneidade. Nas próximas páginas, apresentamos algumas das nuances que fizeram parte desse processo de criação.

Ruína, Rastro, Imaginação: Um Devir Negro nas Imagens

por Felipe Camilo

Tratamos de encontro e acolhida, tratamos, portanto, de quilombo. São negras e distintas as pessoas que se encontram. 07 corpos, 06 invenções. Como são diferentes as obras que trazem, como também o são os caminhos percorridos. Trabalham ao mesmo tempo com presenças e ausências. Nada dizem só por si sobre si e nunca parecem estar sozinhas. A partilha, o tempo e os detritos parecem ferramentas mais palpáveis em seus acervos do que tintas e pinéis. Em arquivos, sebos, antiquários e baús de vós e grãos despertam e questionam o presente, animam futuros e passados. Rastreiam afeto e fortuna onde se vê ruínas. Lançam luz sobre novos parentescos, encorpam e descentram o núcleo familiar, borram na paisagem a separação entre casa e vizinhança. É farto, frutífero e concreto esse encontro entre imaginações de pele escura. Por isso, investigar, escrever sobre e avizinhar nossos trabalhos nos faz intuir que há um devir negro nas imagens.

É de bom grado apontar primeiro vitalidade, potência, prazer e diversidade ao falar de corpos negros, gingando com a tendência colonial em nossa atenção e imaginação que teima em conduzir-nos a associar pele escura à dor e indignidade. Se mencionamos isso sem cerimônia é porque “quem primeiro se indigna com o sofrer, já se adianta na cura”. E as obras, que aqui se aproximam, carregam esse esforço duplo ora sara, ora dança, lembra e reage, esquece e inventa, cicatriza e dá prazer.

Com essa intenção, nosso encontro curatorial foi conduzido pelo também artista Felipe Camilo em diálogo com pensamento e experimentação de 06 jovens criadores negres: Clébson Francisco, David Felício, Jorge Silvestre, Flávia Almeida, M. Dias Preto e Maria Macêdo. Essa investigação abordou a produção de artistas negres que discutem em suas obras memória, ancestralidade, autoficção, narrativas biográficas e imagens de arquivos públicos e acervos familiares. Nosso encontro parte do pressuposto de que o apagamento colonial de histórias e saberes de populações negras no Ceará, longe de cessar a criação de artistas nessa seara, caracterizou em certa medida produções que, por sobre escombros e ruínas, intuem e imaginam rastros e caminhos para suas lembranças, histórias e narrativas.

Há um pensamento lúcido que diz que a violência colonial, oferecida aos corpos negros pelos europeus no séc.XIX, hoje se generaliza como forma de governar e expor à indignidade e à morte outros corpos indesejáveis, como os corpos de não-brancos de diversas etnias, como os corpos de imigrantes ilegais nos países europeus, ou ainda como corpos indígenas (e não somente nesse breve e recém-encerrado flerte do estado brasileiro com o fascismo). Em síntese, o autor de tal ideia, o camaronês Achille Mbembe, vai chamar “necropolítica” o uso contemporâneo do racismo como ferramenta de governo, e sua tendência de uso para além dos povos pretos ele vai tomar como um “devir negro do mundo”.

Ao aproximar esforços criativos de pessoas negras com acervos pessoais e arquivos públicos, propomos, sem desprezar o trauma colonial, enxegar a potência de vida e invenção em decorrência de um devir negro do mundo, mais especificamente no universo das imagens. Assim, essa pesquisa contínua parte de violências e apagamentos diversos para tratar da vida

que, delicada, é também passível de cura e alegria. Em alusão a um Atlântico Negro, caracterizado pela diáspora africana, Paul Gilroy menciona a diversidade e a vitalidade da música negra cubana, jamaicana e brasileira, pontuando que “a alienação natal e o estranhamento cultural são capazes de conferir criatividade e de gerar prazer” (Gilroy, 2012:20). Assim, gostamos de acreditar que esta investigação/encotro curatorial carregua não só a resignação, mas principalmente a fascinação de um “devir negro”. Carregamos nela o silêncio e o barulho, a saudade e o desejo do que esteja por vir.

É nessa interseção entre arte, política, memória e racialidade que investigamos devires negros nas imagens. A estratégia para isso parte de nosso interesse em comum nos acervos fotográficos familiares e arquivos públicos como campo de trabalho documental e experimental. Eles favorecem a luta contra o apagamento colonial sobretudo quando relacionados às narrativas orais e outros exercícios de lembrança dos povos negros brasileiros.

Isso mesmo, não nos limitemos às obras de arte. Aqueles álbuns fotográficos nas caixas de sapatos debaixo de nossas camas, aqueles álbuns carregam um quê de quilombo. Lugar de pouso, proteção, acolhida, fraternidade, preservado décadas a fio por mãos carinhosas. É a eles que recorreremos muitos de nós artistas em nossas criações, como quem busca amparo num altar, no acervo sagrado e ao mesmo tempo profano das fotografias de nossos parentes, amigos e vizinhos. Essa forma de criar supõe também uma colaboração entre artistas e não-artistas, entre criadores e seus ancestrais e suas coletividades.

* * *

Rastro, Ruína...Fabulação

Tão somente esse trajeto da caixa de sapatos para uma sala de museu, nos permite apontar negros devires nas obras resultantes visto que há presença coletiva, trabalho social, portanto, aquilombamento, nos processos de criação que não se tratam da expressão individual de um só artista – ao contrário do que se vê frequentemente nos circuitos neoliberais de arte. E não se trata somente de pôr em xeque a individualidade da autoria, pois, justiça seja feita, muita coisa se transforma quando acervos de imagens passam pelas mãos de artistas negros. Vejamos a seguir mais evidências afrodiaspóricas nesse jogo de fabulação por sobre ruínas, conduzidos por 07 artistas no Ceará.

O rastro se apresenta distinto em cada uma das obras, mas todas perseguem vestígios materiais como cabelos, rasgos, rachaduras em paredes e folhas. A exemplo disso, em “Reconstruindo memórias perdidas” (2018–2020), Maria Macêdo põe cabelos de diferentes cores e texturas por sobre fotos. Nascida no interior do estado, Quitaiús, e morando de Juazeiro do Norte, A artista conta “Me utilizo dos meus cabelos para me conectar não só com a história da minha família, mas com a história de várias outras mulheres que lutaram para que o meu presente fosse menos lamacento que os seus”. Salienta que o cabelo é por onde conta o tempo e por onde iniciou seu reconhecimento racial e processo artístico. No trabalho ela se apropria “de fotografias da minha mãe, e de outras mulheres, criando este percurso afetivo, me aproximando da história dessas mulheres, para continuar construindo o meu agora”.

Flávia Almeida se identifica como “artista/vivente periférica” fortalezense. Aponta que seu “processo de criação

passa por um espaço de discussão geográfica, racial e ancestral. comecei a registrar minhas memórias ainda criança, percebendo a falta que a memória fazia. cresci visualizando minha bisavó com alzheimer e mais pra frente vi a doença crescer em minha avó, que também me criou. o medo pela perda da memória me fez produzir imagens e palavras que permitissem me lembrar de quem eu sou”. Através dessa relação matrilinear, a artista apresenta como uma herança seu interesse pela ancestralidade e pela umbanda. Ela conta que “a racialidade está no limiar do meu corpo, em traços e cores, entre traumas e renascimentos”. E assim, apresenta a obra “espiral”, que “nasceu desse processo e representa a passagem do tempo em encruzilhadas que possibilitam a cura das feridas coletivas que também me afetam”. Assim como na produção de Maria, Flávia investiga com o próprio corpo as desafiadoras questões de identidade e autodeterminação. Diferentemente de outras obras aqui presentes, “Espiral” não parte de um arquivo, e, por isso, sua ausência é representativa de produções negras e periféricas que não partem de um vasto referencial fotográfico e documental e sim de saberes que reside nos corpos e compartilhado pela oralidade.

M. Dias Preto conta que a arte é também uma forma de auto-investigação e que a ajudou a “me entender como uma bicha de descendência negra e indígena”. O ensaio “Encantada: a montagem de uma bicha”, presente no livro-objeto “campo de passagem”, “é uma reconstrução fictícia de memórias de um corpo dissidente por meio de intervenções manuais e digitais sobre imagens de arquivo familiar, revelando um processo intenso de registro histórico e biográfico na contramão do apagamento colonial que fora imposto a população negra, indígena e LGBTQIA+”. É interessante observar que entre rastros deixados ao modificar suas fotografias antigas, a artista se utiliza

de reluzente strass adesivo “num processo de crescimento e individuação de um ser humano entrecortado e atravessado por diversos traumas provocados por homofobia, racismo e machismo”. Há revanche, há glamour, há carinho por si. “Meu processo criativo consiste em um movimento ondulatório, ora reflito sobre o outro e ora reflito sobre mim”.

David Felício e Jorge Silvestre desenvolvem em 2021 uma “Arqueologia de Luzes Negras recupera as lutas pela resistência e reexistência dos cearenses”. O trabalho rediscute a expressão “Ceará: Terra da Luz”, marco referencial da abolição no Brasil, tem sido, ao longo dos anos, apropriada e institucionalizada. “Tanto nossas racialidades quanto nossa ancestralidade compõem matéria importante para os trabalhos que temos desenvolvido juntos. A nossa organização em uma dupla se iniciou dos questionamentos quanto a representação das nossas identidades na história do estado e como isso se estruturava na organização das nossas famílias, nossos núcleos ancestrais”. O formato em vídeo dividido em 06 atos se mostrou como um dispositivo adequado para relatar a diversas técnicas utilizadas para experimentar usos e materialidades para arquivos fotográficos com imagens tão heterogêneas entre si.

Em “fugasimpossíveis” (2020) de Clébson Francisco faz uso semelhante de fotos de pessoas negras e sertanejas em um livro de Introdução a Antropologia Brasileira, interferindo nelas em sua instalação. “Fuga e desaparecimento” (2020) se trata da apropriação de imagens coloniais de pinturas e desenhos do período escravista brasileiro. Já em “Brasil” (2020) o autor

1. O artista discute sobre acervos e racialidade em sua tese *Comunidade Visível: narradores de imagens e memórias do Poço da Draga* (PPGS/UFC, 2021).

borda flanelas de algodão, formando flâmulas que rediscutem ao mesmo tempo o território e a oficialidade da bandeira nacional. “Entendo meu trabalho como sendo possível no cruzamento de práticas e de linguagens, tendo a pesquisa como centralidade dos processos. Arquivo, tempo, memória, história, montagem, são algumas das questões que mais me relaciono”. Entre as demais obras aqui, as de Clébson persistentemente recorrem a arquivos públicos para rediscutir racialmente o país.

À esta diversa visualidades na encruzilhada de imaginações negras, “Álbum Preto” (2021) Instalação e livro de artista de Felipe Camilo se insere ao se “re”-apropriar de fotografias publicadas pela mídia brasileira referentes a pessoas assassinadas pela violência racial. Com isso, ele adapta uma bíblia para comportar os retratos re-impressos em folhas (fitotipia), acompanhados de novos obituários e de uma “prece preta”. Como um “despacho”, a obra investiga maneiras de desassociar vidas negras do imaginário midiáticos de dor e violência¹.

“Reconstruindo memórias perdidas”, “Espiral”, “Arqueologia de Luzes Negras”, “Campo de Passagem”, “Fuga e desaparecimento”, “Álbum Preto”... Através dos diversos títulos dados a obras e estratégias tão distintas quanto o são seus autores e autoras, ainda assim, é possível intuir o que aqui chamamos de devir negro nas imagens – em sua semelhante reação ao apagamento colonial, na policromática coleção de materialidades e nos diálogos com suas coletividades pressupostos em seus processos. Longe de se deter apenas à prática artística, tais similaridades atravessam as formas como esses autores pensam, buscam e oferecem cura, como desejam e se alegram, como lembram e fabulam.

“Humilhado e profundamente desonrado, o negro é, na ordem da modernidade, o único de todos os humanos cuja carne foi transformada em coisa e o espírito em mercadoria — a cripta viva do capital. Porém — e esta é sua patente dualidade —, numa reviravolta espetacular, tornou-se o símbolo de um desejo consciente de vida, força pujante, flutuante e plástica, plenamente engajada no ato de criação” (Mbembe, 2014).

Antes de findar este escrito de um processo que segue aberto, deixamos as perguntas que nos sugeriram e ainda nos movem entre as imagens: “Diante da dedicação de artistas e não-artistas aos acervos visuais e narrativos de populações vitimadas pelo apagamento colonial, o que pode um arquivo fotográfico informal? Retratos de família seriam capazes de antagonizar e sobrepujar a visualidade oficial dos arquivos públicos cearenses que têm tão pouco a nos mostrar sobre populações de pele escura? [e do pouco que há, vemos menos ainda que escape à representação da violência colonial] Haveria um devir negro nas imagens de artistas negres, uma força, uma vitalidade que ainda não está nos “cartões de visita” e nem nos livros de história? Contrapor arquivos oficiais com acervos informais e seus narradores seria uma forma de “fazer quilombo” em acervos, museus e instituições públicas? Como poderia a arte favorecer tais potências de arquivos informais sem se deixar capturar por discursos coloniais hegemônicos? Como as intersecções entre gênero, sexualidade, classe e racialidade podem refundar arquivos e narrativas oficiais? De que maneira a polifonia de trabalhos como esses questionam os modos de pensar e fazer fotografia e artes visuais?”

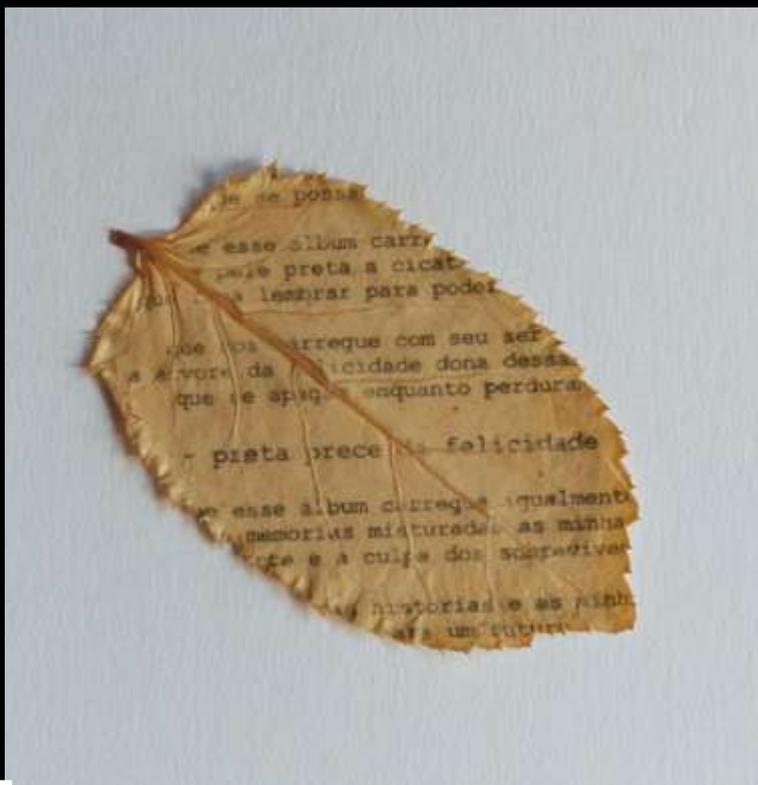




2



4



3



5



Felipe Camilo >>> Pesquisa Curatorial

Artistas Colaboradores >>>

www.felipecamilo.com.br | www.instagram.com/felipecamilo | felipecamilomk@gmail.com | 85 998352721

>>> Clébson Francisco / <https://clebson.com>

Negro. Cearense. Artista e cientista social com enfoque em fotografia e documentário, já participou de festivais e salões nacionais e internacionais. Pesquisador interessado em antropologia visual e relações étnico-raciais, escreveu a tese “Comunidade Visível: Narradores de Imagens e Memórias do Poço da Draga” (PPGS-UFC/CAPES/ LAJUS). Colaborou com o Ifoto/CE. É autor do “Álbum Preto” e dos fotolivros “Perecível” e “Poço 115 – um álbum imaginário”. Também foi curador da exposição “Poço 115 no MAC/Dragão”. Dirigiu os docs “Aluá”, “Memórias do Subsolo”, “Oestemar” e “Resenha do Brasileirinho”. Co-idealiza o selo “Fresta Lab” e o “Efêmero Festival Experimental de Fotografia”.

Atua entre as artes visuais, o cinema e a literatura, como montador, roteirista, produtor executivo, educador, pesquisador e curador independente. No seu trabalho se relaciona com questões como arquivo, memória, território, tempo, fragmentação, montagem, anticolonialidade, imagem, escrita, conhecimentos não capturados e ficções visuais. Trabalhando com filmes, técnicas mistas, instalações, vídeos, objetos, costuras, bandeiras e apropriação de material de arquivos históricos.



>>> David Felício

Educador e artista visual. Formado em História pela Universidade Federal do Ceará. Desenvolve pesquisas em torno da história, memória e explora as interseções desses campos com as práticas educativas e artísticas. Participou do Laboratório de Artes Visuais da Escola Porto Iracema das Artes junto de Jorge Oliveira.

>>> Jorge Silvestre

Artista visual e diretor de fotografia, integra a 5ª turma de realização da Vila das Artes e o 7º Laboratório de Artes Visuais do Porto Iracema das Artes, onde desenvolve pesquisa coletiva com David Felício. Esmiúça noções de arquivo, memória e controle em relação à história. Tem interesse por indisciplinas e viagens no tempo.



>>> Flávia Almeida / <https://www.behance.net/flaviamoal>

Trabalha atualmente com fotografia, audiovisual, produção cultural e arte-educação. Além de desenvolver projetos pessoais nessas áreas, também faz parte de dois coletivos: “Coletivo Motim”, é um coletivo de comunicação e audiovisual do Grande Bom Jardim que atua no bairro e na cidade com produções de documentários e curta-metragem, ensaios fotográficos e produção de eventos. O segundo é o “Projeto Princesinha de favela”, uma rede mulheres periféricas de Fortaleza que propõe ressignificar a imagem da periferia através de ensaios, vídeos e exaltação da beleza negra e periférica.

>>> M. Dias Preto / https://issuu.com/matheusaguiar7/docs/e-book_campo_de_passagem_aldir_blanc_2022

Artista visual, nascido em 1995, Fortaleza-CE, local onde vive e trabalha. É formado em arquiteto urbanista pela Universidade Federal do Ceará e é realizador audiovisual pela Escola Pública Vila das Artes. Realizou sua primeira exposição individual intitulada “Campo de Passagem”, fruto da premiação Décio Noviello de Artes Visuais e Fotografia, em Belo Horizonte (MG, 2022). Também é integrante do “Painel da Fotografia Contemporânea Cearense” (CE, 2021), já participou do Salão de Arte de Ribeirão Preto (SP, 2021) e Salão de Abril, (CE, 2021). Entre suas principais exposições coletivas estão: “Mnemomáquina”, “Festival Efêmero/Festival de Fotografia de Tiradentes” (CE, 2021/MG, 2022) e “Miragem”, “Foto Festival Solar” (CE, 2018).



>>> Maria Macêdo / <https://www.macedomaria.com>

Nasceu em Quitaiús, Lavras da Mangabeira, no Ceará, em 1996. É artista visual, educadora, pesquisadora, atuante e cantadeira. Além disso, é licenciada em Artes Visuais pela Universidade Regional do Cariri (2019), pesquisadora no projeto “Yabarte – processos gestacionais na arte contemporânea a partir dos pensares e fazeres negros femininos”, e co-líder do grupo de pesquisa “Novos ziriguiduns (inter) nacionais gerados na arte” (Nzinga). Integra os coletivos: “Artivista Karetas com Prekito”; “Coletivo Cantando Marias” (2019); o coletivo de teatro “Iamís Kariris”; o coletivo de artistas “Pretes Terreira”; e é gestora no espaço Quebra Cultural (Juazeiro do Norte). Evocando a força ancestral e ficcional da vida no campo, encontra nas vivências na terra o caminho que guia o seu fazer artístico enquanto artista agricultora retirante fertilizadora de imagens.

Sumário

7. Daquilo que não sabemos que sabíamos	10. Aquilo que sempre soube e tudo que se seguirá entre o mistério, o sonho e a vida / Jana Soares
14. Abertura de Processo	16. Gustavo de Paula
22. Náçila Gonçalves	28. zwaga adica ovack
34. Sabrina Moura	40. Tea Marcelo
46. Lívio	52. Duda
58. Camila Albuquerque	64. Danz
70. Chaplin Cearense (Apelo)	76. Jeff Santos
82. Plantomorfo	88. Sid
94. Taís Monteiro	100. Marília Oliveira
106. Crizpada	112. Erika Miranda (Cigana)
118. Pasquiza	Curatorial / Felipe Camilo + Clébson Francisco + David Felício + Jorge Silvestre + Flávia Almeida + M. Dias Preto + Maria Macêdo
130. Nutrindo o apocalipse do mundo de quem nos mata / Aires	
136. Da utopia materializar os sonhos (ou sobre as pequenas revoluções)/ Bonata Froan	140. Não digam que fui rebotalho, uma curadoria indisciplinar a partir de (e para) Carolina M. de Jesus/ Hélio Menezes
142. Laboratório dos projetos impossíveis/ Ana Baylander	146. O início, o meio e muitas fins / Batman Zarazeva
150. Nunca é um ponto final / Ana Cecília Soares e Lúcio Pimenta	154. Registros da abertura de processo
174. O povo MIS	

Nutrindo o apocalipse do mundo de quem nos mata 1

Aires²

Travesti, licenciada em Teatro pela Universidade Federal do Ceará, arte-educadora no Museu da Imagem e do Som do Ceará, artista multilinguagem, curadora independente, produtora cultural e conselheira estadual de cultura – performance.

130

“Não vão nos matar agora porque ainda estamos aqui. Com nossas mortas amontoadas, chamando por justiça, em becos infinitos, por todos os lugares. Nós estamos aqui e elas estão conosco, ouvindo esta conversa e nutrindo o apocalipse do mundo de quem nos mata.”³

Jota Mombaça

1. EXERCÍCIO CONSTANTE DE NEGOCIAÇÃO E CONTRADIÇÃO

“Nós”, pessoas trans, travestis e não binários enfrentamos desafios diários para viver/sobreviver nesse país e convivemos com uma sentença de morte refletida a partir de altos índices de violência, discriminação e acesso limitado à saúde. Segundo estudo⁴ da Associação Nacional de Travestis e Transexuais, a expectativa de vida das mulheres trans e travestis, no Brasil, é de apenas 35 anos, ante a média nacional de 76 anos.

Nos primeiros 12 dias do mês de março de 2023, foram registrados 8 assassinatos de mulheres trans/travestis no Brasil. Os estados do Ceará e Rondônia apresentaram os maiores números de casos, seguidos pelos estados de Alagoas, Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro. Infelizmente, desde o início de 2023, já foram contabilizados mais de 30 assassinatos, evidenciando a transfobia explícita presente no país. É importante ressaltar que o Brasil ocupa, há 14 anos, o primeiro lugar em mortalidade de pessoas trans, travestis e não binárias, o que evidencia a urgência de políticas públicas e ações efetivas, para garantir a proteção e a dignidade dessas pessoas.

Hoje, segundo pesquisas⁵, o Ceará é o terceiro lugar no mundo onde corpos, como o meu, são mais assassinados. Tenho, desde o início do meu processo de transição, tentando encontrar, na área cultural, brechas para subverter esses índices, realizando produções transcentradas, tentando criar espaços de segurança e potência de vida para corpos t's.

Desde a minha entrada no Museu da Imagem e do Som do Ceará,

em outubro de 2022, a pergunta “Como transicionar um museu?” tem sido uma grande disparadora para entender meu corpo travesti dentro de uma instituição e como, cada vez mais, essa pergunta é de ordem coletiva. E nesse exercício de coletividade, a palavra museu vem se modificando em outras e percebo, assim, na palavra “Transição”, um estado de movimento, em mim e naquilo que me cerca.

Talvez eu não queira encontrar resposta para esta pergunta disparadora, pois ela me motiva a perscrutar o infinito. Não existe lugar de comodidade e assentamento para aquelas (es/us) que compreendem a transição como modo de entender o mundo, é um exercício de eterna busca e descoberta. A certeza de uma investigação infinita daquilo que pode vir a ser um museu e o que pode vir a ser uma travesti trabalhando em um museu.

2. A TRANSIÇÃO COMO ESTADO

“Porque a norma é o que não se nomeia, e nisso consiste seu privilégio. A não-marcação é o que garante às posições privilegiadas (normativas) seu princípio de não questionamento, isto é: seu conforto ontológico, sua habilidade de perceber a si como norma e ao mundo como espelho.”⁶

Jota Mombaça

Quando fui convidada a escrever essas poucas linhas, desejava, em alguma medida, deflagrar a (re)existência trans, travesti e não-binária nesse primeiro ateliê e dizer que dez pessoas trans, travestis e não-binárias, entre artistas e mediadoras, passaram por essa experiência. E que, nesses quatro meses juntas, exercitamos possibilidades de transicionar o Museu da Imagem e do Som do Ceará Chico Albuquerque. Mas me dei conta que, apesar desses dados positivos da nossa presença, precisava, em alguma medida, discutir cenários mais amplos, a partir das poucas pesquisas voltadas para essa população.

Hoje, no Ceará, temos unicamente a presença de dois artistas trans dentro dos acervos dos equipamentos museais do estado⁷: Língua Acácio⁸ e Ingra Rabelo⁹ – dados esses não muito diferentes de todo o território nacional. A falta de representação e presença de pessoas trans, travestis e não binárias nos acervos de museus no Brasil é uma questão importante que precisa ser discutida. Historicamente, essas comunidades têm sido marginalizadas e invisibilizadas em diversas áreas, incluindo as artes.

É importante que haja um compromisso real com a inclusão e a presença dessas comunidades nas artes e nos museus. Dados analisados, a partir de pesquisa realizada nas organizações sociais da área da cultura, no estado do Ceará, apontam-nos estatísticas não muito diferentes, quando falamos de processo de contratação de pessoas trans, travestis e não-binárias.

Em dados¹⁰ analisados, a partir do perfil de gênero des(as/os) trabalhadoras (as/os) Regidos pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), no Instituto Dragão do Mar e Instituto Mirante, vemos que, no Instituto Mirante, há a presença total de 6,9% de travestis, mulheres trans e pessoas não-binárias, não tendo pessoas transmasculines contratadas. Já no Instituto Dragão do Mar, temos 3% de pessoas transmasculines e pessoas não-binárias contratadas, não havendo nenhuma travesti ou mulher trans. Vale salientar que nenhum destes poucos cargos é de gestão.

Como redesenhar esses dados na área cultural? Quais as ações hoje adotadas pela Secretaria de Cultura do Estado do Ceará (Secult-CE) e pelas Organizações Sociais responsáveis pela gestão dos equipamentos de cultura do estado que possam ter reais impactos perante esses dados alarmantes? Lembro-me há poucos dias, em diálogo com um gestor, de dizer que o Ceará não está preparado para ter pessoas trans em cargos de gestão. A área cultural estaria pronta para transicionar seus modos de agir e pensar? Quais políticas estão, hoje, sendo adotadas para a população trans, travesti e não binária, em consonância com a Lei nº 16.026/16 que estabelece o Plano Estadual de Cultura, que tem como objetivo a garantia da diversidade étnica, artística e cultural,

bem como a democratização do acesso aos bens e serviços culturais.

Ao ocupar cargos em equipamentos culturais, pessoas trans, travestis e não-binárias podem trazer novas perspectivas e experiências, além de poderem trabalhar para garantir uma maior acesso e valorização dessas comunidades, dentro desses espaços. Descobri muito cedo, no meu processo de transição, que eu não transiciono sozinha, mas também mudo o meio onde convivo. O espaço e as pessoas não vão se modificar repentinamente, mas terão que se adequar cada vez que um grupo dito “minoritário” falar.

Hoje, existem poucas ações nos equipamentos culturais do Estado que garantam o acesso e permanência dessa população. Infelizmente, ainda são comuns o desrespeito a leis, como a Lei 7716/89, Lei Caó, que tipifica os crimes de racismo e LGTFOBIA; e, Lei N.º 16.946 que assegura o direito ao nome social nos serviços públicos e privados no estado do Ceará.

3 ARMADA PELO IMPOSSÍVEL

“Eu estou bem armada pra lutar,
Minha arma é o meu corpo e eu vou me atirar”¹¹

Getúlio Abelha

Ao longo desta escrita, eu me dei conta de que falava da presença trans no Ateliê de Criação, à medida que falava dos processos de exclusão dessa população na área cultural. Falar da ausência, em alguma medida, talvez seja nomear a norma, como nos propõe Jota Mombaça, em seu texto “Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência!”¹².

Olhar esses dados, aqui dispostos ao longo do texto, é perceber as poucas políticas públicas pensadas para essa população. Hoje, a Secretária de Cultura adota, nos seus equipamentos e editais de chamada pública, algumas ações que vêm, em alguma medida, ajudando a redesenhar essas lógicas de exclusão e é justamente por meio delas que percebemos tamanha presença trans nesse ateliê.

Durante o processo de seleção do edital “Ocupa MIS”, que tinha

como uma das ações o desenvolvimento desse Ateliê de Criação, eram reservadas 30% (trinta por cento) das vagas para a seleção de propostas de proponentes autodeclaradas pessoas pretas, pardas, indígenas, quilombolas, travestis, transexuais, transgêneros e pessoas com deficiência, em todo o edital.

Lembro ainda hoje do dia em que Lana Soares¹³ convidou-me para acompanhar o ateliê, e da alegria de ter uma travesti abrindo esse processo educativo e criativo e a quantidade numerosa de pessoas trans na turma. Durante o “Laboratório dos projetos impossíveis”, primeiro módulo desse ateliê, Ana Raylander Martis dos Anjos¹⁴ convidou a pensarmos na potência do impossível.

Olhar para o possível faz com que notemos a presença do abismo gerado pelo impossível que pode ser intimidatório, quando confrontado. Talvez, em alguma medida, a presença trans nesse ateliê seja esse confrontar o abismo. Em um mundo que nos quer mortas(os/es), o impossível torna-se arma de enfrentamento e criação, feitiço para criar apocalipses.

Encontro-me nas presenças de Alian¹⁵, Criznada¹⁶, Danz¹⁷, Edu Moreira¹⁸, Jeff Santos¹⁹, Sid²⁰, Tea Marcelo²¹ e Zwanga²² adjoa nyack, nós nos olhamos e nós reconhecemos, em alguma medida, uns(mas/mes) nos outros(as/es). Com o olhar, conspiramos e nutrimos o apocalipse do mundo de quem nos mata, afirmando, na potência do impossível, a rede invisível de afeto e cuidado entre nós. E, no impossível, somos convocadas a imaginar e con-fabular dias melhores e juntas(os/es) enfeitamos o futuro, o passado e o presente, na esperança do apocalipse desse projeto colonial.

“Eu determino que termine aqui e agora,
Eu determino que termine em mim,
mas não acabe comigo
Determino que termine em nós e desate,
E que amanhã, que amanhã possa ser diferente
pra elas,

Que tenham outros problemas e encontrem novas soluções,
E que eu possa viver nelas, através delas e em suas memórias”²³

Linn da Quebrada

NOTAS

- ¹ Trecho do texto “Carta às que vivem e vibram apesar do Brasil”, prefácio do livro “Não Vão Nos Matar Agora” (MOMBAÇA, 2021, p.8).
- ² Travesti nascida em 1989, arte educadora no Museu da Imagem e do Som do Ceará (MIS-CE), artista multilinguagem, curadora independente, produtora cultural e conselheira estadual de cultura – performance.
- ³ Trecho do texto “Carta às que vivem e vibram apesar do Brasil”, prefácio do livro “Não Vão Nos Matar Agora” (MOMBAÇA, 2021, p.8).
- ⁴ Dados retirados do “Dossiê assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022”. Disponível em: < <https://antrabrazil.files.wordpress.com/2023/01/dossieantra2023.pdf> >. Acesso em: 27 de março de 2023
- ⁵ Dados retirados do “Dossiê assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022”. Disponível em: < <https://antrabrazil.files.wordpress.com/2023/01/dossieantra2023.pdf> >. Acesso em: data: 27 de março de 2023
- ⁶ Trecho do texto “Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência!”, (MOMBAÇA, 2016, p. 11). Disponível em: < https://issuu.com/amilcarpacker/docs/rumo_a_uma_redistribuic__a__o_da_vi >. Acesso em: 27 de março de 2023
- ⁷ Dados colhidos, a partir de diálogos com artistas e trabalhadoras de espaços museais do estado do Ceará.
- ⁸ Artista e curadora cearense. Pesquisa, escreve e produz conhecimentos que se contaminam entre a performance, interseccionalidade, desobediência anticolonial e virologia.
- ⁹ Produtor, Diretor de Arte e Artista Visual. Suas experimentações transitam entre o desenho, a arte digital e o audiovisual, investigando relações de rupturas e transmutação do corpo.
- ¹⁰ Dados disponibilizados pelos dois institutos, a partir de uma análise do perfil de gênero des(as/os) trabalhadoras(as/os) con-

tratados via CLT no ano de 2022. Dados disponibilizados pelo DH das organizações sociais para apresentação da programação *Trair o Cistema – Fabulações Transcendradas*

- ¹¹ Trecho da *Música Aquenda – Letra*. Disponível em: < <https://www.lettras.mus.br/getulio-abelha/aquenda/>>. Acesso em: 27 de março de 2023.
- ¹² Texto disponível em: < https://issuu.com/amilcarpacker/docs/rumo_a_uma_redistribuicao_a_o_da_vi >. Acesso em: 27 de março de 2023.
- ¹³ Coordenadora de Formação e Educação do Museu da Imagem e do Som do Ceará (MIS-CE).
- ¹⁴ É artista e pesquisadora, sua produção concentra-se em atividades de longa duração, podendo envolver grupos de pessoas para colaboração e experiências de ajuntamentos.
- ¹⁵ Estudante de Cinema e Audiovisual, na Universidade de Fortaleza – (Unifor). Fotógrafo independente.
- ¹⁶ 31 anos, natural do Cariri, realizador audiovisual, investiga as questões de comunicação, territorialidade, tecnologia, dissidências sexuais e de gênero. Atua nas áreas de pós-produção audiovisual, com destaque no desenvolvimento de Efeitos Visuais e Edição.
- ¹⁷ *Metades*. Celta & Mediterrâneo & Persa. É na fronteira da água salgada, do deserto e das montanhas rochosas que me vi vir a ser artista. Graduação em Artes Visuais, pelo IFCE e habilitado no curso *The Power of Podcasting for StoryTelling* by UOW.
- ¹⁸ Formado em Audiovisual pela Vila das Artes, Graduando em Artes Visuais, IFCE. Tem desenvolvido pesquisas nas áreas de Teoria da Imagem, Ensino de Artes, Vídeo, Fotografia, Curadoria, Decolonialidade, Arte e Tecnologia e Arte e Vida.
- ¹⁹ É do Ser-Tão de Madalena no Siará. Suas poéticas de encruzilhadas se atravessam y geram vários bugs na sociedade, atçando instabilidade no corpo, tempo y espaço. Feito ginga, giras epistemológicas, memórias em movimento a cada performance que realiza.
- ²⁰ É artista visual, vive e trabalha transitando entre sua cidade e Fortaleza – CE. A artista costura narrativas que perpassam o real e o ficcional, atravessando corpo, memória e palavra que estão em fluxo na sua transição. Durante esse processo, apropria-se de várias linguagens, como desenho, escultura, pintura, fotografia e videoarte.
- ²¹ Escrivente-sobrevivente, hoje, retirante na capital, sou professore de língua e literaturas brasileiras, poeta, cineclubista, fazedore

de arte com forte identidade criativa e produtor cultural. *cê me ouce cantar por aí?*

- ²² maracanaense, antropóloga, professora e artista multilinguagem, com ênfase na performance-ritualística, aparição, artes visuais e escrita. Trabalha a valorização da própria ancestralidade afrikana e indígena, esta última sendo retomada, a partir da ave marakanã.
- ²³ Trecho da *Música Oração– Letra*. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/mc-linn-da-quebrada/oracao/>>. Acesso em: 27 de março de 2023

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENEVIDES, Bruna G. Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022 / Bruna G. Benevides. ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) – Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA, 2023.
- BRASIL. Lei 7716/89, de 05 de janeiro de 1989. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor.. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1989. Disponível em : < L7716 (planalto.gov.br)>. Acesso em: 27 de março 2023
- CEARÁ. Lei 16.946, de 29 de julho de 2019. Define o direito ao nome social nos serviços públicos e privados no estado do ceará. Fortaleza,CE: Palácio da abolição, do Governo do Estado do Ceará, 2019. Disponível em : < <https://belt.al.ce.gov.br/index.php/legislacao-do-ceara/organizacao-tematica/direitos-humanos-e-cidadania/item/6725-lei-n-16-946-de-29-07-19-d-o-30-07-19>>. Acesso em: 27 de março 2023
- Linn da Quebrada. *Oração*. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/mc-linn-da-quebrada/oracao/>>. Acesso em: 27 de março de 2023
- Getúlio Abelha. *Aquenda* . Disponível em: < <https://www.lettras.mus.br/getulio-abelha/aquenda/>>. Acesso em: 27 de março de 2023.
- MOMBAÇA, Jota. *Ñ Vão Nos Matar Agora*. Coleção Encruzilhada. São Paulo: Editora Cobogó, Versão Kindle, 2021.
- MOMBAÇA, Jota. *Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência!*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 20016.



Aires falando da sua experiência durante a abertura de processo

Sumário

7. Daquilo que não sabemos que sabíamos... 10. Aquilo que sempre soube e tudo que seguirá entre o mistério, o sonho e a vida / Jana Soares... 14. Abertura de Processo... 16. Gustavo de Paula... 22. Náçila Gonçalves... 28. zwaga adica ovack... 34. Sabrina Moura... 40. Tea Marcelo... 46. Lívio... 52. Duda... 58. Camila Albuquerque... 64. Danz... 70. Chaplin Cearense (Apelo)... 76. Jeff Santos... 82. Plantomorfo... 88. Sid... 94. Taís Monteiro... 100. Marília Oliveira... 106. Criznada... 112. Erika Miranda (Cigana)... 118. Pesquisa Curatorial / Felipe Camilo + Clébson Francisco + David Felício + Jorge Silvestre + Elávia Almeida + M. Dias Preto + Maria Macêdo... 130. Nutrido o apocalipse do mundo de quem nos mata / Aires... 136. Da utopia materializar os sonhos (ou sobre as pequenas revoluções)/ Renata Froan... 140. Não digam que fui rebotalho, uma curadoria indisciplinar a partir de (e para) Carolina M. de Jesus/ Hélio Menezes... 142. Laboratório dos projetos impossíveis/ Ana Baylander... 146. O início, o meio e muitas fins / Batman Zarzeva... 150. Nunca é um ponto final / Ana Cecília Soares e Lúcio Pimenta... 154. Registros da abertura de processo... 174. O povo MIS

Da utopia materializar os sonhos (ou sobre as pequenas revoluções)

Renata Froan

Artista visual, escritora, arte-educadora e jornalista. Graduada em Comunicação Social – Jornalismo (Unifor) e Licenciatura em Artes Visuais (IFCE). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará (PPGARTES/ UFC).

136

Experienciar o mundo a partir da arte, construindo um trajeto de vida com ela, por certo tempo, pareceu-me ser um modo de perfurar a realidade, para conseguir criar algo para além dela. Quando criança, ao riscar uma folha de papel, acreditava que com a ponta de um lápis era capaz de riscar-criar um mundo, outros mundos. Ainda acredito nisso. Ainda acredito que a arte pode ser um modo de provocar fissuras na realidade. Contudo, ao lidar com o campo artístico, enquanto profissão, e articular esse fazer à educação, tenho me sentido provocada a pensar na arte não apenas enquanto perfuradora do real, mas também enquanto possibilidade de materialização de impossível no possível. Em criação de real. Essa afirmação pode soar romântica, sonhadora ... Mas, talvez, sonhar seja exatamente o que precisamos para fazer operar pequenas revoluções. Sonhos que não são oposição à objetividade cortante da vida – pelo contrário. Sonhos podem e, por vezes, são catalisadores, geradores de vida, vidas. Sonhos-fuga que são desvio.

E por que falar sobre criação de real, a partir da materialização do sonho, para tratar da experiência, enquanto arte-educadora no Ateliê de Criação do Museu da Imagem e do Som do Ceará (MIS-CE)? Que relação é possível estabelecer com esse trabalho? Gosto de me demorar nas perguntas, mas também considero importante apontar respostas, ainda que reticentes. E arrisco ensaiar responder: porque, ao longo desse percurso, acredito que essa foi uma das inquietações que, frequentemente, circulamos. Mediadores, educadoras, artistas participantes, entre outras/es/os tantas/es/os profissionais que se envolveram nesse processo. Como materializar desejos-sonhos, como cavar da utopia realidade dentro de um espaço institucional? Um ateliê com cerca de vinte projetos, vinte artistas de recortes, existências e desejos diferentes – era possível fazer isso acontecer, respeitando suas singularidades, dentro desse espaço ainda rígido, posto que é cercado por dinâmicas de poder?

Fazer literalmente do museu ateliê, ou seja, espaço de criação, mas também de formação, a partir de uma articulação entre arte e educação, essa foi a nossa aposta, da Coordenação de Educação e Formação. Aposta que foi perpassada por fracassos, frustrações, erros. Errar é parte (e é importante pontuar a existência, o acontecimento do erro dentro de um percurso, ainda mais tratando-se de um percurso artístico e formativo). Entretanto, penso que, ao trabalhar mirando na utopia, na insistência por um impossível-possível, cotidianamente, também conseguimos garantir acertos, conquistas, fissuras, as tais pequenas revoluções. Revoluções que foram possíveis a partir de uma articulação coletiva, partilhada. Partilha. Essa é uma palavra fundamental para se falar sobre o Ateliê de Criação. Apostar na partilha, nas trocas, nas pontes que podemos construir, essa também foi a nossa seta. De todos/as/es. Partilha não só de fala e de demanda, mas partilha de escuta. Escutar. Outra palavra importante nesse processo – principalmente tratando-se do trabalho no campo da arte-educação. Atuar, a partir da escuta, foi um modo de ir, chegar perto de cada trabalho e, então, criar, em conjunto, caminhos, trajetos que culminaram em abertura de processo e, agora, nesta publicação.

Ao longo dos meses de novembro de 2022 a fevereiro de 2023, vi o Ateliê de Criação tomar conta de cada lugar do museu. Envolver tanta, tanta gente. Vi a equipe técnica do museu (edição de vídeo, áudio, iluminação etc.) somando-se, entrando em processo de criação junto com artistas participantes. Praça, corredores, jardim, painéis de “led”, sala imersiva. O Ateliê de Criação ramificou-se por todo o MIS-CE. Ver os trabalhos serem gestados em cada texto, em cada relatório, em cada teste, acompanhar tantos nascimentos, ver nas entranhas de um espaço institucional germinar tantas sementes de desejo fez/faz com que eu acredite que ações como essa são possibilidade de criação de impossível-possível. Pequenas-grandes revoluções. Que essas sementes de desejo sigam germinando e brotando utopias reais.

Aires, Renata Froan e Iana Soares durante abertura de processo na sala imersiva do MIS

foto: Deivyson Teixeira





Sumário

7. Daquilo que não sabemos que sabíamos... 10. Aquilo que sempre soube e tudo que seguirá entre o mistério, o sonho e a vida / Jana Soares... 14. Abertura de Processo... 16. Gustavo de Paula... 22. Náçila Gonçalves... 28. zwaga adiga ovack... 34. Sabrina Moura... 40. Tea Marcelo... 46. Lúvio... 52. Duda... 58. Camila Albuquerque... 64. Danz... 70. Chaplin Cearense (Apollo)... 76. Jeff Santos... 82. Plantomorfo... 88. Sid... 94. Taís Monteiro... 100. Marília Oliveira... 106. Crizpada... 112. Erika Miranda (Cigana)... 118. Pesquisa Curatorial / Felipe Camilo + Clébson Francisco + David Felício + Jorge Silvestre + Elávia Almeida + M. Dias Preto + Maria Macêdo... 130. Nutrido o apocalipse do mundo de quem nos mata / Aires... 136. Da utopia materializar os sonhos (ou sobre as pequenas revoluções) / Bonata Froan... 140. Não digam que fui rebotinho: uma curadoria indisciplinar a partir de (e para) Carolina M. de Jesus/ Hélio Menezes... 142. Laboratório dos projetos impossíveis/ Ana Baylander... 146. O início, o meio e muitos fins / Batman Zarzeve... 150. O fim é um pontual / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 156. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 162. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 168. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 174. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 180. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 186. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 192. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 198. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 204. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 210. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 216. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 222. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 228. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 234. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 240. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 246. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 252. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 258. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 264. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 270. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 276. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 282. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 288. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 294. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 300. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 306. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 312. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 318. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 324. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 330. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 336. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 342. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 348. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 354. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 360. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 366. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 372. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 378. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 384. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 390. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 396. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 402. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 408. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 414. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 420. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 426. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 432. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 438. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 444. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 450. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 456. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 462. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 468. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 474. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 480. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 486. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 492. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 498. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 504. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 510. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 516. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 522. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 528. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 534. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 540. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 546. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 552. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 558. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 564. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 570. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 576. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 582. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 588. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 594. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 600. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 606. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 612. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 618. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 624. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 630. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 636. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 642. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 648. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 654. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 660. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 666. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 672. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 678. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 684. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 690. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 696. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 702. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 708. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 714. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 720. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 726. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 732. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 738. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 744. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 750. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 756. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 762. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 768. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 774. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 780. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 786. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 792. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 798. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 804. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 810. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 816. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 822. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 828. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 834. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 840. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 846. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 852. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 858. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 864. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 870. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 876. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 882. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 888. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 894. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 900. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 906. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 912. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 918. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 924. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 930. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 936. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 942. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 948. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 954. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 960. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 966. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 972. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 978. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 984. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 990. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 996. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta... 1000. O que é um projeto / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta...



Não digam que fui rebotinho: uma curadoria indisciplinar a partir de (e para) Carolina M. de Jesus

Hélio Menezes

Antropólogo e internacionalista pela Universidade de São Paulo e affiliated scholar do BrazilLab, da Universidade de Princeton. É um dos curadores da 35ª edição da Bienal de São Paulo, que acontece em 2023. Foi curador de arte contemporânea do Centro Cultural São Paulo de 2019 a 2021. Alguns de seus trabalhos mais recentes são Carolina Maria de Jesus: Um Brasil para os brasileiros (IMS Paulista), Histórias Afro-Atlânticas (MASP e Instituto Tomie Ohtake) e dos brasis (Sesc).

Nesta aula aberta, Hélio Menezes compartilhou com o público o processo de construção da exposição “Carolina Maria de Jesus: um Brasil para os brasileiros”. Apresentando os desafios que envolveram o pensar e montar a mostra de modo que a autora fosse apresentada em seus próprios termos e em sua multiplicidade, para além da alcunha de “escritora favelada”. Com imagens de Carolina e das obras que participam da exposição, Menezes trará as etapas da pesquisa e os desafios de uma abordagem extradisciplinar (e indisciplinada) que deram corpo à exposição, elucidando as escolhas desse projeto que propôs um diálogo entre produção escrita, visual e sonora de Carolina e as artes visuais contemporânea e de sua época.

No QR Code acima você pode assistir à aula.

140

Aula aberta com Hélio Menezes

foto: Deivyson Teixeira



Sumário

7. Daquilo que não sabemos que sabíamos... 10. Aquilo que sempre
soube e tudo que seguirá entre o mistério, o sonho e a vida / Jana
Soares... 14. Abertura de Processo... 16. Gustavo de Paula... 22.
Náçila Gonçalves... 28. zwaga adica ovack... 34. Sabrina Moura
40. Tea Marcelo... 46. Lívio... 52. Duda... 58. Camila Albuquerque
64. Danz... 70. Chaplin Cearense (Apelo)... 76. Jeff Santos... 82.
Plantomorfo... 88. Sid... 94. Taís Monteiro... 100. Marília Oliveira
106. Crizpada... 112. Erika Miranda (Cigana)... 118. Pesquisa
Curatorial / Felipe Camilo + Clébson Francisco + David Felício +
Jorge Silvestre + Elávia Almeida + M. Dias Preto + Maria Macêdo
130. Nutrido e apocalipse do mundo de quem nos mata / Aires
136. Da utopia materializar os sonhos (ou sobre as pequenas
revoluções)/ Bonata Eroan... 140. Não digam que fui rebotalho, uma
curadoria indisciplinar a partir de (e para) Carolina M. de Jesus/
Hélio Menezes... 142. Laboratório dos projetos impossíveis/ Ana
Raylander... 146. O início, o meio e muitos fins / Batman Zarazeva
150. Nunca é um ponto final / Ana Cecília Soares e Lúcio Pimenta
154. Registros da abertura de processo... 174. O povo MIS

Laboratório dos projetos impossíveis

Ana Raylander

Artista e pesquisadora, sua produção concentra-se em atividades de longa duração, podendo envolver grupos de pessoas para colaboração e experiências de ajuntamentos.

142

O convite para colaborar com o Ateliê de Criação “Daquilo que não sabemos que sabíamos”, no recém inaugurado complexo do Museu da Imagem e do Som do Ceará Chico Albuquerque, deu-se pela minha atuação como artista, mas também, principalmente, por estar conectada com o campo da educação não formal e seus processos político-pedagógicos. Venho trabalhando em projetos que permitam continuidade. Dedicando-me a proposições que se desenvolvem ao longo de um determinado período, como longas horas em performance, meses de articulação em grupo e até anos de insistência num mesmo assunto ou objetivo. Esse é um ponto fundamental a se destacar para compreender a ambição da proposta que levei ao Ateliê de Criação.

Os encontros articulados pelo “Laboratório dos projetos impossíveis” buscaram estimular a criação de projetos que os participantes julgavam ser da ordem do irrealizável. Nosso foco era trabalhar a categoria “impossível” como um mecanismo de produção de abismos entre sujeitos. Deixando de lado o que noções como “categoria” e “impossível” podem evocar no imaginário corrente, isto é, algo da ordem do universal, da ciência física e da matemática, ou algo que abarca todo o mundo, interessa aqui saber onde elas marcam a diferença: no lugar de “é humanamente impossível voar” nós nos perguntamos “a quais pessoas é possível voar, mesmo sendo humano?”.

É olhando para o possível que percebemos o abismo gerado pela categoria do impossível; é quando percebemos que na ausência do primeiro nos resta o segundo, que olhamos para o abismo e, talvez, ele nos olhe de volta com a sua capacidade intimidatória. Talvez, toda essa cambalhota epistemológica nos faça

querer contemplar abismos como o amor, e perguntando “para quem é possível amar?” é que nos deparamos com o abismo daqueles para os quais o amor é impossível.

Apercebendo os contornos raciais, econômicos, geográficos e cognitivos que sublinham esse impossível, nós nos empenhamos em exercícios aparentemente banais, em que transformamos ideias difíceis de serem executadas em projetos que continham agência, materialidade e produziam encanto no mundo. Utilizando recursos acessíveis, como a voz, a palavra, o diagrama e o próprio corpo, empenhamos em dar tónus às ideias que surgiam durante os encontros. Na tentativa de romper com lugares de subalternidade, precariedade e com a realidade nos “trapos de mundo”, o laboratório buscou, também, inscrever suas ideias em outras instâncias de tempo, de corpo e de espaço. Desdobrando-se em experimentos divertidos e engraçados, por vezes grotescos, afetivos e em práticas que cruzaram conhecimentos de diversas ordens.

A passagem do laboratório no MIS-CE deu-se na inauguração do Ateliê de Criação, sendo o primeiro de um conjunto de ciclos que ocorreram no segundo semestre de 2022. E sendo “Laboratório dos projetos impossíveis” uma proposta que lida com a criação, o desenvolvimento e a soluções de projetos, vivenciá-lo, logo no início do Ateliê de Criação, permitiu olhar as várias faces que a pesquisa poderia apontar. Mesmo que, no início, as propostas encontrassem-se em estágio embrionário, foi possível trabalhar e retrabalhar nuances e detalhes. Desejo que encontremos um pouco de possível no impossível que cada pesquisa apresentada nesta publicação revela.

Ana Raylander Martís dos Anjos, realizando a oficina “Laboratório dos projetos impossíveis”, nos dias 24 a 28 de outubro de 2022

foto: Deivyson Teixeira





Sumário

7. Daquilo que não sabemos que sabíamos	10. Aquilo que sempre soube e tudo que seguirá entre o mistério, o sonho e a vida / Jana Soares
14. Abertura de Processo	16. Gustavo de Paula
22. Nárcia Gonçalves	28. zwaga adica ovack
34. Sabrina Moura	40. Tea Marcelo
46. Lívio	52. Duda
58. Camila Albuquerque	64. Danz
70. Chaplin Cearense (Apelo)	76. Jeff Santos
82. Plantomorfo	88. Sid
94. Taís Monteiro	100. Marília Oliveira
106. Crizpada	112. Erika Miranda (Cigana)
118. Pasquisa	Curatorial / Felipe Camilo + Clébson Francisco + David Felício + Jorge Silvestre + Flávia Almeida + M. Dias Preto + Maria Macêdo
130. Nutrido e apocalipse do mundo de quem nos mata / Aires	136. Da utopia materializar os sonhos (ou sobre as pequenas revoluções) / Bonata Ercan
140. Não digam que fui rebotalho, uma curadoria indisciplinar a partir de (e para) Carolina M. de Jesus / Hélio Menezes	142. Laboratório dos projetos impossíveis / Ana Baylander
146. O início, o meio e muitos fins / Batman Zarazeve	150. Nunca é um ponto final / Ana Cecília Soares e Lúcio Pimenta
154. Registros da abertura de processo	174. O povo MIS

O início, o meio e muitos fins

Batman Zavareze

50 anos, 1,81m de altura, pardo, com cabelo curto e cada vez mais calvo, olhos escuros, nariz largo e boca carnuda. Casado com Mirian há 25 anos, pai de Luca e Ugo, é da 2ª geração (da família) que chegou à universidade, com avós suburbanos que mal sabiam ler. É a força da transformação oriunda da educação. Segue fazendo e aprendendo, aprendendo e compartilhando. Curioso, curador, artista visual, diretor de arte, diretor artístico, designer e provocador.

146

Quando entrei, pela primeira vez, no Museu da Imagem e do Som do Ceará, ainda em obras, pensei: preciso me perder e reencontrar com os muitos “Cearás” para os quais um dia fui apresentado. Da poesia à religiosidade, da musicalidade à artesanania, da sua urbanidade litorânea às áridas paisagens sertanejas, dos seus silêncios aos seus encantadores sotaques.

Na ocasião, um ano antes da inauguração, estávamos ali a planejar, criar, produzir e prototipar a experiência imersiva audiovisual “Ontem Choveu No Futuro”, buscando e encarando o desafio de retratar o mosaico dessas muitas potências artísticas dos “Cearás”, por meio de múltiplas e simultâneas projeções.

Essa obra é, intencionalmente, inacabada porque ela não tem início e, por isso, nunca terá fim. Você adentra na experiência a qualquer hora e sai dela quando for do seu desejo.

A experiência imersiva, talvez, seja a principal característica do novo cinema extrapolado, com as muitas possibilidades que os recursos de “video-mappings” (re)criam. São narrativas e técnicas atravessadas por diversificadas linguagens que, tempos atrás, eram soberanas e fechadas em suas especificidades, sem cruzamentos entre a tela e o espaço, sem interatividade, sem multiplicidade de linguagens artísticas. Hoje, essa fronteira foi implodida.

Seguindo minha caminhada, fiz uma aula magna no dia seguinte à inauguração. Como estava assumidamente perdido, descobrindo e aprendendo, chamamos a aula de “Eu me interessei pelas coisas que nunca fiz”. Ela aconteceu com imagens projetadas em 360°, na sala imersiva desse Museu, um recurso inusitado para uma palestra.

Ecoando Clarice Lispector, como um mantra de meus processos criativos, eu só pensava: “Perder-se também é caminho”. Tudo o que o MIS-CE propõe a mim e envolve, leva-me a pensar: sei como vou entrar, mas não imagino como sairei.

Em seguida, poucos meses depois naquele mesmo ano, fizemos juntamente com 44 artistas locais uma construção coletiva e totalmente horizontalizada para o ateliê imersivo “Mestre é Quem de Repente Aprende”. Mais do que o resultado, nesse processo de criação, fomos

fazendo e aprendendo, aprendendo e fazendo, sem definir previamente o que vinha primeiro. Esse método artesanal-digital resultou na obra audiovisual “Cora-gem”, um longa-metragem de 52 minutos, distribuídos em 5 telas simultâneas. E, novamente, estávamos no espaço mais sedutor desse Museu: sua Sala Imersiva.

Posteriormente, quando fui convidado para colaborar como tutor no ateliê criativo “Daquilo que Não Sabemos que Sabíamos”, novamente me preparei e posicionei-me para um mergulho às cegas em águas profundas.

O novo desafio foi ocupar espaços inimagináveis desse novo museu: os corredores, as salas de restauração, a fachada externa, a cozinha, o jardim, e outros jamais estabelecidos como lugares expositivos. Como imantar de poesia e encantamento essas outras ambiências? Sabe aquelas coisas que não sabemos, mas que, no fundo, sabemos que sabíamos? Ocupar é uma forma poética de ressignificar nossos territórios, sem grandes e precisas explicações racionais.

E, aqui, surgiu o desejo de estar no campo do improvável e, deste ponto, partir para praticar meus, nossos devaneios, sem mensurar onde iríamos, onde estaríamos e o que iríamos vivenciar em trocas, elaborações e realizações de ideias. Nessa nova caminhada, em parceria com o MIS-CE, surgiu esse novo desafio, junto com uma diversidade de artistas com muitas habilidades distintas para, amorosamente, ocupar todos os espaços possíveis, num desvio instigante.

Para começo de conversa, incorporamos a sina dos paleontólogos, que se autodefinem como pessoas que vivem de buscar algo que nunca perderam. Era visível nos artistas participantes uma busca por algo novo e indizível. E isso contaminou de forma transversal, ousado dizer, transformadora, a equipe de Coordenação de Educação e Formação do MIS-CE para co-criar/produzir/organizar, enfim, fazendo com que saíssem dos seus ofícios e rotinas cotidianas para mergulhar no fazer artístico. Todos viraram artistas-produtores, artistas-gestores, artistas-coordenadores.

Um ateliê multidisciplinar dessa dimensão sempre deixa um legado imaterial em quem o cria e produz, em quem orienta e em quem expõe e se dispõe a fazê-lo. Une

e fortalece nossas mentes, junto ao maior projeto final possível e desejável: a EXPERIÊNCIA.

Diante de um dia a dia cada vez mais tecnologizado, majoritariamente contaminado pela visão e pela audição, a ideia é somar sensibilidades e saberes, compartilhar e apontar para muitas direções, até a faísca pegar. Para isso, nada melhor que viver um processo imersivo multissensorial, onde o paladar, o olfato e o tato também entrem neste jogo. Tudo isso estava lá nas criações do Ateliê.

Transformar o que vivemos em criações concretas é puro delírio e divertimento. Hoje, diante de tantas incertezas com o futuro do futuro, a seta é trabalhar na primeira pessoa do plural, coletivamente, para abrir novos caminhos. Precisamos ser generosos, escutar e rever o Brasil, o mundo, com o olhar do outro, um exercício (in)disciplinado para resistir e existir, reexistir. Já que estamos embaralhados, o que aconteceu no ateliê criativo “Daquilo que Não Sabemos que Sabíamos” foi uma completa antropofagia das técnicas e regras convencionais.

“Daquilo que Não Sabemos que Sabíamos” foi realizado com artistas cearenses destemidos, com escuta e personalidade e só foi possível porque estavam todos agarrados a um olhar de antevisão, um desejo de criarmos nossas memórias futuras. Caminhando, perdendo-se e, porque não, desviando e desvelando nossas rotas, com repertórios híbridos e provocadores.

A experiência de viver tudo isso foi, é e sempre será o maior dos acontecimentos.

Pois, pronto!

Batman Zavareze ministrando a oficina “Eu me interesso pelas coisas que nunca fiz”.
Durante os dias 9, 10 e 11 de novembro 2022





Sumário

7. Daquilo que não sabemos que sabíamos... 10. Aquilo que sempre soube e tudo que seguirá entre o mistério, o sonho e a vida / Jana Soares... 14. Abertura de Processo... 16. Gustavo de Paula... 22. Náçila Gonçalves... 28. zwaga adica ovack... 34. Sabrina Moura... 40. Tea Marcelo... 46. Lívio... 52. Duda... 58. Camila Albuquerque... 64. Danz... 70. Chaplin Cearense (Apelo)... 76. Jeff Santos... 82. Plantomorfo... 88. Sid... 94. Taís Monteiro... 100. Marília Oliveira... 106. Crizpada... 112. Erika Miranda (Cigana)... 118. Pasquiza Curatorial / Felipe Camilo + Clébson Francisco + David Felício + Jorge Silvestre + Flávia Almeida + M. Dias Preto + Maria Macêdo... 130. Nutrido e apocalipse do mundo de quem nos mata / Aires... 136. Da utopia materializar os sonhos (ou sobre as pequenas revoluções) / Bonata Eroan... 140. Não digam que fui rebotalho, uma curadoria indisciplinar a partir de (e para) Carolina M. de Jesus / Hélio Menezes... 142. Laboratório dos projetos impossíveis / Ana Baylander... 146. O início, o meio e muitas fins / Batman Zarzevo

150. Nunca é um ponto final / Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta
154. Registros da abertura de processo... 174. O novo MIS

Nunca é um ponto final

Ana Cecília Soares

Jornalista, curadora e editora da Revista Reticências. Doutoranda pelo PPGArtes da UFMG, e mestre em Artes pelo PPGArtes da UFC. É uma das organizadoras dos livros “O Silêncio das Coisas: Herbert Rolim” e “Somos os que foram: 10 anos do Coletivo Aparecidos Políticos”.

Júnior Pimenta

Artista visual, vive em Fortaleza, mestre em Artes, pelo PPGArtes– Universidade Federal do Ceará. É editor da Revista Reticências, membro do conselho editorial das revistas Arte ConTexto e Canguru.

150

Um trabalho de arte é consequência da ação/interrelação de inúmeros eventos e fatores que não podem ser tratados dentro de uma perspectiva linear e rígida. Mas, vai se costurando como uma espécie de rede orgânica e maleável, sem começo, meio e fim determinados, estando passível a um eterno experienciar. Segundo a pesquisadora Cecília Salles, “devemos aprender a lidar com a criação na perspectiva temporal onde tudo se dá na continuidade, ao longo do tempo – no universo do inacabamento” (2008, p. 37). Uma obra é, portanto, um corpo em conexão com a vida do artista, com aquilo que ele apreende e vivencia através do seu embate com o mundo.

Nesse sentido, chamamos atenção para pensarmos o museu como lugar do/para o processo de criação. Um espaço não só de contemplação, mas também de fruição, aprendizado e trocas significativas para a concepção de uma obra. A instituição museológica como um ateliê aberto ao percurso sensível do artista é, sem dúvidas, um caminho necessário para o desenvolvimento da experiência artística. Fator este que tivemos a oportunidade de presenciar na prática, por meio do acompanhamento dos processos dos artistas participantes do Ateliê de Criação “Daquilo que não sabemos que sabíamos”, do Museu da Imagem e do Som do Ceará (MIS-CE).

A nossa participação no projeto ocorreu em dois momentos distintos: primeiro, fomos convidados para realizar uma oficina sobre as questões e as singularidades que podem permear um processo de criação, assim como para auxiliar os artistas no entendimento de seus próprios percursos poéticos, buscando mostrar que “pensar é experimentar, mas a experimentação é sempre o que se está fazendo [...] O que se está fazendo não é o que acaba, mas menos ainda o que começa” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 143). Quanto ao segundo momento, a nossa missão foi estimular o grupo a desenvolver um livro, uma publicação que não fosse entendida como um catálogo, mas que funcionasse como outro espaço de experimentação,

no qual cada um pudesse trazer/compartilhar, com o público, fragmentos e elementos de suas pesquisas que, muitas vezes, não são visíveis no trabalho “final” apresentado.

O livro, portanto, tem por objetivo trazer essas nuances, desvelando um pouco algumas camadas do lugar da criação. E, em meio à complexidade existente por trás da obra de cada artista, algo que os une é, exatamente, seus percursos criativos. Cada poética é um universo, mas isso não significa que os artistas vivem isolados em si mesmos, ao contrário, aqui, enquanto participantes de um grupo, foram e são atravessados pelas pesquisas uns dos outros. É importante entender, também, o lugar de partilha, encontrar nossos pares de diálogo (saber quem está do nosso lado, no “front”) e articular as interlocuções desenvolvidas pelo contágio entre as poéticas.

Os trabalhos estão finalizados ao serem apresentados? Podem se desdobrar em outros? Mais que ter certezas, precisamos assumir o acaso, o “erro” e, mesmo, a intuição dentro desse processo de criação. Compreender que cada artista tem seu percurso e que determinadas soluções podem funcionar para uns e não para todos, como uma fórmula adequada a ser replicada. É preciso, sobretudo, encontrar o nosso caminho no lugar da experimentação e é, nesse sentido, que a obra vai ganhando corpo. O conceito-guia deste Ateliê, pautado nas fabulações de Mia Couto, em que os murmúrios de uma língua desconhecida convergem lembranças de antes de se ter a memória; vem ao encontro do lugar de da criação do qual, na maioria das vezes, partimos e chegamos, com o sentimento “daquilo que não sabíamos que sabíamos”, o percurso é, pois, o propulsor de possíveis...

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. O que é filosofia? Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

SALLES, C. A. Redes da criação: construção da obra de arte. 2. ed. São Paulo: Horizonte, 2008.

Ana Cecília Soares e Júnior Pimenta
realizando a oficina “Adentrar processos
para pensar um livro”, nos dias 13, 14 e 15 de
dezembro 2022 no MIS

foto: Deivyson Teixeira





Daquilo que não sabemos que sabíamos

Registro da abertura de processo dos trabalhos do Ateliê de Criação
realizado nos dias 24 e 25 de fevereiro de 2023, ocupando
vários espaços do MIS.

154



Gustavo de Paula

foto: Deivyson Teixeira



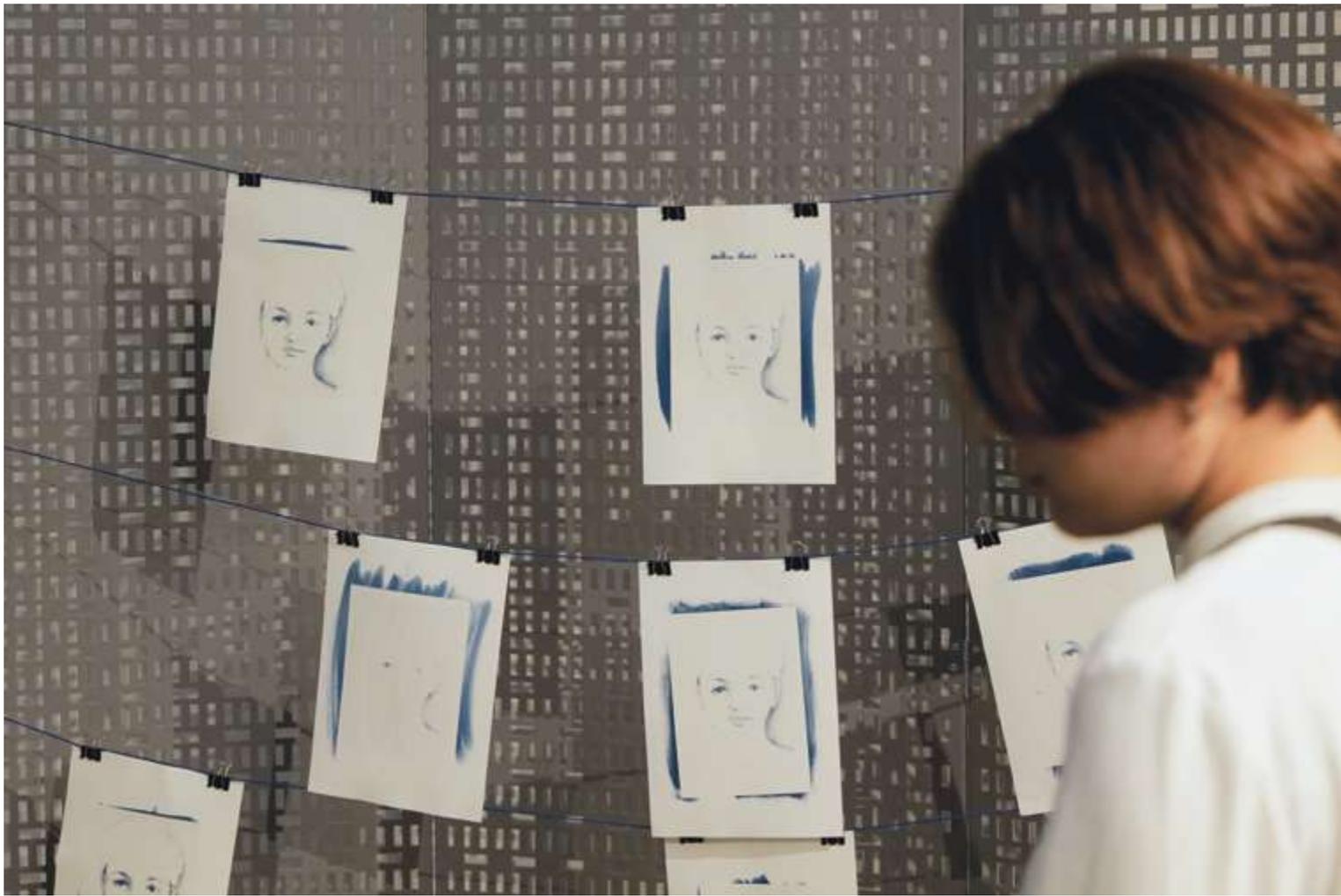
Nágila Gonçalves

foto: Deivyson Teixeira



zwanga adjoa nyack

foto: Natália Magalhães



Sabrina Moura

foto: Deivyson Teixeira



Tea Marcelo

foto: Deivysom Teixeira



Lívio

foto: Deivyson Teixeira



Duda

foto: Deivyson Teixeira



Camila Albuquerque

foto: Deivyson Teixeira



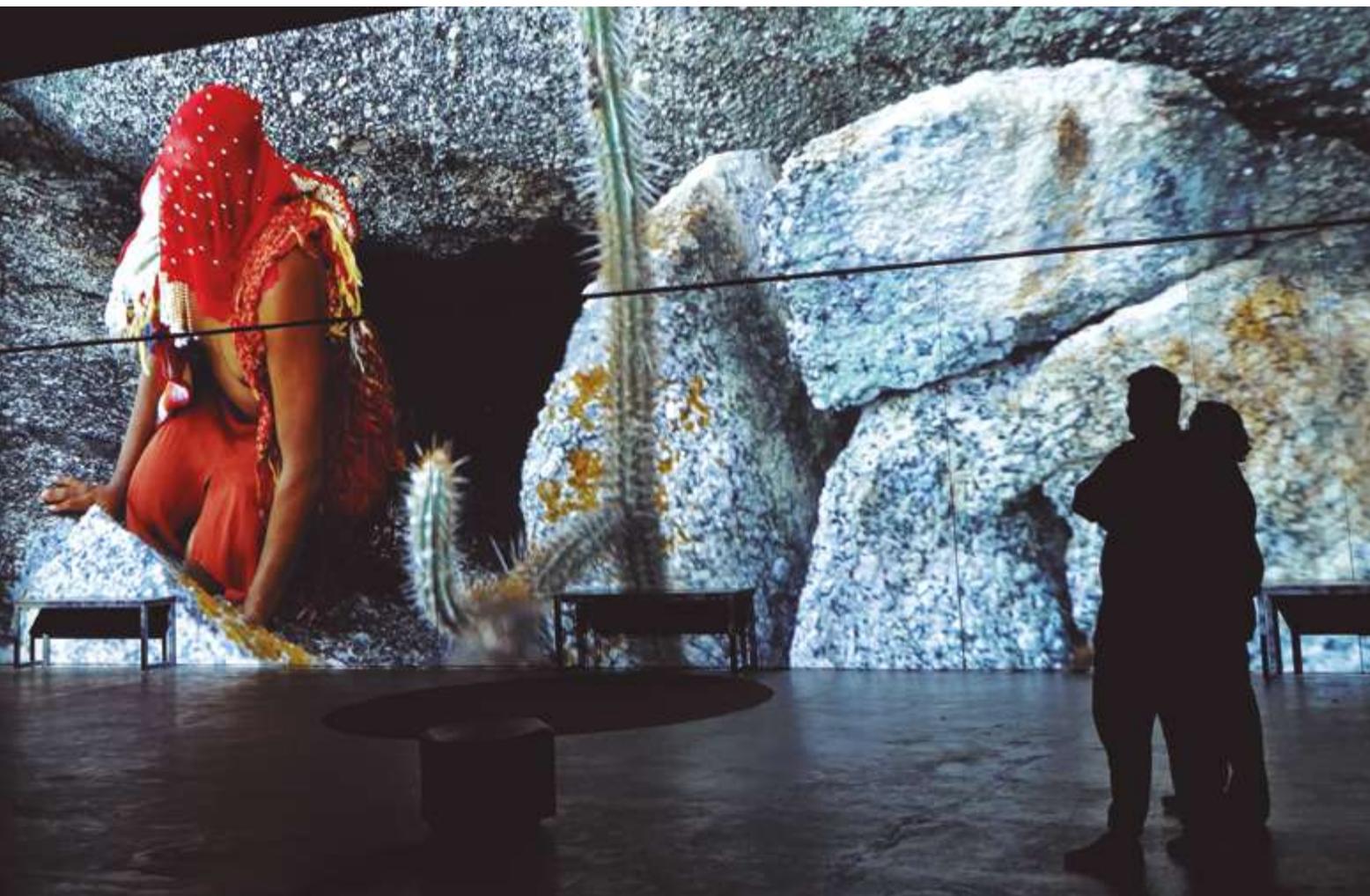
Danz

foto: Deivyson Teixeira



Chaplin Cearense (Apolo)

foto: Deivyson Teixeira



Jeff Santos

foto: Deivyson Teixeira



Plantomorpho

foto: Deivysen Teixeira



Sid

foto: Deivyson Teixeira



Taís Monteiro

foto: Deivyson Teixeira



Marília Oliveira

foto: Deivyson Teixeira



Criznada

foto: Deivyson Teixeira



Erika Miranda (Cigana)

foto: Deivyson Teixeira

Pesquisa curatorial sendo apresentada
na sala imersiva do MIS





foto: Delverson Teixeira

Sobre o MIS

174

O Museu da Imagem e do Som do Ceará (MIS-CE) é um equipamento cultural, físico e virtual, responsável pela preservação, difusão e pesquisa da memória audiovisual do Estado, com ênfase na cultura, na antropologia, na história, na política e nas tradições populares. O espaço integra a Rede Pública de Equipamentos Culturais da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará (Secult Ceará), com gestão em parceria com o Instituto Mirante.

O MIS-CE tem a missão de ampliar o acesso da sociedade ao acervo audiovisual, fotográfico e sonoro do Ceará, estimulando e desenvolvendo pesquisas e atividades científico-culturais, educacionais e formativas, para reconhecer, preservar e difundir o patrimônio material e imaterial, em consonância com o imaginário das comunidades cearenses. O espaço fundamenta-se no conceito de Simpoiesis, de M. Beth Dempster, que significa “fazer com, juntos”. Uma instituição museológica democratizadora, inclusiva e polifônica que garante direitos e acesso iguais ao patrimônio a todas as pessoas. Pensado através de diversos eixos de gestão, planejamento e monitoramento de resultados, o museu visa a estimular a produção cultural no estado do Ceará, no campo da imagem e do som.



ACERVO E ESTRUTURA

O acervo do MIS-CE é composto por discos de música brasileira e internacional (de 78, 45 e 33 e ½ rotações) em CDs e fitas de áudio, de rolo, cassete e microcassete. O arquivo é composto por imagens fotográficas, digitais e físicas, de Fortaleza antiga, de outros municípios cearenses, de personalidades, festas e artistas populares. Ainda compõem o acervo cromos e negativos, filmes de diretores cearenses, registros de danças, festas da Cultura Tradicional Popular, além de cordéis, partituras, depoimentos de personalidades do Ceará e muitos outros objetos que contam a história do Estado, registrados em suportes audiovisuais.

A estrutura do espaço conta com laboratórios de conservação e higienização, laboratório de digitalização e restauro digital, laboratório fotográfico, reserva técnica ampla climatizada, ambiente para pesquisa e catalogação, estúdio de áudio, de mixagem e restauro de áudio, estúdio de vídeo e ilhas de edição, além de diversos espaços expositivos e pedagógicos, com equipamentos digitais interativos. O museu é composto por equipamentos de última geração, para cumprir todas as atividades necessárias na conservação, na digitalização e no restauro digital de acervos imagéticos, sonoros e audiovisuais.

HISTÓRIA

Inaugurado em 1980, o Museu da Imagem e do Som do Ceará teve sua primeira sede no subsolo do prédio da Biblioteca Pública Estadual do Ceará (Bece), também equipamento da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará. Em 1996, após reestruturação, o museu passou a ocupar a sua atual sede, situada na avenida Barão de Studart, 410. A casa que atualmente abriga o MIS-CE possui tombamento estadual e foi projetada pelo arquiteto José Barros Maia (Mainha), em 1951, com arquitetura sóbria e harmoniosa, jardins e flores, além da proteção de dois leões de porcelana vindos da cidade do Porto, em Portugal. O MIS-CE passou por uma reestruturação, iniciada no ano de 2018, com a construção de um prédio anexo de cinco andares, situado ao lado do casarão, que

oferece novos espaços e equipamentos de última geração, relacionados às áreas de atuação do museu. Nas cercanias, há ainda o conjunto arquitetônico do Palácio da Abolição, atual sede da administração estadual. O Museu teve sua reinauguração no dia 31 de março de 2022.

SOBRE O INSTITUTO MIRANTE

Mirante, miradouro, lugar de onde se pode olhar para um largo horizonte. Mirante é um lugar de onde é possível apreciar uma vista panorâmica. Mirar possibilidades para as manifestações culturais do Ceará é o gesto que faz nascer o Instituto Mirante de Cultura e Arte. É no ano de 2020, a partir da reunião de entusiastas da arte e da cultura cearense, envolvendo professores, gestores e pesquisadores, que o Instituto Mirante se torna uma associação sem fins lucrativos, sendo qualificada pelo Poder Executivo do Estado do Ceará como Organização Social, na forma da Lei Estadual nº 12.781, de 30 de dezembro de 1997 e suas alterações posteriores, mediante a edição do Decreto nº 34.237, de 13 de setembro de 2021.

Valorizar, proteger, incentivar e fomentar o patrimônio histórico e cultural, tangível e intangível, são as ações norteadoras que tomam o Instituto Mirante para promover a difusão, a fruição e a ampliação do acesso às manifestações culturais, artísticas e seus recursos naturais.

Neste contexto, em 25 de fevereiro de 2022, firmase uma parceria potente e frutífera, por meio do Contrato de Gestão 01/2022, com a Secretaria de Cultura do Estado do Ceará (Secult Ceará). Desde então, totalizam três contratos envolvendo 8 (oito) equipamentos culturais da cidade de Fortaleza e da região do Cariri, são eles: Museu da Imagem e do Som, Estação das Artes, Pinacoteca, Centro de Design, Mercado Alimenta CE, Museu Ferroviário, Sobrado Doutor José Lourenço e Centro Cultural do Cariri. Hoje, estes equipamentos consolidam-se, no Estado do Ceará, como referências em inovação, diversidade e fortalecimento das manifestações artísticas e do patrimônio cultural.

Fala do diretor do MIS, Silas de Paula durante a mostra de abertura de processo do ateliê de criação





GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ

Elmano de Freitas da Costa

Governador do Estado do Ceará

Jade Afonso Romero

Vice-governadora do Estado do Ceará

Luisa Cela de Arruda Coelho

Secretária da Cultura do Estado do Ceará

Gecíola Fonseca Torres

Secretária Executiva de Planejamento e Gestão Interna da Cultura

INSTITUTO MIRANTE DE CULTURA E ARTE

Tiago Santana | Diretor Presidente

João Wilson Damasceno | Diretor Executivo

Marília Marinho | Diretora Administrativo-Financeira

MUSEU DA IMAGEM E DO SOM DO CEARÁ CHICO ALBUQUERQUE

Silas de Paula | Diretor

Zoraia Nunes | Diretora Adjunta

Analine Fernandes | Coordenadora Administrativa Financeira

César Barreto | Coordenador de Laboratórios

Iana Soares | Coordenadora de Educação e Formação

João Paulo Vieira | Coordenador de Acervo e Pesquisa

Marquinhos Abu | Coordenador de Difusão e Ação Cultural

Ricardo Avelar | Coordenador de Comunicação e Desenvolvimento Institucional

Camile Queiroz | Assessora de Comunicação

Angelique Abreu | Gerente Operacional

Leliana Lopes | Gerente de TI

COORDENAÇÃO DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO

Iana Soares | Coordenadora

Yan Belém | Supervisor Pedagógico

Aires Furtado Chagas, Carol Rodrigues, Hitalo Pandit, Viviane Lima | Arte-educadores

Alisson Freitas, Ana Paula Braga, Chica Silva, Elen Andrade, Garu Pirani, Julianne Pinheiro, Nair Beatriz, Nágila Gonçalves | Ação Educativa

Nicolle Campos, Mikael da Silva | Intérprete de Libras

COORDENAÇÃO OPERACIONAL

Angelique Abreu | Gerente Operacional

Roberto Igor | Supervisor de Manutenção

Aládia Vieira, Gabi Silva, Karol Vinuto, Paloma Souza | Recepcionistas

COORDENAÇÃO DE LABORATÓRIOS

Cesar Barreto | Coordenador

Alan Emmanuel Oliveira dos Santos | Impressor

David Felício Araújo | Técnico de Preservação, Conservação e Digitalização

Gabriela Dantas | Analista de Preservação, Conservação e Digitalização

COORDENAÇÃO DE ACERVO E PESQUISA

João Paulo Vieira | Coordenador

Maria Eliene Magalhães | Coordenadora de Pesquisa

Milena Santos | Museóloga

Charlyne Cavalcante Moraes | Analista – Catalogação, Documentação e Gestão de Acervo

Raimundo Nonato Batista Júnior | Técnico Especialista – Documentação, Catalogação e Gestão de Acervo

Hailla Krulicoski | Auxiliar Educativa

Leilane Lucena | Bibliotecária

Ivan Ribeiro | Analista de Biblioteca

COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL

Ricardo Avelar | Coordenador

Marcus Monteiro | Designer

Willder Azevedo | Desenvolvedor

Wlândia Costa | Analista de Mídias Sociais

COORDENAÇÃO ADMINISTRATIVA FINANCEIRA

Analine Fernandes | Coordenadora

Eliane da Costa Nascimento (Ane) | Analista de compras

Ronalice Firmino da Silva | Analista Financeiro

COORDENAÇÃO DE DIFUSÃO E AÇÃO CULTURAL

Marquinhos Abu | Coordenador

Juliana Lins | Coordenadora de Produção

Pedro Felipe | Produtor e Programador Cultural

Georgiane Carvalho e Gil Sousa | Assistentes de Produção

Natália Magalhães | Videomaker

Deivyson Teixeira | Fotógrafo

Marcelo Rossas | Engenheiro de som

Marcos André | Técnico de Edição de Som e Imagem

Márcio Paiva | Técnico de Sonorização

Priscila Araújo | Técnica de Iluminação

Gustavo Ribeiro | Técnico de Iluminação

Lígia Bessa e Laura Virginia | Galeristas

COORDENAÇÃO DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO

Leliana Lopes | Gerente de TI

Lucas Martins | Técnico de Broadcast

Sebastião Júnior | Analista de helpdesk

Allan Oliveira | Analista de helpdesk

es
ia Soares
ylander
ense (Apolo)
Zavareze
ouquerque
ancisco
na
nz
elíc
da
da (gana)
milo
lmeida
de Paula
enezes
oares
antos
ilvestre
imenta
io
Pret
la edo
Oliveira
onçalves
morpho
Eroan
Ma
d
onteiro
arcelo
lioa nvack

oique

oíaum

